

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS**

**CAROLINA SAMARA RODRIGUES**

**CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O PARAGUAI:  
O *IMPEACHMENT* DE FERNANDO LUGO**

**DOURADOS – MATO GROSSO DO SUL**

**2015**

**CAROLINA SAMARA RODRIGUES**

**CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O PARAGUAI:**

*O IMPEACHMENT* DE FERNANDO LUGO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Linguística e Transculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Lúcio de Sousa Góis.

**DOURADOS – MATO GROSSO DO SUL**

**2015**

**CAROLINA SAMARA RODRIGUES**

CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE O PARAGUAI: *O IMPEACHMENT* DE  
FERNANDO LUGO

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Marcos Lúcio de Sousa Góis

Orientador – Programa de Pós-Graduação em Letras – UFGD

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sílvia Mara de Melo

Programa de Pós-Graduação em Letras – UFGD

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vânia Maria Lescano Guerra

Programa de pós-graduação em Letras – UFMS

---

Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves

Programa de Pós-Graduação em Letras – UFGD

31 de agosto de 2015.

Dourados-MS

## DEDICATÓRIA

*À minha família, em especial, à minha mãe que sempre me incentivou e apoiou dizendo para nunca desistir e seguir sempre adiante e não fraquejar diante das dificuldades.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, ainda que não seja fácil viver.

À minha família pela paciência, tolerância e apoio nesses dias e noites que pareciam ser infundáveis, mas sim, tiveram um fim. Compreenderam minha ausência em diversos encontros familiares, almoços e festas. Enfim, a cada passo, uma escolha.

À minha vó (*in memoriam*) pelos seus ensinamentos que jamais esquecerei. Frequentadora assídua da “escola da vida”, sempre dizia: “A família ensina com amor e a ‘escola da vida’ com a dor. Por isso aproveite a oportunidade, seja vencedora!” Obrigada “Vó Coca”.

Ao Valério... quanta paciência! Um companheiro dedicado, preocupado, parceiro de verdade, nos momentos bons e ruins. E quantos momentos difíceis na minha vida. Noites e madrugadas quentes ou frias, não importa, ali estive firme e forte, sem esmorecer jamais.

Aos meus colegas de trabalho que sempre me incentivaram e ajudaram, mesmo que indiretamente, para que fosse possível estar nas aulas do mestrado na UFGD em Dourados e ministrar as aulas no IFMS em Ponta Porã.

À minha companheira de estudos, de trabalho, sobretudo, de estrada. Estrada que rendeu muitas conversas, troca de ideias, risadas, choros e, às vezes, um cochilo para descansar os olhos. Obrigada Cleide.

Aos meus colegas de mestrado que me ajudaram, me apoiaram no processo de ser pesquisadora. Para não correr o risco de me esquecer de alguém: aos colegas da turma de 2012, da qual participei como aluna especial e, sem dúvidas, aos colegas da turma de 2013, do qual fiz parte como aluna regular.

Aos professores do programa que acreditaram em mim, que me fizeram crescer, não só enquanto profissional, mas na vida. Quanta informação nova, tudo ao mesmo tempo. Que sufoco! Como uma das prisioneiras em “O mito da caverna” de Platão, presa em correntes numa caverna (o mundo, meu mundo), decidi sair e explorar a caverna por dentro e por fora. O resultado desse processo foi fantástico: conheci outra realidade e passei a enxergar as coisas com outros olhos. Existe uma “Carolina” de antes e depois do mestrado.

Por falar em acreditar, quem melhor que o meu orientador, Dr. Marcos Lúcio de Sousa Góis que sempre disse que devo “desconfiar mais”, “ousar mais”. Paradoxo, pois ele acreditou e confiou em mim, cedeu um lugar em sua vida, um lugar especial, no qual tive a oportunidade, não só, de aprender, no sentido mais genérico, mas de aprender a construir o conhecimento, pois não existem “verdades”, mas sim, “construções de verdades”. A cada palavra, a cada questionamento, a cada “puxão de orelha”, uma reflexão. Nesse processo de reflexão conclui: Meu orientador é discípulo de Sócrates! Com o seu método socrático, para cada dúvida, uma pergunta, e a cada pergunta, uma resposta? Não. Na arte de mostrar os caminhos possíveis de se chegar a uma possível resposta, outras perguntas foram formuladas e muitos textos para leitura foram sugeridos para então decidir. Uma coisa é certa: devo ser a “Senhora do meu texto”. Obrigada professor!

*É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido esquecido transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância.*

(Michel Foucault, 2004)

RODRIGUES, Carolina Samara. *Construções discursivas sobre o Paraguai: o impeachment de Fernando Lugo*. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2015, 136f. (Dissertação de Mestrado)

## RESUMO

Em 2012, ocorreu o *impeachment* do presidente paraguaio Fernando Lugo, acontecimento que a mídia brasileira deu particular atenção, dada a envergadura e implicações políticas do evento. Foi pelo encontro desses "acontecimentos" (o acontecimento político e o acontecimento midiático) que se construiu este projeto. *O Paraguai visto por brasileiros* é, para esta pesquisadora, que vivencia as tramas de um contexto de fronteira específico (Trabalha em Ponta Porã – MS / mora em Pedro Juan Caballero – Paraguai), uma forma de se compreender discursivamente como se constrói uma imagem do Paraguai. Sabe-se, *a priori*, que existe todo um dizer que remonta, pelo menos, aos anos subsequentes à Guerra da Tríplice Aliança (ou Guerra Grande, pela ótica paraguaia), ocorrida entre 1864-1870, que inferioriza a nação vizinha, tornando-a, *grosso modo*, o país da muamba, da derrota, do contrabando, da falsificação. Dizeres que estão presentes não só em conversas informais entre as pessoas, como também em textos produzidos pela mídia impressa, televisiva e virtual, como jornais, revistas, rádio, televisão. O objetivo principal desta pesquisa é, portanto, analisar discursivamente dizeres sobre o Paraguai produzidos no Brasil. Nesse sentido, delimitou-se a pesquisa pelo acontecimento *impeachment* de Fernando Lugo, a partir da construção de *corpus* temporalmente situado no ano de 2012 e seguintes, constituído por textos verbo-visuais que circularam em jornais, revistas e *blogs*, sendo analisados pela perspectiva teórica da Análise do Discurso. Inicialmente, atentar-se-á para tipos de construções irônicas e sarcásticas, razão pelas quais termos como discurso, interdiscurso, memória, sujeito, identidade, serão fundamentais para as análises. A seguir, apresentar-se-á o contexto sócio-histórico do *Impeachment* de Fernando Lugo e como se deu a trajetória desta pesquisa; depois, far-se-á uma apresentação de trabalhos correlatos acerca do tema, como por exemplo, dois trabalhos acadêmicos que contemplam o Paraguai em suas análises. O primeiro na área do jornalismo; e o segundo, na história. Esses trabalhos mostraram-nos uma possível visão a respeito da "origem" do sentido negativo para Paraguai. Logo após, apresenta-se uma breve revisão bibliográfica teórico-metodológica que norteia este trabalho; encerra-se esta dissertação apresentando análises de cinco artigos publicados em *blogs*, nos quais se encontram argumentos pró ou contra o *impeachment* de Lugo, da capa da revista *Carta Capital* e algumas charges que retratam o acontecimento. Ao final, espera-se com este texto compreender as tramas de poder que envolve os discursos a respeito do Paraguai.

**Palavras-chave:** Discurso. Ironia. *Impeachment*. Paraguai.



## RESÚMEN

En 2012, ocurrió la destitución del presidente de Paraguay, Fernando Lugo, un evento al que los medios de comunicación brasileños prestaron especial atención, dada las proporciones y las implicaciones políticas del evento. Fue el encuentro de estos "eventos" (el evento político y el evento de los medios de comunicación) que se organizó este proyecto. Paraguay visto por los brasileños es, a esta investigadora, que experimenta las tramas de un contexto de frontera específico (Trabaja en Ponta Porã - MS / vive en Pedro Juan Caballero - Paraguay), una manera de comprender discursivamente cómo se construye una imagen de Paraguay. Se sabe, *a priori*, que hay todo un decir que se remonta, al menos, a los años posteriores a la Guerra de la Triple Alianza (o Guerra Grande, en Paraguay), que tuvo lugar entre 1864-1870, lo que disminuye la vecina nación, por lo que es más o menos, el país de la *muamba*, de la derrota, del contrabando, de la falsificación. Refranes que están presentes no sólo en conversaciones informales entre las personas, así como en los textos producidos por los medios de comunicación impreso, televisivo y virtual, tales como periódicos, revistas, radio, televisión. Por lo tanto, el objetivo principal de esta investigación es analizar discursivamente los refranes sobre Paraguay que se produce en Brasil. En este sentido, se ha delimitado la investigación en el caso de la destitución de Fernando Lugo, a partir de la construcción del corpus temporalmente ubicada en el año 2012 y siguientes, que consiste en textos verbales visuales que circularon en periódicos, revistas y *blogs*, que se analiza desde la perspectiva teórica del Análisis del Discurso francés. Inicialmente, se pondrá atención en construcciones irónicas y sarcásticas, que es la razón por el cual términos como el discurso, interdiscurso, la memoria, el sujeto, la identidad, serán puntos claves para el análisis. A continuación, será presentado el contexto sociohistórico del Juicio Político de Fernando Lugo y cómo fue la trayectoria de esta investigación; entonces, de largo habrá una presentación de investigaciones correlativas al tema, como por ejemplo, dos documentos académicos que incluyen el Paraguay en su análisis. El primero en el periodismo; y el segundo en la historia. Estas obras nos mostraron una posible visión del "origen" de sentido negativo a Paraguay. Poco después, se presenta una breve revisión de la literatura teórica y metodológica que guía este trabajo; se cierra esta tesis con el análisis de cinco artículos publicados en *blogs*, de los cuáles de encuentran argumentos a favor o en contra de la destitución de Lugo, de la portada de la revista *Carta Capital* y algunas caricaturas del evento. Por último, se espera con este texto comprender las tramas del poder que involucran los discursos sobre Paraguay.

**Palabras clave:** Discurso. Ironía. *Impeachment*. Paraguay.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Cavalo paraguaio – Atlético – MG.....	20
<b>Figura 2</b>	Charge de Mario Alberto: “GAvaLO paraguaio...”.....	21
<b>Figura 3</b>	La garantía soy yo.....	81
<b>Figura 4</b>	Golpe de estado tenta derrubar Presidente Paraguaio .....	81
<b>Figura 5</b>	Enquanto isso .....	85
<b>Figura 6</b>	Made in Paraguai!.....	86
<b>Figura 7</b>	<i>Impeachment</i> do Paraguai .....	89
<b>Figura 8</b>	Democracia Paraguaia .....	92
<b>Figura 9</b>	Imagem do <i>blog</i> Aldeia Gaulesa .....	94
<b>Figura 10</b>	<i>Impeachment</i> do Paraguai.....	94
<b>Figura 11</b>	Capa da revista Carta Capital em 04/07/2012.....	96
<b>Figura 12</b>	Papa Francisco .....	98
<b>Figura 13</b>	Lugo.....	99
<b>Figura 14</b>	Golpe Paraguaio.....	100
<b>Figura 15</b>	Presidentes sul-americanos condenam <i>impeachment</i> relâmpago no Paraguai.....	101

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Fragmentos enunciativos e textos correspondentes.....	61
<b>Quadro 2</b>	Produções acadêmicas a respeito do <i>impeachment</i> de Fernando Lugo.....	118

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	12
<b>1 DA DISSERTAÇÃO: TEMA, “ESTADO DA ARTE” E PROJETO</b>	
<b>1.1. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO</b>	
1.1.1. O <i>impeachment</i> do presidente paraguaio.....	16
<b>1.2. DA PESQUISA</b>	
1.2.1. Organizando as ideias.....	19
1.2.2. Das fontes iniciais.....	22
1.2.3. O transcurso das ideias.....	29
<b>2 DA DISCUSSÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA</b>	
<b>2.1. A ANÁLISE DO DISCURSO</b>	
2.1.1 A Análise do Discurso: Percursos e percalços.....	33
2.1.2 Interdiscurso e Memória.....	40
<b>2.2 DIALOGISMO E O DISCURSO ARGUMENTATIVO</b>	
2.2.1 Dialogismo e polifonia.....	44
2.2.2 Discurso Argumentativo.....	46
<b>2.3 IRONIA, HUMOR E DERRISÃO</b> .....	48
<b>2.4 ETHOS DISCURSIVO E CENA DE ENUNCIACÃO</b> .....	54
<b>2.5 DISCURSO MUDIÁTICO E O GÊNERO <i>BLOG</i></b> .....	56
<b>2.6 O GÊNERO DISCURSIVO: CHARGE</b> .....	57
<b>3 DOS RESULTADOS: AS ANÁLISES DO <i>CORPUS</i></b>	
<b>3.1 CONSTRUÇÕES IRÔNICAS SOBRE O PARAGUAI</b> .....	62
<b>3.2 A CAPA DA REVISTA <i>CARTA CAPITAL</i></b> .....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	108
<b>APÊNDICE</b> .....	118
<b>ANEXO</b> .....	120

## APRESENTAÇÃO

[...]  
*Amante das tradições de que me fiz aprendiz  
Em mil paixões sabendo morrer feliz  
E cego é o coração que trai  
Aquela voz primeira que de dentro sai  
E às vezes me deixa assim ao  
Revelar que eu vim da fronteira onde  
O Brasil foi Paraguai*

(*Sonhos Guaranis* - Almir Sater e Paulo Simões)

A Biblioteca do Senado Federal disponibiliza, em seu *site*, informações sobre uma coleção de obras de valor histórico/cultural, de relevância para a compreensão histórica, política, econômica e social do Brasil: **O Brasil visto por estrangeiros**<sup>1</sup>. O objetivo do projeto foi reunir num mesmo espaço textos que ajudaram a construir uma imagem desse país.

Inicialmente, o desejo com nosso projeto era analisar esse conjunto da coleção, totalizando 11 livros, para compreendermos como o Brasil é retratado. No entanto, em 2012, ocorreu o *impeachment* do presidente paraguaio Fernando Lugo, acontecimento político ao qual a mídia brasileira deu particular atenção, dada a envergadura política do evento.

Foi pelo encontro desses "acontecimentos" que se construiu este projeto, ou seja, o tema "o Paraguai visto por brasileiros" é, para esta pesquisadora, que vivencia as tramas de um contexto de fronteira específico (Trabalha em Ponta Porã – MS / mora em Pedro Juan Caballero – Paraguai), uma forma de se compreender discursivamente como se constrói uma imagem do Paraguai.

Dessa forma, consideramos o contexto de região de fronteira (Ponta Porã – Brasil / Pedro Juan Caballero – Paraguai) no qual, de alguma forma, interagimos e colaboramos, enquanto sujeitos, com a (re)produção de dizeres que se referem, ainda que de maneira inconsciente, (in)diretamente a esse país, positiva e/ou negativamente. Vivenciamos de perto, enquanto sujeitos dessa fronteira, e por meio da mídia local, nacional e internacional, todo o percurso da eleição e à deposição do então presidente Fernando Lugo.

Percebemos que esses dizeres estão presentes não só em conversas informais entre as pessoas, como também em textos produzidos pela mídia impressa, televisiva e virtual, como

---

<sup>1</sup> SENADO FEDERAL. **O Brasil visto por estrangeiros**. Disponível em: <<http://livraria.senado.gov.br/o-brasil-visto-por-estrangeiros.html>>. Acesso em: 25 ago. 2013.

jornais, revistas, rádio jornalismo, telejornais. Para exemplificar, ao digitarmos a palavra “Paraguai” no buscador do Google, encontramos diferentes definições e notícias, em diversos *sites* da internet que remetem ao Paraguai bem como às suas variações. Verificamos já aí como esse termo foi noticiado em distintas situações com variados efeitos de sentidos.

Na reportagem “Paraguaia, maconha vendida em SP vem com fungos e formigas”, publicada pela *Folha de S.Paulo, on-line*, em 12 de novembro de 2012, informa que a maconha vendida em São Paulo ser quase toda produzida no Paraguai. A questão de destaque nessa notícia não era os malefícios da droga em si, e sim o fato de ela proceder do país vizinho e ser falsificada, ratificada pelo adjetivo pátrio "paraguaia". Assim, a “qualidade da maconha” foi questionada devido a sua procedência: o Paraguai, o país das falsificações.

Este trabalho de pesquisa tem como objeto analisar discursos produzidos no Brasil sobre o Paraguai, de modo mais específico, analisamos enunciados sobre o Paraguai produzidos pela mídia brasileira. Delimitamos nossa pesquisa a partir da cobertura midiática dada ao *Impeachment* de Fernando Lugo e atentamos para a construção dos dizeres sobre o acontecimento político no intuito de compreender como o Paraguai e suas variantes figuram na mídia brasileira entre 2012 e 2015.

O *corpus* de pesquisa é constituído por textos retirados de jornais, revistas e *blogs*, e apresenta um número significativo de enunciados dos quais destacamos informações acerca do acontecimento político no Paraguai supramencionado, amplamente noticiado pelos principais meios de comunicação do Brasil (impresso e digital), como as revistas *Veja* e *Carta Capital*, os jornais *Folha de S.Paulo* e *O Globo*.

Analisamos os textos publicados em *blogs*, pois entendemos que os *blogueiros* não só divulgam os acontecimentos, como também publicam suas impressões sobre os assuntos, sem muito crivo de instituições midiáticas, com uma suposta liberdade, expressam opiniões e mostram seus posicionamentos. No contexto da internet, expor ideias e opiniões ganha uma envergadura ampla que permite tanto aos autores quanto aos leitores o acesso aos diversos assuntos e, ao mesmo tempo, que os discursos estejam relativamente livres dos controles das instituições.

Após levantar os dados, delimitamos o *corpus* desta dissertação em cinco textos, retirados de *blogs*, que serão analisados a partir da interface entre a Análise do Discurso de linha francesa (doravante também AD) e a Teoria da Argumentação no Discurso. Tal opção nos permitiu uma análise discursivo-argumentativa de como os dizeres são construídos, quais

forças, elementos ideológicos, históricos e identitários se fazem presentes em enunciados que colaboram na (re)produção de estereótipos sobre o país vizinho.

Analisamos as marcas de enunciação para verificar a constituição de um *ethos* discursivo presente nos textos com o intuito de legitimar a enunciação, conquistar a adesão do leitor por meio da maneira de dizer e de ser do enunciador.

A AD, por se tratar de uma “disciplina de entremeios” (ORLANDI, 2012), interage com outras disciplinas, como a Linguística, a História, a Psicologia, a Sociologia, o que lhe permite (re)construir, pôr em xeque, sentidos que estão naturalizados pela linguagem; o analista de discursos faz um trabalho de arqueólogo na (re)construção dos sentidos. Ou seja, ele faz um trajeto, na vertical, de desconstrução dos enunciados, e retorna sentidos (re)construindo cada camada até chegar à superfície novamente. (PÊCHEUX, 2012)

Os dizeres sobre o Paraguai veiculados em *sites* à época do *impeachment* de Fernando Lugo apresentaram palavras, termos que são aceitos naturalmente pela sociedade brasileira em razão dos *preconstruídos*, dos já-ditos e da memória discursiva. Conforme Foucault (2004, p.133), são construções discursivas históricas, que têm ligação com o tempo, o espaço e as práticas discursivas. Dessa forma, nosso objetivo é ler as materialidades que se apresentaram para chegar ao objeto em questão: o discurso. (STAFUZZA; GOIS, 2014).

No primeiro capítulo, apresentamos o contexto do *Impeachment* de Fernando Lugo, os primeiros contatos com as notícias sobre o Paraguai, a proposta inicial e como se deu a trajetória desta pesquisa. Inicialmente, começamos a nos indagar que Paraguai é este construído pela imprensa brasileira? Como ele significa? Quando surgiu certo sentido negativo para o Paraguai? Essas questões de pesquisa nos levaram às produções acadêmicas de Silveira (2007; 2009) e Lavarda (2009), que estudaram a Guerra do Paraguai, por óticas diferentes, apontando prováveis respostas para as indagações, bem como outras pesquisas que aludem, direta ou indiretamente, estes trabalhos.

No segundo capítulo, contemplamos a revisão bibliográfica, isto é, apresentamos a base teórico-metodológica que norteia este trabalho de pesquisa. Inicialmente, fizemos um breve percurso da Análise do Discurso, desde seu surgimento na França, no qual abordamos os estudos de Michel Pêcheux (2010, 2012) e Michel Foucault (2004, 2012), ao pensarem o discurso, o sujeito, o histórico, a linguagem, até chegar às contribuições de Dominique Maingueneau (2005, 2008a, 2008b) na atualidade. Por meio deste último, refletimos a respeito das condições de produção dos discursos argumentativos no intuito de

convencer/persuadir por meio da construção de um *ethos* inserido em uma cena de enunciação.

No terceiro capítulo, trazemos uma análise de cinco artigos publicados em *blogs* Figueiredo (2012), Beto (2012), Zero (2012), Silva (2012) e Mouco (2012) nos quais os locutores se posicionam a favor ou contra o *impeachment*. Desses, observamos e analisamos, em um primeiro momento, as construções sobre o Paraguai que se apresentam ironicamente. Para analisar a ironia, mobilizamos autores como Ducrot (1987), Brait (1997, 2008) e Kiergaard (2013); para os elementos argumentativos, nos apoiamos em Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) e Amossy (2008, 2014).

Também analisamos a capa da revista *Carta Capital* e algumas charges produzidas na época do *impeachment*, retratando o acontecimento sobre outra perspectiva, construídos por meio do humor, e apresentando, assim, um discurso irônico-humorístico acerca do evento.

No capítulo que segue, abordamos a temática da dissertação, no que se refere ao acontecimento político *impeachment* de Fernando Lugo, as notícias veiculadas na mídia impressa e digital na época do evento, e apresentamos alguns trabalhos realizados acerca do tema e do Paraguai, como artigos, dissertações e teses. Também trabalhamos como se deu a proposta de pesquisa de investigar os dizeres do Brasil sobre o Paraguai no intuito de tentar compreender seus efeitos de sentido em textos brasileiros.



## 1 DA DISSERTAÇÃO: TEMA, “ESTADO DA ARTE” E PROJETO.

Neste capítulo, apresentamos um breve contexto histórico do *Impeachment* de Fernando Lugo, nossos primeiros contatos com as notícias desse acontecimento histórico no Paraguai, o levantamento bibliográfico e a trajetória desta pesquisa. Inicialmente, começamos a nos indagar que Paraguai era este que figurava na imprensa brasileira? Como ele era construído e significado? O porquê de certo sentido negativo para "Paraguai"? Essas inquietações nos sinalizaram algumas questões de pesquisa, o que nos levaram, a princípio, às produções acadêmicas de Silveira (2007) e Lavarda (2009), que estudaram a Guerra do Paraguai, por óticas diferentes, mostrando-nos uma possível visão a respeito da "origem". Investigamos alguns trabalhos produzidos a respeito do Paraguai e do *impeachment*, nos quais se descreve e analisa esse acontecimento político sobre diferentes vieses, inclusive o da Análise do Discurso.

Tratamos de investigar enunciados produzidos no Brasil relativamente ao Paraguai, com este intento, recortamos enunciados produzidos em *blogs*, com o intuito de compreender os efeitos de sentido que “paraguai” e suas variantes emergem em textos brasileiros. Para tanto, nos pautamos em Pêcheux (2010; 2012) e Foucault (2004; 2012) como aporte teórico-metodológico para as análises, bem como Ducrot (1987), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), Brait (1997; 2008), Amossy (2008; 2014) e Kierkgaard (2013).

### 1.1. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

#### 1.1.1. O *impeachment* do presidente paraguaio

Aos quinze de junho de 2012, foi veiculada na mídia, impressa e digital<sup>2</sup>, a morte de seis policiais e onze camponeses durante uma operação policial de despejo de “sem-terra” em uma fazenda, localizada no município de Curuguaty, nordeste do Paraguai. Essas terras eram disputadas entre o governo paraguaio e a família do ex-senador do Partido Colorado e

---

<sup>2</sup> Algumas notícias veiculadas na mídia brasileira e paraguaia sobre as mortes em Curuguaty, no Paraguai encontram-se após as referências.

empresário Blas Nicolás Riquelme, que, segundo a *Carta Maior*<sup>3</sup>, “enriqueceu à sombra do ditador Alfredo Stroessner”.

De um lado, camponeses alegando que foram desalojados sem diálogo prévio, gerando o massacre de seus companheiros; do outro lado, fazendeiros e policiais afirmando que um grupo de agentes da polícia foi atacado, emboscado, quando adentrava a fazenda de Blas Riquelme.

No dia 20 de junho daquele ano, a pedido do deputado Luis Gneiting, também do Partido Colorado, iniciou-se o processo de *impeachment* contra Fernando Armindo Lugo de Mendes, presidente eleito em 2008 no Paraguai. Propôs-se o julgamento político por imputar ao então presidente paraguaio a responsabilidade pelo massacre em Curuguaty. A Câmara dos Deputados fez uma votação para averiguar se a proposta seria aprovada ou não. Nesse caso, votaram 76 a favor, um contra e três abstenções.

A Câmara dos Deputados procedeu à acusação formal do presidente, por meio do *Libelo Acusatório nº 1431/2012*<sup>4</sup>, alegando mal desempenho de funções e afirmando que as causas mencionadas “são de pública notoriedade, motivo pelo qual não necessitam ser provadas”. O Senado, por sua vez, alegou que Lugo governou de maneira “imprópria, negligente e irresponsável”, o que gerou “constante confrontação e luta de classes sociais, que como resultado final trouxe o massacre entre compatriotas, fato inédito nos anais da história desde a nossa independência nacional até a data atual, em tempo de paz”<sup>5</sup>.

O presidente Fernando Lugo confirmou que aceitaria o resultado do julgamento político, porém, não apresentaria sua demissão antecipadamente, o que nos evoca o caso de Fernando Collor de Melo, no Brasil, antes de seu processo de *impeachment*, embora este último tenha, efetivamente, renunciado. No dia seguinte, a defesa recorreu ao Supremo Tribunal de Justiça do Paraguai alegando inconstitucionalidade, na tentativa de frear o julgamento, afirmando que não se respeitaram os trâmites processuais comuns, principalmente no que diz respeito ao tempo que o Congresso outorgou para a preparação da

<sup>3</sup> PIGNOTTI, D. Paraguai: Fazendeiros estariam por trás da morte de camponeses. *Carta Maior*. Internacional. 17 de junho de 2012. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Paraguai-fazendeiros-estariam-por-tras-da-morte-de-camponeses%0D%0A/6/25512>> Acesso em: 01 de mar de 2012.

<sup>4</sup> Texto completo do Libelo Acusatório aprovado pela Câmara dos Deputados e Câmara do Senado. Disponível em: <<http://www.midiasem mascara.org/mediawatch/noticiasfaltantes/foro-de-sao-paulo/13182-unoamerica-expressa-seu-reconhecimento-ao-novo-governo-paraguaio.html>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

<sup>5</sup> No original: “son de pública notoriedad, motivo por el cual no necesitan ser probadas”, “manera impropia, negligente e irresponsable” e “constante confrontación y lucha de clases sociales, que como resultado final trajo la masacre entre compatriotas, hecho inédito en los anales de la historia desde de nuestra independencia nacional hasta la fecha, en tiempo de paz”. Disponível em: <<http://www.unoamerica.org/unoPAG/noticia.php?id=1380>> Acesso em: 27 set. 2014. (Tradução nossa)

defesa. O documento apresentado solicitava que o julgamento político fosse suspenso, garantindo-se pelo menos 18 dias para ampla defesa. O pedido foi negado.

O Senado paraguaio declarou, após constituir um tribunal de julgamento, Fernando Lugo culpado das acusações apresentadas pela Câmara de Deputados ao Senado, numa votação com 39 votos favoráveis à cassação e quatro contrários a ela. Ao saber de sua destituição, Lugo disse, em conferência à imprensa, que se submeteria à decisão do Congresso e estaria disposto a responder sempre por seus atos.

No dia 22 de junho, Lugo é destituído da presidência do país, e o Tribunal Superior de Justiça Eleitoral confirmou e aceitou o processo como constitucional. O vice-presidente Federico Franco passou a ser o presidente do Paraguai em 15 de agosto de 2013.

Milhares de partidários de Lugo esperavam o resultado do julgamento na Praça das Armas, em Assunção. Não aceitaram a decisão do Senado e, logo, não reconheceram o novo governo de Franco. Foram inúmeras as manifestações contra o *impeachment* de Lugo.

De acordo com as notícias veiculadas na grande mídia brasileira e paraguaia tratando do evento, a defesa do ex-presidente, assim como os governantes e entidades internacionais questionaram a rapidez do processo e a constitucionalidade do tempo de defesa. Alguns periódicos brasileiros<sup>6</sup> noticiaram enfaticamente, por exemplo, que os governantes do MERCOSUL (Argentina - Cristina Kirchner; Brasil - Dilma Rousseff; Uruguai - José Mujica) criticaram esse processo de *impeachment* por considerá-lo um “rompimento do processo democrático” no Paraguai.

Ao assinalarem que o processo de *impeachment* de Fernando Lugo foi desrespeitoso para com a democracia, Cristina Kirchner, no encerramento da 43ª cúpula do MERCOSUL, anunciou a decisão do bloco de suspender o Paraguai, com base no Protocolo de Ushuaia<sup>7</sup>, por considerarem a destituição do então presidente uma ruptura na ordem democrática e, por conseguinte, violarem a constituição. Nesse transcurso, integraram a Venezuela ao bloco, pois o Paraguai era o único país membro que se opunha a essa proposta.

---

<sup>6</sup> Alguns exemplos de notícias veiculadas acerca dos posicionamentos dos governantes do MERCOSUL sobre o *impeachment* de Fernando Lugo encontram-se após as referências.

<sup>7</sup> Disponível em: < <http://www.mercosul.gov.br/index.php/40-normativa/tratados-e-protocolos/151-protocolo-de-ushuaia-ii>> Acesso em: 29 jul. 2015.

## 1.2. DA PESQUISA

### 1.2.1 Organizando as ideias

Sabemos que a linguagem, enquanto discurso, é interação, é uma forma de produção social e, ainda, não é inocente, neutra, pois está diretamente ligada a uma posição. Em todo caso, podemos dizer que há certa intencionalidade do/no dizer, pois, conforme Possenti (1996, p. 76), “o falante da língua organiza uma série de *conhecimentos* linguísticos para que, diante de um acontecimento, possa selecionar elementos do contexto, interpretá-los, escolher formas a fim de obter efeitos de sentido desejados, de acordo com suas *intenções*”. (Grifos do autor)

Essas intenções estão diretamente ligadas à posição do sujeito enunciador, pois, a partir desse lugar, ele enuncia de uma forma e não de outra. O discurso, sendo uma produção de sujeitos ideológicos, não é uma expressão natural, espontânea, já que é pela língua(gem) que o discurso se materializa e assim permite a produção de efeitos de sentido.

Nos textos que circulam em diversos meios de comunicação brasileiros, como jornais, revistas e *blogs* sobre os paraguaios, observamos que, com muita frequência, estes são marcados por estereótipos e, não raras as vezes, tendem ao negativismo. Propomos, portanto, analisar como esses textos circulam na mídia, como e por que são produzidos de certa forma e não de outra, quais elementos históricos e ideológicos são mobilizados, apagando-se outros.

Este trabalho de pesquisa trata de investigar enunciados produzidos no Brasil tendo como foco o Paraguai. Nossa hipótese é a de que, quando o assunto envolver esse país vizinho, os qualificadores tendem a inferiorizar tudo o que de lá procede. Para todos os efeitos, não deixa de ser o país do contrabando, da falsificação, do “cavalo paraguaio”.  
Posicionamento que

[...] remonta aos tempos de guerra, quando o Paraguai tomou a iniciativa das primeiras operações militares, mas foi obrigado a recuar para o território até ser completamente aniquilado pelas tropas aliadas. Quer dizer, saiu na frente e chegou atrás, implacavelmente derrotado. (SILVEIRA, 2007, p. 53)

Observarmos a presença do “cavalo paraguaio” em diferentes situações em que, muitas vezes, o Paraguai não tem relação direta com a notícia, mas sim com os sentidos adquiridos pelos sujeitos e sua (re)produção e aceitação de estereótipos. A título de exemplo, uma notícia veiculada no *blog* “Nosso futebol clube”, de 19 de dezembro de 2009, e intitulada

“É galo mineiro ou cavalo paraguaio?”<sup>8</sup>, trata do time Atlético-MG, que apresentava grandes expectativas em ocupar uma vaga na Libertadores de 2010. Porém, terminou em 7º lugar e, por isso, foi rotulado de “cavalo paraguaio”, conforme esta Figura 1<sup>9</sup>:



Figura 01: Cavalo paraguaio – Atlético - MG

No mesmo campo discursivo futebolístico, uma notícia publicada na revista *Placar*, em sua versão *on-line*, em 02 de outubro de 2010<sup>10</sup>, refere-se a um jogo entre os times do Cruzeiro e Atlético-PR (também conhecido no meio por Furacão) da seguinte forma:

O volante Chico acredita que foi mais uma boa atuação de todo o time, mostrando que o Atlético-PR não é um 'cavalo paraguaio' nessa arrancada após a Copa do Mundo. "A equipe mostrou que está na luta pela Libertadores e não é à toa. O Cruzeiro é um grande time e o calor prejudicou um pouco com essa maratona toda. Mas conseguimos marcar bem e saímos com um ponto que será importante", disse.

Importante observar que, na fala do jogador Chico do Atlético paranaense reproduzida pelo jornalista, não há referência ao termo "cavalo paraguaio", mas as condições de produção do enunciado permite-nos afirmar que o enunciador faz, ao assumir um posicionamento, uma interpretação dessa fala. É, portanto, um bom exemplo de como a memória discursiva faz

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://nossofutebol.fc.blogspot.com/2009/12/e-galo-mineiro-ou-cavalo-paraguaio.html>>. Acesso em: 05 maio 2013.

<sup>9</sup> No caso desta figura, há uma resignificação ainda mais depreciativa da expressão: embora se refira a um "cavalo", reproduz-se a imagem de um "jumento" com as cores da bandeira paraguaia. Acreditamos ocorrer, portanto, um duplo processo de inferiorização: primeiro, por conta da expressão "cavalo paraguaio"; segundo, da imagem de um jumento ("jumento paraguaio"), que em nossa sociedade funciona com "burro", "incapaz", etc..

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/materia/mesmo-buscando-tres-pontos-furacao-se-contente-com-empate>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

funcionar os sentidos. Essa construção é representativa porque, no espaço discursivo no qual o futebol está inserido, o termo "cavalo paraguaio" é muito usado para ilustrar a condição em que um time sai disparado na frente, mas acaba não chegando à frente ao final, como vemos reproduzido na Figura 2.

O chargista do diário *Lance*, Mario Alberto, publicou no *blog Lance Net*, no dia 03 de novembro de 2012, a charge “GAvaLO paraguaio...”<sup>11</sup>; um hibridismo entre galo (símbolo-mascote do Clube Atlético Mineiro) e cavalo:



<http://blogs.lancenet.com.br/charges/>  
Figura 02: Charge de Mario Alberto: “GAvaLO paraguaio...”

Outro exemplo, no âmbito da política brasileira, o então pré-candidato ao governo de São Paulo, Geraldo Alckmin, é chamado pelo líder do governo na Câmara, Cândido Vaccarezza, de “cavalo paraguaio”. O título da notícia é “Alckmin é “cavalo paraguaio”, diz líder do governo”<sup>12</sup>, baseado nas eleições de 2008 pela prefeitura de São Paulo.

“Cavalo paraguaio” é uma expressão popular. Goettert e Mondardo (2010) discorrem, no artigo “O ‘Brasil Migrante’: gentes, lugares, transterritorialidades”, sobre o processo migratório no Brasil e suas influências em nossas práticas como representação e vice-versa. Tratam da “identidade nacional” pelo processo migratório assim como das aproximações e distanciamentos dos territórios. Ao tratarem da territorialidade e da “identidade brasileira” no mercado de trabalho, explicam que, segundo Albuquerque Jr., “em decorrência do processo

<sup>11</sup> Disponível em:< <http://blogs.lancenet.com.br/charges/2012/11/03/gavalo-paraguaio/>> Acesso em: 05 ago. 2013.

<sup>12</sup> Disponível em:< <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/05/733055-alckmin-e-cavalo-paraguaio-diz-lider-do-governo.shtml>> Acesso em: 05 ago. 2013.

de hegemonia brasileira sobre a América do Sul e, em especial, com a guerra contra o Paraguai, em relação aos paraguaios”,

[...] as elites brasileiras passaram a ter e divulgar, para toda a população, uma visão profundamente negativa dos paraguaios, que consideramos até hoje serem sinônimo do que não presta, do que é falsificado ou é enganador, como na expressão ‘cavalo paraguaio’, que significa aquele que surge como favorito mas que, na verdade, não tem como vencer a corrida. Ainda hoje julgamos ser os paraguaios um povo inferior, constituído de contrabandistas ou de pessoas desonestas. (ALBUQUERQUE JR, 2007b apud GOETTERT; MONDARDO, 2010, p.109)

Tendo em vista as questões histórico-sociais que inferem diretamente na formulação dos preconstruídos<sup>13</sup> dos sujeitos enunciadore e, conseqüentemente, dos sujeitos coenunciadores, entendemos que, ao produzirem enunciados, esses sujeitos mobilizam elementos de sua memória. Assim, questionamos, quais memórias constroem o imaginário sobre o Paraguai no Brasil? Como essas memórias foram articuladas e produzem sentidos? Como o Paraguai é visto pelo Brasil?

### 1.2.2 Das fontes iniciais

Para esta pesquisa, inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico de produções acadêmicas (artigos, dissertações e teses) a respeito do *impeachment* de Fernando Lugo no intuito de analisar e compreender o que se produz sobre o Paraguai em pesquisas científicas. Para tanto, utilizamos algumas bases de dados para a coleta, dentre elas: Google Acadêmico, Domínio Público, Banco Teses da USP, Unicamp e Scielo<sup>14</sup>. Dessa forma, na primeira seleção de trabalhos, observamos os títulos e selecionamos aqueles que, de alguma forma, faziam referências ao Paraguai.

Na segunda seleção, a partir dos resumos e considerações finais, refinamos o conjunto de textos encontrados, selecionando apenas aqueles que apresentavam em sua temática o

<sup>13</sup> Conforme Branca-Rosoff (2004): "O preconstruído pode ser entendido como a marca, no enunciado, de um discurso anterior; portanto, ele se opõe àquilo que é construído no momento da enunciação. Um sentimento de evidências se associa ao preconstruído, porque ele foi “já dito” e porque esquecemos quem foi seu enunciador. Os fenômenos que desencadeiam esse efeito discursivo estão ligados às operações de encaixamento sintático (relativa, nominalização, adjetivo deslocado etc.). A noção de preconstruído está intimamente ligada à noção de interdiscurso: ela contribui para desestabilizar a oposição entre exterior e o interior de uma formação discursiva, em benefício da noção de imbricação entre discursos e de relações com outras formações discursivas exteriores e anteriores – que entram no discurso de um sujeito". (In CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 401)

<sup>14</sup> Cf. Quadro 2, Apêndice A,

Paraguai, sobre perspectivas específicas: histórica, sociológica, antropológica, relações sociopolíticas / internacionais e discursivas. Após essa seleção, procedemos à leitura integral dos textos selecionados.

Identificamos que o quadro de pesquisas sobre o Paraguai apresenta diversos trabalhos em diferentes perspectivas, em sua maioria pelo viés da história. No geral, os dados de produções acadêmicas<sup>15</sup> se dividem em “Guerra do Paraguai”, “Migração” e “Relações Sociais e Políticas”, bem como “*Impeachment* de Fernando Lugo”.

Especificamente em relação ao *impeachment* de Lugo<sup>16</sup>, os textos tratam de sua vida religiosa (os boatos de pedofilia e filhos na época da batina; o desligamento da vida eclesiástica) e de sua vida política (da candidatura à deposição).

Numa busca no Banco de Teses e Dissertações do Domínio Público<sup>17</sup>, ao digitar “discurso” e “Paraguai” no campo “título”, não encontramos nenhum trabalho. Entretanto, na base de dados da Scielo<sup>18</sup>, ao digitarmos o mesmo comando, obtivemos 02 (dois) resultados (FLECK, 2004a e 2004b): ambos tratam do discurso jesuítico na Província Jesuítica do Paraguai.

Em outra tentativa, utilizamos apenas a palavra “Paraguai” para as páginas do Domínio Público e Scielo. Dessa forma, o primeiro apresentou oitenta e seis produções, dentre elas: 17 (dezessete) mencionam a “Guerra do Paraguai”; 4 (quatro), a “migração”; 5 (cinco), as relações sociais e política; e 1 (uma), a literatura paraguaia. Os outros 56 (cinquenta e seis) trabalhos contemplam outras áreas do conhecimento, como linguística, sociologia, antropologia, biologia, ecologia, geografia, agronomia, mas nenhuma na perspectiva discursiva.

O segundo (Scielo) apresentou um resultado de 33 (trinta e três) produções, das quais 09 (nove) abordam temas relativos ao “Paraguai”, como a “Guerra do Paraguai / Chaco”, “Migração” e “Relações Sociais” (fronteira e identidade). Desses, 02 (dois) discorrem a respeito da “Guerra do Paraguai” da seguinte maneira: um trata do registro fotográfico da

<sup>15</sup> Cf. TORAL (1999); KRAAY (2012); GÓMEZ (2014); GARCIA (2013); BANDEIRA (1998); SPRANDEL (2006); MARTINS (2009); SCHNEIDER (2010); ALBUQUERQUE (2005); DORATIOTO (2009); SILVA (2009); FILHO (2001), dentre outros.

<sup>16</sup> Cf. RECALDE (2013); LÓPEZ (2014); SZWAKO (2014); FOLETTTO (2010); dentre outros.

<sup>17</sup> O portal do Domínio Público é uma biblioteca digital da Secretaria de Educação do MEC (Ministério da Educação) com acervo devidamente cedido pelos autores e acessado de forma gratuita mediante cadastro. Foi selecionado para a pesquisa devido à possibilidade de acesso ao banco de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>> Acesso em: 05 jan. 2015.

<sup>18</sup> O site Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e de outros países. Disponibiliza gratuitamente o acesso aos periódicos, fascículos e artigos completos, sendo constantemente atualizado. Disponível em: <<http://www.scielo.br/?lng=pt>> Acesso em: 05 jan. 2015.



guerra (TORAL, 1999), e o outro analisa a mobilização das companhias negras na Bahia e em Pernambuco durante o período da guerra. (KRAAY, 2012).

Assim, identificamos que “Paraguai” aparece nos trabalhos de pesquisa, em sua maioria, tematizando a “Guerra do Paraguai”, estudado principalmente pelo viés da história, apresentando, por exemplo, suas causas e consequências. Estudos acerca da sociedade e identidade paraguaia (NASCIMENTO, 2012; GOIRIS, 2010) e a emigração paraguaia no Brasil (SOUCHAUD, 2011) contemplam esse cenário.

Goiris (2010) procura investigar, por exemplo, a partir da Antropologia e da Sociologia, associados a aspectos políticos, o (des)conhecimento, no cenário internacional, do Paraguai enquanto nação. Afirma que os estrangeiros, o *Outro*, não só desconhecem o idioma guarani como também que esse país seja oficialmente bilíngue. Segundo o autor, “no Paraguai, diferentemente de outros países, diversas instituições antropológicas ainda permeiam o subconsciente e a própria realidade cotidiana” (GOIRIS, 2010, p. 24). Da mesma forma, a utilização massiva e diária das ervas medicinais entre outros rituais da cultura guarani.

Goiris (2010, p. 25) também afirma que “a cultura do povo sempre esteve baseada na sobrevivência – numa ‘ética da sobrevivência’”. Sendo subalternizado<sup>19</sup> desde a época da colonização, “o povo paraguaio adquiriu ou desenvolveu uma espécie de dupla personalidade visando a sua própria sobrevivência”. Um comportamento de resistência ligada à cultura guarani primitiva e, ao mesmo tempo, atitudes ligadas a uma cultura laica moderna.

O autor apresenta a realidade dos camponeses paraguaios quanto à concepção de posse da terra afirmando que, segundo Fogel (1990 apud GOIRIS, 2010, p. 25), “é culturalmente definida na qual se sobressaem configurações sociológicas de herança indígena”, e assim aqueles não são adeptos a comportamentos que diferem de sua origem.

Sinaliza que estudantes estrangeiros de mestrado e doutorado, em especial, nas áreas de ciências sociais e educação, “percebem que existem no Paraguai processos culturais *sui generis* nos quais aquilo que é avançado e contemporâneo se mistura a uma cultura nativa e primitiva” (GOIRIS, 2010, p. 26), dito de outro modo, que os paraguaios buscam “uma cultura equilibrada e híbrida”. Aborda outros pontos como “a cultura não democrática”, “a força da alma guarani”, o “*Direito Natural*” sobre o “Direito Positivo”, passando pela “Guerra

---

<sup>19</sup> Conforme o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, **subalternar** – tornar(-se) subalterno, colocar(-se) em categoria ou posição inferior; subalternizar.

do Paraguai”, “Guerra do Chaco” e “os governos autoritários e ditatoriais como o de Alfredo Strossner”.

No que se refere à “cultura política não democrática”, o autor assevera que no Paraguai ainda existem os efeitos desastrosos de duas culturas não democráticas por estarem presentes na memória coletiva do país: a *Cultura da Submissão* (uma forma de violência cultural e psicológica) e a *Cultura Autoritária* (uma herança ibérica – Espanha – elitista, hierárquica e patrimonialista), ambas impostas verticalmente pela classe dominante.

Goiris afirma que a cultura Paraguaia é desconhecida no Brasil, também, devido ao fato de que a história tem sido escrita, quase toda, pelos vencedores ou classe dominante, impedindo o povo paraguaio de expor e expressar seus pontos de vista.

Por sua vez, Santos (2012) e Araújo (2012) analisam, pelas lentes da História, os motivos do golpe contra o presidente paraguaio e os possíveis impactos nas relações sul-americanas. Yussef (2013) mostra, amparando-se nas ciências políticas e relações internacionais, os resultados de uma análise da crise política que resultou na expulsão de Fernando Lugo da presidência do país. Independente da *legalidade* ou não do *impeachment*, a autora conclui que o processo colocou em risco a estabilidade política da região. Apoiar-se no conceito de *Neogolpismo* para fundamentar o ocorrido.

Goiris (2010), Santos (2012) e Yussef (2013) mencionam que o Paraguai tem um histórico muito forte ligado à terra, contribuindo para o conflito social denominado “*Masacre de Curuguaty*” em junho de 2012. Yussef (2013, p. 07,) assevera, por exemplo, que

O “Massacre de Curuguaty” foi utilizado como discurso político de oposição contra Fernando Lugo, para exigir sua destituição do cargo por irresponsabilidade política na gestão. Assim, o caso teve um julgamento fugaz que tentou imbuir de legalidade sua expulsão inconstitucional do Executivo paraguaio. Parece que os tempos processuais para determinar a propriedade ou não de uma terra eram mais importantes do que determinar a responsabilidade política do primeiro presidente eleito pelo povo.<sup>20</sup>

Nesse sentido, Yussef afirma que “o governo paraguaio de Fernando Lugo foi testemunha de um golpe de Estado *velado*”<sup>21</sup>, sendo possível observar a posição política de

<sup>20</sup> No original: “La “Masacre de Curuguaty” fue utilizada como discurso político de oposición a Fernando Lugo, para demandar su remoción del cargo por irresponsabilidad política en la gestión. Así, se llevo el caso a un fugaz juicio que intentó bañar de legalidad a su expulsión inconstitucional del Ejecutivo paraguayo. Pareciera que los tiempos procesales para determinar la propiedad o no de un terreno fuesen más importantes que la de determinar la responsabilidad política de un primer mandatario electo por su población”. (Tradução nossa).

<sup>21</sup> No original: “el gobierno paraguayo de Fernando Lugo fue testigo de un golpe de Estado *velado*”. (Tradução nossa; grifos do autor).

Yussef em relação ao acontecimento ao mencionar e afirmar a existência do neogolpismo. Por outro lado, Recalde (2013) trabalha diferentes eventos que marcaram a realidade paraguaia no ano de 2012, e enfatiza o *impeachment* de Fernando Lugo no intuito de demonstrar a fragilidade da democracia no país e identifica sinais de retrocesso.

Melo e Santos (2013) apresentam, por sua vez, um trabalho acerca das notícias envolvendo o ex-presidente paraguaio sob a ótica da análise do discurso. Analisam as notícias de jornais *online*, cujas informações tratavam da polêmica pedofilia envolvendo Fernando Lugo em 2009 e a sua destituição da presidência em 2012. Buscam, com a análise, demonstrar a condição fluida dos discursos, sua flexibilidade e mobilidade em função dos embates ideológicos, históricos e políticos. Sendo assim, ratificam a opacidade da linguagem, pois, aquilo que não foi dito, muitas vezes é mais importante do que o dito.

O trabalho de Melo e Santos (2013) não teve como foco o discurso sobre o Paraguai especificamente, mas demonstrar, por meio da análise do discurso, a fluidez dos discursos, utilizando como exemplo dois momentos da vida do presidente Lugo: a polêmica em torno da pedofilia e a destituição da presidência em 22 de junho de 2012. Os autores buscam verificar e revelar conceitos da AD presentes nessas materialidades, bem como os diferentes discursos e vozes constitutivas nesses discursos.

Nossa pesquisa se diferencia da de Melo e Santos no sentido de que nosso foco (objetivo) são os discursos sobre o Paraguai produzidos pela mídia brasileira, ou seja, o que se diz sobre esse país. Em relação ao trabalho de Melo e Santos (2013), ocasionalmente, elegemos e delimitamos nossa pesquisa a partir de um dos temas - *impeachment* de Fernando Lugo. Analisamos os enunciados construídos considerando esse acontecimento político para compreender que Paraguai é esse representado nas notícias.

Imprescindível para nossa pesquisa, a investigação de Silveira (2007) merece certo relevo. Ao analisar o jornal *Paraguay Ilustrado*, que circulou na corte de D. Pedro II, defende que foi nesta época que Brasil começou a construir uma imagem negativa sobre o “Outro” – o Paraguai.

Para Silveira, circulam, pela sociedade brasileira, estereótipos sobre o Paraguai ao longo do tempo de maneira que, hoje, não se questiona mais aquilo que está “naturalizado”. Enunciados depreciativos pululam na sociedade e ganham espaço em situações de “apagamento” do outro. É, pois, por essas razões que

A análise do discurso da mídia brasileira, nos últimos anos, revelou que tem se consolidado no imaginário sul-americano representações extremamente desfavoráveis ao Paraguai, numa escala de gradação crescente, que afastam o

Jornalismo do seu compromisso de informar. De palco de falcatruas, negociatas e contrabando, o país vizinho “evoluiu” para o fundo do poço e já empresta seu nome ao rol de sinônimos da palavra fraude. O exame dessas representações é acompanhado de uma abordagem com perspectiva histórica, que se reporta ao Jornalismo brasileiro do século XIX e recupera a história do desconhecido jornal *Paraguay Ilustrado*, que circulou na corte de D. Pedro II durante a guerra da Tríplice Aliança. (SILVEIRA, 2007, p. 45)

Entendemos que os acontecimentos históricos reverberam efusivamente na ideia de que o “Paraguai” é um país subdesenvolvido, sem leis, e, conseqüentemente, a sua realidade socioeconômica nos leva a “verdades” cristalizadas no que se refere ao proibido e não proibido, lícito e ilícito, legal e ilegal, a partir da perspectiva do eu. Dessa forma,

[...] velhos e novos estigmas, infelizmente, ainda recaem sobre o país guarani, sedimentando ideias-imagens que remontam à sangrenta ação militar do Brasil e de seus aliados no século XIX. Mais do que isso: as alusões pejorativas alcançaram frequência tão regular e ostensiva que a palavra Paraguai tornou-se sinônimo de falsificação ou fraude [...]. (SILVEIRA, 2009, p 15).

Com isso, o trabalho de pesquisa realizado por Silveira (2009, p.15), em relação aos registros histórico-jornalísticos, no qual analisa as “charges publicadas pela imprensa ilustrada da Corte”, apresenta “pistas para recontar uma história ainda marcada pelo oficialismo (principalmente no Brasil): a guerra contra o Paraguai”. No mesmo caminho, o historiador Marcos Túlio Borowski Lavarda (2009), no que toca aos registros iconográficos da Guerra do Paraguai presentes no periódico *Semana Ilustrada*, especificamente na produção para o período da guerra – *Paraguay Ilustrado*, também contribui para o desenvolvimento desta nossa pesquisa.

O trabalho de Silveira (2009) indicam um movimento fundador, que, segundo Orlandi (2003, p. 7), “são discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo” de um país e, assim, “se estabilizam como referência na construção da memória nacional”. Dessa forma, questionamos: Como essa imagem negativa que se tem do Paraguai produz sentidos na atualidade? Por que ainda permanece?

Ao problematizar essas questões, se a guerra contra o Paraguai foi um movimento fundador, logo, depreendemos que em outras épocas “Paraguai” significou diferentemente para os brasileiros, cuja dimensão ainda está por ser investigada discursivamente. Porém, podemos afirmar, sem muitos perigos, que o sentido anterior foi ressignificado, instalando-se uma “tradição” outra, desautorizando o sentido anterior e, nesse momento, pelo próprio evento (a guerra do Paraguai), instaurou-se outra memória. (ORLANDI, 2003, p.13)

A respeito da importância da “guerra” na construção da imagem que fazemos do Paraguai, Silva (2012) afirma que as relações entre Brasil e Paraguai são constantemente

relacionadas aos aspectos conflituosos decorrentes da Guerra. Não obstante, ao longo da década de 1840 a 1850, outras características podem ser reveladas entre os países, Brasil e Paraguai, como o objetivo do Brasil de formar alianças com os vizinhos, atuação direta por meio de um plano regional, além da consolidação do Estado nacional brasileiro.

A partir da década de 1840, Brasil e Paraguai tentaram se unir em prol de objetivos em comum: uma política externa proativa no qual cada um resguardaria seus interesses no plano regional. Em 1850, a Missão Bellegarde logra a assinatura do “Tratado de Aliança Defensiva” entre Brasil e Paraguai contra a Argentina. Esse tratado aproximou os dois países no combate contra as tropas de Rosas. Mas essa aliança não pode ser firmada, consolidada entre as duas nações, pois “a proximidade que se formou ao longo da década de 1840 deu lugar a um sistema de progressivas tensões, as quais culminariam com o confronto bélico que marcou a década de 1860, a Guerra do Paraguai” (SILVA, 2012, p. 82).

Silva analisou a formação do pensamento de política externa na época do Império, bem como sua administração e influência na forma como foram conduzidas as relações entre os países, no intuito de compreender o papel do Parlamento e do Conselho de Estado na construção de uma política externa para o Paraguai. Dessa forma, percebemos que Brasil (Império) e Paraguai (Nação Guarani) nem sempre foram inimigos, dispostos em campos de batalha opostos.

No entanto, a guerra certamente foi um marco na história entre os dois países. Silveira (2007, p.60) defende, por exemplo, que o jornal *Paraguay Illustrado* foi “criado com o único objetivo de combater a imagem do Paraguai e seu presidente, Francisco Solano López”. Por meio de charges publicadas na época da guerra, esse periódico ajudou a disseminar estereótipos sobre o país guarani e sua gente, construindo, desse modo, uma imagem negativa que, com o auxílio da mídia nacional, continua sendo disseminado. No Brasil, a palavra “Paraguai” ainda é, como estamos mostrando, usada em situações relacionadas à falsificação, contrabando, ilegalidade, num processo centenário de estigmatização do país.

Como mostrado, a partir da ideologia de uma época (guerra), produziram-se discursos a respeito do Paraguai por meio das publicações jornalísticas, instaurando uma memória, no imaginário brasileiro. Um discurso do Brasil sobre o Paraguai e que nos ajuda a compreender a formação do imaginário social brasileiro em relação ao país vizinho quanto à (re)produção dos estereótipos e à constituição da identidade do Outro.

Como esperamos ter mostrado, pesquisas foram desenvolvidas a respeito do Paraguai, do evento político no Paraguai, *Impeachment* de Fernando Lugo, por diferentes

perspectivas da ciência, inclusive da análise do discurso. O jornalista Silveira (2009) trabalhou, como vimos, numa perspectiva histórica, com um *corpus* de investigação composto por 202 caricaturas publicadas em sete jornais satíricos (imprensa ilustrada) da Corte de D. Pedro II, durante o conflito bélico entre o Brasil e o Paraguai (1864-1870). As charges produzidas para o jornal *Paraguay Illustrado*, afirma o autor, foram também uma arma de viés ideológico utilizada no confronto armado contra o Paraguai.

Nosso trabalho de pesquisa caminha numa direção outra. Propomos analisar o discurso sobre o Paraguai, a partir do evento político *Impeachment* de Fernando Lugo, com o objetivo de mostrar como são construídos os dizeres sobre o Paraguai na atualidade, dando uma dimensão de como circulam na sociedade produzindo sentidos. Para tanto, mobilizamos teóricos da análise do discurso com o desejo de analisar discursivamente alguns artigos de opinião publicados em *blogs* da *internet* e charges que foram veiculados no período do *impeachment* a partir de junho de 2012.

### 1.2.3 O transcurso das ideias

Para construir o *corpus* de pesquisa, fizemos, via internet, um levantamento em diversos suportes midiáticos, buscando assegurar dados, sejam eles verbais, não verbais e, ainda, verbo-visuais referentes ao *impeachment* paraguaio, para proceder a uma análise discursiva. Nesse sentido, compreendemos *corpus* como sendo

[...] constituído por um conjunto [...] de signos-sintomas que representam de maneira emblemática sistemas de valores. Esses signos podem ser palavras (“racismo”, “imigração”, “solidaridade” etc.) ou fórmulas diversas (“purificação étnica”) reveladoras de maneiras de dizer; podem ser também signos icônicos (encenações com imagens) que permitem estudar, por exemplo, as “representações da mulher” nas publicidades ou da “violência” na televisão. (CHARAUDEAU, 2011, p.12)

Sendo assim, para o autor, “um *corpus* não passa de um pretexto, no sentido de que ele é um ponto de partida indispensável para uma análise do discurso, devendo os textos ser confrontados permanentemente com outros textos e outros *corpora*”. (CHARAUDEAU, 2011, p.15)

Para a análise discursiva, recortamos enunciados produzidos no Brasil centrados no motivador "Paraguai", de modo particular no que tange ao acontecimento político-discursivo em destaque, utilizando uma abordagem qualitativa. Segundo Charaudeau (2011, p.15),

Nas ciências humanas e sociais, a abordagem é dupla: ‘empírico-descritiva’ e ‘hipotético-dedutivo’. [...] a primeira depende mais das ferramentas metodológicas; a segunda, de conceitos fundadores e de categorias explicativas. A primeira se desenrola num movimento centrípeto; a segunda, num movimento centrífugo, o que explica que os corpora que se inscrevem nesses movimentos tendam, ora a se fechar em si mesmos, ora a se abrir.

Em outras palavras, no interior da AD, analisamos os discursos, o *dizer sobre*, por meio da interpretação e descrição concomitantes dos discursos que, associados a um aporte teórico específico, bem como à utilização de conceitos, nos darão o suporte teórico-metodológico para efetivarmos o processo de análise.

Ao considerarmos os discursos advindos deste acontecimento, entendemos que a interdiscursividade está presente nos textos que compõem o *corpus* deste trabalho, pois sempre "há discurso atravessando textos, e um mesmo texto pode ser portador de discursos diferentes" (CHARAUDEAU, 2011, p. 6). Dessa forma, mobilizaremos enunciados de outras épocas, como os ligados ao *impeachment* de Fernando Collor, sempre que necessários para um entendimento mais acurado das questões levantadas.

Intitulado pela mídia brasileira como “*Impeachment* paraguaio”, foram inúmeras as manifestações sociais que reverberaram, gerando uma série de enunciados em artigos de opinião, entrevistas, charges humorísticas. Nesses enunciados, sinalizaram-se posicionamentos, contra ou a favor do *impeachment* de Lugo, estabelecendo uma relação de sentido entre o acontecimento político e o acontecimento discursivo. Alguns enunciados qualificaram a destituição como um *golpe de Estado*, ou, ainda, *golpe branco*; outros trataram o processo como genuinamente democrático.

Para se compreenderem esses enunciados, é importante, tal qual Pêcheux (2012, p.53), aceitar que

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro (a não ser que a proibição à interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação.

Muitos desses enunciados que circularam na mídia digital recuperam discursos antigos, temas, termos ou léxicos de outros textos ou acontecimentos, parafraseados ou não, para serem repetidos ou renovados. É possível observar, por exemplo, expressões como “*impeachment* do presidente”, “derrubar um presidente”, “ditabranda”, “golpe de estado”,

“golpe branco” e “neogolpismo” para descrever, apresentar o acontecimento. Ou, ainda, termos mais específicos como “*impeachment* falsificado”, “*impeachment* paraguaio”, “golpe falsificado”, “gosto de uísque falsificado”, “uísque paraguaio”, “país dos produtos falsificados”. Esses são alguns dos exemplos que se apresentam nos textos analisados que, de certa forma, exprimem ou imprimem uma visão do Brasil sobre o Paraguai.

Bethânia Mariani (2003, p. 31) apresenta um estudo de como os jornais, desde o início da imprensa no Brasil, que não deu voz e vez aos brasileiros da época, vêm produzindo sentidos e constituindo uma memória oficial (e “oficiosa”) do Brasil e do brasileiro. Nessa linha, nos ajuda a pensar na função do jornalismo, das mídias em geral no processo de (re)produção do imaginário da sociedade paraguaia produzida pelos jornais da época da Guerra do Paraguai. Nesse sentido, a autora afirma que

A análise do discurso jornalístico se faz importante e necessária já que este, enquanto prática social, funciona em várias dimensões temporais simultaneamente: *capta, transforma e divulga* acontecimentos, opiniões e ideias da atualidade – ou seja, lê o presente – ao mesmo tempo em que *organiza* um futuro – as possíveis consequências desse fatos do presente - e, assim, *legitima*, enquanto passado - memória a leitura desses mesmos fatos do presente, no futuro. (MARIANI, 2003, p. 33).

Tentamos compreender os efeitos de sentidos que “paraguaio” e suas variantes têm em textos produzidos no Brasil no que tange às inter-relações entre o discurso, memória e identidade na construção dos enunciados da mídia digital do Brasil tomando como parâmetro o acontecimento político paraguaio em análise. Em outras palavras, no que se refere à análise dos dados, foi feita uma leitura quanto ao discurso do “Outro” atinente à memória discursiva, à história, à identidade a partir da perspectiva da AD.

Pesquisamos na *internet* notícias veiculadas ao acontecimento “*impeachment* de Fernando Lugo” e percebemos que, além das publicadas na grande mídia, havia um grande número de *blogueiros* que, após as leituras dessas notícias, publicaram também suas impressões em artigos de opinião. Diante desses discursos *bloguísticos*, optamos por tomar também o discurso desses autores, posto que observamos nesses lugares a (re)produção de discursos das mídias dominantes acerca do evento, apresentando indícios da memória discursiva de outros momentos históricos, estereótipos estabilizados e o negativismo, independente da posição ocupada pelo enunciadador.



Do ponto de vista teórico-metodológico, este trabalho se sustentará, principalmente, em Michel Pêcheux (2010; 2012) e Michel Foucault (2004; 2012); ambos nos oferecem o aporte necessário para pensar como, em nossas sociedades, os discursos são controlados, limitados, validados. E, também, a teoria argumentativa de Perelman e Olbrechts-tyteca (1996), por ressignificarem a teoria da argumentação; Amossy (2001; 2008; 2014), por suas contribuições nos estudos integrados da teoria da argumentação, estereótipos e análise do discurso; Dominique Maingueneau (2005; 2008a; 2008b), por suas contribuições nos estudos discursivos referentes ao *ethos* e cenografia e, no que se refere à ironia, Ducrot (1987), Brait (1997; 2008) e Kierkgaard (2013).

Neste trabalho, propomos uma maneira de ler esses textos, não lendo apenas na sua superficialidade, e com a preocupação de identificar os fatores históricos, sociais e/ou culturais que determinam ou que contribuem para a ocorrência de dizeres com efeitos positivos e/ou negativos acerca do Paraguai. A pesquisa visa mostrar como esses enunciados são produzidos e quais são seus efeitos de sentidos.

No próximo capítulo, apresentamos o arcabouço teórico que norteia nossos olhares nas análises discursivas. Há uma breve apresentação desse campo chamado Análise do Discurso, ressaltando os trabalhos de Michel Pêcheux e Michel Foucault, assim como autores brasileiros: Eni Orlandi (2003; 2013), Maria do Rosário Gregolin (2004) e Roberto Baronas (1991), no intuito de esclarecer alguns conceitos como discurso, enunciado e enunciação, sujeito e posição-sujeito, identidade entre outros utilizados no processo de análise do *corpus* no capítulo 3.

## 2 DA DISCUSSÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Neste capítulo, apresentamos a base teórico-metodológica que norteia este trabalho de pesquisa. Inicialmente, fizemos um breve percurso da Análise do Discurso, desde sua emergência na França, no qual abordamos os estudos de Michel Pêcheux (2010; 2012) e Michel Foucault (2004; 2012). Revisitar os caminhos percorridos nos ajudará a compreender como se configura essa disciplina na atualidade, seus percursos e percalços. Autores brasileiros como Eni Orlandi (2003; 2013), Maria do Rosário Gregolin (2004) e Roberto Leiser Baronas (1991) nos auxiliaram no desenvolvimento deste capítulo enquanto pesquisadores em Análise do Discurso.

Entendemos que é necessário esclarecer conceitos, como discurso, enunciado, enunciação, sujeito, posição-sujeito, identidade etc. Discutimos noções de cenas da enunciação, *ethos* e argumentação, bem como a ironia/sarcasmo, humor e derrisão. Essas discussões nos auxiliarão no processo de descrição, análise e interpretação do *corpus* a ser apresentado no capítulo seguinte.

### 2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO

#### 2.1.1 A Análise do Discurso e o discurso: percursos e percalços<sup>22</sup>

A Análise do discurso, especificamente a francesa, teve sua emergência a partir da década de 1960, quando trabalhos de Michel Pêcheux e outros investigadores franceses delinearão e contribuirão para a constituição de uma disciplina mediante debates em torno das contribuições da Linguística, da História e da Psicanálise para se pensar a língua, o homem, o sujeito.

O termo “análise do discurso” foi utilizado, ao que tudo indica, pela primeira vez num artigo de Harris (1952), no qual propõe uma possível análise além da estrutura, isto é, estender o procedimento linguístico limitado à frase aos enunciados propostos por Jakobson e Benveniste sobre enunciação. Estes optaram por estudar os enunciados, porém, via

---

<sup>22</sup> Cf. GREGOLIN (2004); MAZIÈRE (2007); GUERRA (2009); ORLANDI (2013); STAFUZZA E GÓIS (2014).

perspectivas diferentes. Apontam para uma postura teórica que deram indícios de uma análise do discurso, uma americana e outra europeia, respectivamente.

É preciso considerar o contexto histórico-social da época, de uma França poucas décadas pós Segunda Grande Guerra e que se encontrava no meio de duas realidades socioeconômicas e ideológicas: o capitalismo e o socialismo, respectivamente representados pelos Estados Unidos e União Soviética. Nesse sentido, a AD surge em resposta ao estruturalismo linguístico e às novas propostas de pesquisas e objetivos que surgiam naquele período, sendo o resultado dessas tensões no cenário político-econômico-social europeu.

Atentamos para o fato de que a AD foi um movimento de descontinuidade ao estruturalismo, em outras palavras, abalou as bases do estruturalismo, fazendo surgir, a partir desse, uma nova proposta, um novo olhar. Mobilizando o filósofo francês Michel Foucault, podemos dizer que a AD é uma forma de construir “a verdade” sobre a língua e a fala.

Assim, a França se converte em um dos berços da AD. Os laços com o estruturalismo permaneçam, eles não são rompidos totalmente, pois é possível perceber um movimento de continuidade e não de ruptura total com a Linguística, o que nos leva a depreender que a linguística será mais uma fonte para os estudos do discurso.

Entendemos que o discurso não se restringe ao texto, à língua ou à fala, vai além, assumindo a exterioridade da língua. Considera, concomitantemente, o ideológico e o social (contexto sócio-histórico e político), os quais se fundem e materializam-se na língua. Sendo assim,

Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. [...] A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (ORLANDI, 2013, p. 15)

A autora enfatiza que o discurso não é algo linear e estanque com seus elementos de comunicação bem definidos e articulados para um simples processo de transmissão de informação. Ao relacionar sujeitos e sentidos, há, nesse processo de funcionamento da linguagem, a presença da ideologia, identidade e subjetividade. A construção da realidade pela língua é histórica, fazendo com que um complexo conjunto de elementos interfiram na produção dos sentidos. Assim, do resultado da interação entre os sujeitos interlocutores,

tomamos o discurso como os efeitos de sentidos manifestados pelo uso linguagem. (ORLANDI, 2013)

Sintetizadas por Pêcheux (2014), as três épocas da Análise do Discurso (AD1, AD2 e AD3) apresentam as tentativas do autor em estabelecer um campo disciplinar que, em uma divisão não cronológica, instauram, ao mesmo tempo, indagações e conceitos teórico-metodológicos (re)formulados para a efetivação desse novo campo do saber, a Análise do Discurso. Para Gregolin (2004, p.60), três épocas da AD “revela os embates, as reconstruções, as retificações operadas na constituição do campo teórico da análise do discurso francesa”.

Gregolin (2004, p. 55) comenta sobre “as três épocas” de Foucault, no qual apresenta “três modos de produção histórica das subjetividades” envolvendo o poder e a produção de saberes. Diz a autora que Foucault: (i) investigou os saberes que embasam a cultura ocidental e buscou o método *arqueológico* para entender a história desses saberes; (ii) estudou a objetivação do sujeito no que se refere às “práticas divergentes”. Da articulação entre os saberes e os poderes, surge uma *genealogia do poder* e dessas análises surge a ideia da “pulverização de poder” na sociedade dividindo-se em micropoderes; e, por fim, (iii) investigou a subjetivação a partir de técnicas de si, da governamentalidade, no qual constituem uma *ética e estética de si*.

Assim como Pêcheux, Michel Foucault também marcou a análise do discurso, embora não fosse seu objetivo fim. Norteadado pelas leituras e, por conseguinte, um diálogo tenso entre Nietzsche (filosofia), Freud (Psicanálise) e Marx (História), Foucault também se apoia numa *tríplice aliança* (GREGOLIN, 2004). Um efeito de proximidade pode ser aceito entre Foucault e Pêcheux, de modo particular por conta da leitura que esses dois pensadores fazem de Freud e Marx, no que tange o sujeito e a história. Porém se distanciam, para Gregolin, principalmente em relação à Linguística e à Filosofia. Essas aproximações e distanciamentos são o que a autora vai denominar “diálogos e duelos”. Posicionamentos que geraram embates, conflitos e tensões, mas que despontaram num arcabouço teórico significativo para estabelecer as bases do que atualmente se conhece como Análise Discurso.

Gregolin (2004, p. 191, grifo do autor) afirma que “há uma **generalização** do adjetivo “francesa”, pois entre os anos 1960 e 1980, na França, havia vários teóricos analisando “discursos” (Lévi-Strauss, Dumézil, Todorov, Barthes, Greimas, etc.)”. Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 13) assumem, a esse respeito, a seguinte posição:

No interior das ciências da linguagem, a análise do discurso não nasceu de um ato fundador, mas como resultado da convergência progressiva de movimentos com pressupostos extremamente diferentes, surgidos nos anos 60 na Europa e nos Estados Unidos; eles se desenvolveram em torno do estudo de produções transfrásticas, orais ou escritas, nos quais se busca compreender a significação social. Uma grande parte dessas pesquisas foi desenvolvida em domínios empíricos, o que fez com que cada um desenvolvesse uma terminologia própria, ignorando aquilo que se fazia nos domínios vizinhos. A partir dos anos 80, e isso se vai acentuar consideravelmente nos anos 90, produziu-se uma descompartmentalização generalizada entre as diferentes correntes teóricas que tomaram o “discurso” como objeto. A publicação deste dicionário consagra esse fenômeno.

Desde os primeiros "suspiros" da AD em 1960 até chegar à década de 1980, vários autores tomaram o discurso como seu objeto de estudo, a exemplo de Denise Maldidier e Jean-Jacques Courtine. Nesse sentido, Gregolin (2004, p. 192-193) sinaliza que a história da França é diferente da do Brasil, sendo esta marcada, principalmente, por uma defasagem temporal. A autora afirma que

Os trabalhos brasileiros, que se iniciaram no final dos anos 1970, tem forte vinculação com o campo francês, mas, evidentemente, tem diferenças – e a mais óbvia diz respeito à forma como se dá a interpretação dos textos teóricos: ao chegar ao Brasil a análise do discurso francesa estava convulsionada pelas crises que a fizeram ingressar na fase de “desconstrução” – isto é, ela se inicia aqui no momento em que está em franca reelaboração na França. Essa defasagem temporal certamente provocará efeitos na recepção dos textos e na sua circulação, especialmente por que foram sendo lidos e traduzidos em uma cronologia diferente daquela estabelecida na historicidade francesa. (GREGOLIN 2004, p.193)

A AD não trabalha com a língua fechada nela mesma, mas sim com o discurso; trabalha-se com a história e a sociedade, correlacionadas à linguagem. Sendo assim, entendemos que analisar discurso

significa tentar compreender a maneira como as verdades são produzidas e enunciadas. Assim, buscando as articulações entre a materialidade e a historicidade dos enunciados, em vez de sujeitos fundadores, continuidade, totalidade, buscam-se *efeitos discursivos*. (GREGOLIN, 2007, p. 15, grifo da autora).

A AD sempre vai levar em consideração a instituição a que está relacionando o discurso, considerando os conflitos ideológicos existentes nas instituições, além do espaço próprio que cada discurso configura em si mesmo. Nesse sentido, a AD norteada pelos trabalhos de Pêcheux entende correlativamente a língua/discurso/ideologia e, ainda, contribui

efetivamente para a compreensão dos enunciados além da superficialidade, de qualquer natureza.

Portanto, compreender como, de que forma os textos circulam, onde e a quem se dirigem, de que forma são lidos e porque de uma tal forma e não de outra, é uma maneira de saber “como esse texto significa”. Por conseguinte, analisar um texto não é apenas interpretá-lo e compreendê-lo, mas também, descrevê-lo.

Nessa linha de raciocínio, Foucault (2004, p. 124) assevera que

A análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para elas o fato de terem aparecido – e nenhuma outra em seu lugar.

Logo, o papel do analista do discurso não se restringe a interpretar e a compreender textos; objetiva mostrar que os sentidos e a linguagem não são transparentes, que são produtos de uma história incitando reflexões. Em outras palavras, colocar em “xeque” aquilo que está aparentemente natural, mostrando “verdades” que não estão na superficialidade dos textos.

Diante dessas considerações, pensar o *impeachment* não apenas como um acontecimento político, mas também como um acontecimento discursivo é considerar a ideia de Pêcheux (2012) de que o discurso pode não ser apenas uma materialidade, isto é, pode ser uma materialidade perpassada pela história e que, por sua vez, sua estruturação se dá por meio de tensão, conflito e pela presença constante de valores ideológicos. O autor elucida que conceber o discurso como uma lógica estabilizada e coerente estabelece um grande risco de retorno fantástico ao positivismo.

O discurso como palavras em movimento não é apenas uma produção de enunciados aleatórios, dispersos que parecem não ter relação. Nada é dito inocentemente, sem nenhum desejo, e o sujeito, ao produzir um discurso inserido em um período histórico, fará uso da língua produzindo efeitos de sentido suscitando significações. Dessa forma, todo discurso apresenta uma relação entre o dizer e as condições de produção desse dizer, dito de outro modo, é o sentido sendo construído no processo de interlocução. (PÊCHEUX, 2012)

Quando agrupados por meio de características comuns, os enunciados dispersos farão parte de uma Formação Discursiva, em outros termos, haverá uma relação entre objetos e

temas que aparecem, tipos de enunciação que permeiam os elementos dispersos e conceitos que apresentam. Nesse sentido, passam a integrar a regularidade de uma FD, e o discurso seria interpretado como uma família de enunciados relativos a uma mesma FD.

Em sua obra *Arqueologia do saber*, Foucault (2004) busca as regularidades que existem nos elementos dispersos. São suas palavras

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* –evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva. (Grifos do autor) (FOUCAULT, 2004, p.43).

O enunciado pode ser repetido inúmeras vezes. Para Foucault (2004, p. 132), “um enunciado pertence a uma formação discursiva” e sua regularidade “é definida pela própria formação discursiva” e esses se caracterizam por “uma dispersão de fato”. Um conjunto de enunciados é a representação das formações discursivas presentes em um determinado discurso.

Foucault não vê o discurso como uma sequência de palavras, mas sim como sendo formado por enunciados dispersos que aparentemente não parecem ter relação, unidade, e, nesse sentido, o discurso é decorrente de um conjunto de enunciados que se entrelaçam, se conectam ou, ainda, resultante das relações em que é possível existir significantes. A AD vai descrever essa dispersão, estabelecendo regras que sejam capazes de reger a formação dos discursos. Sendo assim, chamaremos de discurso

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2004, p. 132-133)

Em outras palavras, para Foucault (2012), o discurso é como uma teia, uma estrutura em cadeia de signos que se conecta a outras teias de outros discursos. Sendo o discurso um sistema aberto que registra, estabelece e reproduz não apenas significados possíveis no interior do próprio discurso, mas também, valores de uma sociedade que devem ser perpetuados. O discurso não é uma estrutura lógica de palavras e frases, fechadas em si e que almejam um significado unívoco.

O discurso deixa de ser a representação de sentidos e passa a ser, ele mesmo, o objeto de desejo que se busca, dando, assim, ao discurso, o seu poder inerente de reprodução e dominação. São as palavras do autor:

[...] O discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante. (FOUCAULT, 2012, p. 46-47)

Ao referirmo-nos aos enunciados, às formações discursivas, ao discurso, entendemos que, nesse conjunto de teorizações, há a presença de um sujeito que se ocupa de uma posição, um lugar social, construído sócio-historicamente, derivado dos discursos e de práticas discursivas (re)produzindo saberes, ou uma função que pode ser exercida por vários sujeitos. Assim, analisar é “definir as condições nas quais se realizou o enunciado, e o fazem aparecer como um jogo de posições do sujeito” (GREGOLIN, 2004, p. 32), e o sujeito é produto das relações de poder e pode ser compreendido como um autor ou uma categoria produtora dos discursos.

Foucault, em sua obra *As palavras e as coisas* (2000), produzida ainda em sua primeira fase arqueológica, declarou a “morte do homem” e com isso foi condenado por seus contemporâneos por posicionar-se contra o homem. Para Foucault, o homem não é uma essência, o núcleo central, o ponto de partida para a construção do conhecimento e das relações de poder, e sim, o homem concebido em sujeito é construído e constituído pelas estratégias de poder, logo, não é produtor, é o produto.

Dessa forma, podemos entender que o sujeito, resultante dessas relações de poder, é um produto social. Por exemplo, no jornalismo, o indivíduo, ao dizer, passa a ocupar um lugar: o de sujeito jornalista. O homem, em Foucault, é histórico, uma identidade resultante das relações de poder. Ao mencionar a “morte do homem”, depreendemos que é possível



construirmos novas identidades, subjetividades e formas de existência ao longo da história e estes não são elementos prontos e acabados, ao contrário, estão sempre em processo de construção e transformação. Nesse sentido é que assumimos o sujeito enunciador com essa entidade história, presente na materialidade dos discursos.

A partir do jogo de desconstrução/reconstrução das sequências discursivas, podemos captar o(s) sentido(s) produzido(s) por meio da relação de contraste, ou seja, comparando-as com variáveis externas (temporal, espacial, cultural e gênero) e internas (componentes situacionais que estruturam um domínio de práticas sociais) presentes no discurso. Dessa forma, é possível compreender os efeitos de sentidos que “Paraguai” e suas variantes produzem em textos brasileiros. Em suma, centralizamos na *arqueogenealogia* de Michel Foucault e tomamos o discurso como uma prática social, determinada pela história e memória, em que constituem os sujeitos e os objetos.

### 2.1.2 Interdiscurso e Memória

No *Dicionário de Análise do Discurso*, conforme Maingueneau (2004, p. 286, grifos do autor), “todo discurso é atravessado pela **interdiscursividade**, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no **interdiscurso**. Esse último está para o *discurso* como o *intertexto* está para o texto”.

O interdiscurso é o lugar de uma reconfiguração, no qual uma FD é levada, em função dos seus interesses ideológicos, a absorver elementos preconstruídos, produzidos fora dela, associando-os a seus próprios elementos, por meio de discursos transversos e assim revelando um novo sentido: “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. (ORLANDI, 2013, p. 31)

O dizer é sempre um dado, um já-dito em outro lugar que é de domínio de uma prática anterior. Efetivamente o sujeito não é dono do seu discurso, este não nasce da vontade do seu enunciador. Orlandi (2013) elucida que

Na análise do discurso, há noções que encampam o não-dizer: a noção de interdiscurso, a ideologia, a de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz “x”, o não-dito “y” permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de “x”. Isto é, uma formação discursiva pressupõe uma outra. (ORLANDI, 2013, p. 82)

O sujeito enunciador repete ou modifica outros discursos já ditos anteriormente, em algum momento da história. De certa forma, essa repetição ou modificação não é intencional, consciente. Entendemos que isso acontece por meio do pré-construído e da articulação de enunciados do interdiscurso. ou seja, interdiscursos que atravessam o discurso, o dito discurso transverso.

Em se tratando de discurso transverso, este se origina no interdiscurso e é formulado no intradiscurso por meio da articulação. Pré-construído e articulação são duas formas de o interdiscurso manifestar-se no intradiscurso. Destes surge o efeito da evidência: o que todos sabem e todos podem ver. Sendo assim, podemos dizer que o discurso provém de uma fonte heterogênea. O interdiscurso se materializa no intradiscurso, e, assim, os sentidos se misturam, pois a relação pode se dar pelo antagonismo, por exemplo. Acerca do interdiscurso, Mainguenu (1997) comenta:

Assim, toda formulação estaria colocada, de alguma forma, na intersecção de dois eixos: o “vertical”, do pré-construído, do domínio de memória e o “horizontal”, da linearidade do discurso, que oculta o primeiro eixo, já que o sujeito enunciador é produzido como se interiorizasse de forma ilusória o pré-construído que sua formação discursiva impõe. (MAINGUENEAU, 1997, p. 115)

A ilusão que o sujeito tem de ser o dono do seu dizer, do seu discurso, está exatamente nessa formulação situada entre os dois eixos. Ele interioriza o pré-construído que, associado ao interdiscurso, regido por um domínio da memória, regula o modo de doação e articulação dos objetos. Esse pré-construído constitui uma heterogeneidade articulando novas vozes no discurso.

O “domínio de memória” representa o interdiscurso como instância de construção de um discurso transverso que regula, tanto o modo de doação dos objetos de que fala o discurso para um sujeito enunciador, quanto o modo de articulação destes objetos. (MAINGUENEAU, 1997, p. 115)

Para Pêcheux (1997, p.169), “a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família perifrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a ‘matriz do sentido’”, em outras palavras, a produção de sentido é inerente à FD e é no interior dessa família que o efeito de sentido se constitui.

Nesse sentido, entendemos que a FD não é um espaço fechado, pois é invadido por outros elementos que vêm de outros lugares, de outras FDs, que se repetem no seu interior apresentando evidências discursivas fundamentais como o pré-construído e os discursos

transversos. Esses elementos invasores fazem parte do interdiscurso que é o exterior de uma FD e guardados em uma memória para serem repetidos, reproduzidos e enunciados pelos sujeitos, assim como revistos, questionados e problematizados também. Entendemos que memória e interdiscurso não são sinônimos e para tanto apresentamos algumas noções acerca desses termos.

Halbwachs (1968) diferencia memória histórica de memória coletiva, a partir da premissa de que história e memória são registros do passado que se opõem em função da sua condição. Em outros termos, a memória coletiva “é uma corrente de pensamento contínua, com uma continuidade que não tem nada de artificial, considerando que retém do passado apenas o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantem” (HALBWACHS, 1968, p.213), enquanto a memória histórica “localiza-se fora dos grupos, por baixo ou por cima deles” obedecendo a “uma necessidade didática de esquematização”. (p.214)

Assim, "no desenvolvimento contínuo da memória coletiva, não há linhas de separação nitidamente traçadas como na história, apenas limites irregulares e incertos" (HALBWACHS, 1968, p.215), de tal modo que "o presente não se oponha ao passado como se diferenciam dois períodos históricos próximos".

Ainda nesses termos, o autor comenta que, na memória individual, é possível a dimensão da memória coletiva. Mostra como o individual tem sempre uma marca da vida comum, da história de vida, das emoções e experiências vividas com os outros que venham a imbricar-se com o coletivo no qual o autor estabelece a existência de “marcos sociais da memória”, que podem ser específicos como a família, a religião, ou, ainda, mais gerais, como o espaço, o tempo e a linguagem.

Paveau (2005, p. 2) afirma, por sua vez, que a memória está sempre ligada “às condições sócio-históricas e cognitivas de produção de discursos, aos dados extradiscursivos e, sobretudo, pré-discursivos, aos da circulação das produções verbais de sujeitos social e culturalmente situados”. Dessa maneira, consente com Halbwachs que a memória coletiva deriva de “quadros sociais”, constitui-se numa identidade do locutor e, ainda, não é recebida com um presente, decorre de uma carga de experiência enquanto sujeito falante. Em suma, a memória coletiva auxilia na reconstrução do passado, como consequência, organiza o presente.

Em se tratando de memória discursiva, esta é associada à formação discursiva em suas formulações e, ao serem repetidas, transformam e recusam outras formulações. Sendo assim, apresentam um embate, pois o interdiscurso é uma articulação contraditória de formações discursivas que remetem a formações ideológicas opostas. Segundo Pêcheux (2010, p. 49-50)

[...] um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória. Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador.

O autor, nesse sentido, já dizia que

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. [...]. A questão é saber onde residem esses famosos implícitos, que estão ‘ausentes por sua presença’ na leitura da sequência: estão eles disponíveis na memória como em um fundo de gaveta, um registro oculto? (PÊCHEUX, 2010, p. 52)

Para Orlandi (2013, p. 31), a memória discursiva é “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob forma do *preconstruído*, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. (Grifo da autora)

O acontecimento político o *impeachment* de Fernando Lugo apresenta sujeitos enunciadorees que, atravessados por suas FDs e regidos pelo domínio da memória discursiva que regulam e articulam os objetos de que fala, indicam a repetição e/ou modificação dos discursos já-ditos anteriormente.

Sendo assim, tentaremos mostrar, pela análise de textos selecionados, a presença do interdiscurso no qual o sujeito mobiliza elementos da história e da memória, mesmo que inconscientemente, para produzir enunciados instaurando o discurso transversal revelando um discurso heterogêneo.

## 2.2 DIALOGISMO E DISCURSO ARGUMENTATIVO

### 2.2.1 Dialogismo e polifonia

A partir dos estudos de Mikhail Bakhtin (2006) acerca do dialogismo, podemos compreender o movimento dialógico da enunciação no qual se encontra o locutor e o interlocutor e assim inferir a noção de recepção/compreensão ativa. Em outras palavras, o locutor enuncia em função da existência do outro, seja real ou virtual, o interlocutor. Deste, requisita uma resposta projetando-se no lugar do outro, daquele que ouve e lê. Mas essa recepção não é tão simples. Numa enunciação, confrontamos o dizer, ao mesmo tempo, com os nossos próprios dizeres e com os alheios. Assim, por conta do movimento dialógico dos enunciados, conseguimos compreendê-los.

Para Bakhtin (2006), só compreendemos os enunciados dos outros quando “reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 2006, p.96), isto é, o importante é a interação dos significados das palavras no que se refere à ideologia, não só a partir da enunciação, mas também das condições de produção e da interação entre os sujeitos da enunciação.

Dessa forma, para o autor, o importante é a interação verbal que se realiza através da enunciação, e explica que

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006, p. 125)

Assim, a palavra “diálogo” não deve ser pensada em seu sentido mais restrito, ou melhor, como uma comunicação face a face, em voz alta entre os interlocutores, mas toda comunicação verbal possível hoje, incluindo os recursos tecnológicos de informação e comunicação.

Em quaisquer das instâncias do diálogo, seja ele exterior, na relação com o outro ou no interior da consciência de uma escrita, a linguagem se realiza. Independentemente da forma do discurso, Bakhtin entende que as relações dialógicas acontecem no dia-a-dia, quer seja em textos escritos ou no diálogo entre interlocutores. Essa ação sempre será compartilhada

histórica e socialmente, isto é, em um tempo e local precisos, mas sofrerão variações de acordo com as condições de produção.

Para Bakhtin, o dialogismo é inerente à linguagem, pois entende que, mesmo em situações monológicas, há sempre uma relação dialógica, portanto, todo gênero é dialógico. Imprescindível, neste contexto, identificar e reconhecer a diferença entre dialogismo e polifonia, pois aquele é o princípio dialógico constitutivo da linguagem e esta se revela pelas vozes polêmicas em um discurso, quer dizer, a presença de várias vozes no mesmo discurso.

Nas análises que se apresentam, é possível observar a presença de várias vozes nos dizeres produzidos sobre o Paraguai. Instaure-se o outro, numa relação dialógica para que assim as palavras produzam sentidos, e, nesse processo de interlocução, o sujeito enunciador é dividido em pelo menos duas vozes sociais: um sujeito histórico/ideológico.

Diferentemente de Bakhtin, que entende a polifonia como pertencente a um universo enunciativo do texto, o semanticista Oswald Ducrot (1987) utiliza o conceito em um nível mais linguístico, isto é, trabalha com a possibilidade de um desdobramento enunciativo dentro do próprio enunciado, como se fossem personagens atuando em uma mesma peça de teatro, a chamada teoria polifônica da enunciação.

O autor entende que é preciso diferenciar locutor de enunciador. Locutor é aquele a quem se deve “imputar a responsabilidade pelo enunciado”, não é o autor empírico e pode ser o locutor enquanto ser no mundo. Já os enunciadores são os sujeitos dos atos ilocutórios, são as outras vozes veiculadas pela enunciação no qual expressam ideias, opiniões que o locutor organiza de maneira que ele se identifique ou se oponha a eles. Essas vozes não explicitadas e sua existência decorrem da imagem que se forma por meio do enunciado produzido pelo locutor (L).

Para entender melhor a distinção dos três sujeitos apresentados – autor, locutor e enunciador –, o autor faz uma ligação da teoria polifônica à narrativa de Genette, na qual, por analogia, entende que a polifonia também tem uma concepção teatral dos atos da linguagem, isto é, os três representam personagens da vida real. (DUCROT, 1987, p. 216)

Ducrot entende que a polifonia se dá no nível dos locutores e dos enunciadores. Aquele corresponde ao discurso relatado direto, ou seja, em um enunciado, aparecem vários locutores e duas enunciações. Este corresponde ao discurso indireto livre, da negação polêmica, relaciona-se com o tipo de enunciador que se apresenta nas análises deste trabalho de pesquisa. A polifonia só é possível através da separação de locutores e enunciadores.

Ducrot e Bakhtin serão importantes, neste trabalho, quando pensarmos a questão da ironia, analisada pelo francês a partir do mirante da polifonia bakhtiniana.

### 2.2.2 Discurso Argumentativo

Em *Tratado da argumentação: a nova retórica*, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) discorrem acerca das técnicas utilizadas por oradores no sentido de persuadir seus auditórios, (re)significando conceitos conhecidos desde a *Retórica* de Aristóteles, ampliando os estudos sobre o discurso argumentativo. Tratam da argumentação, ressaltando a importância deste que, associado ao discurso (retórico), determinará qual o rumo a ser seguido pelo seu auditório. Ressaltam que a qualidade da argumentação diante do auditório é de suma importância ainda que seja difícil precisá-lo.

Visto que os auditórios são heterogêneos, persuadi-los depende muito da organização do raciocínio e da capacidade de argumentação do orador. Nesse sentido, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 29) diferenciam persuadir de convencer, considerando as particularidades dos auditórios e os problemas enfrentados pelo orador, afirmando que “a busca de uma objetividade, seja qual for sua natureza, corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as tese defendidas possam ser aceitas por todos”.

Retomam aquilo que chamam de “debate universal”: “cuidado com o universal” x “valores temporais locais”; “partidários da verdade” x “partidários da opinião”; “filósofos, indagadores de absoluto” x “retores, envolvidos na ação”. Em seguida, comentam:

É por ocasião desse debate que parece elaborar-se a distinção entre *persuadir* e *convencer*, que gostaríamos de retomar em função de uma teoria da argumentação e do papel desempenhado por certos auditórios. Para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação. [...] para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir. [...] essa característica racional da convicção depende dos meios utilizados, ora das faculdades às quais o orador se dirige. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 30).

Para os autores, existe um matiz muito tênue entre persuadir e convencer. Eles propõem “chamar de *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só de um auditório particular e chamar de *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional”

(PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 31). Entretanto, tensionam o conceito de razão para o orador e questionam se o conjunto de verdades e fatos que fazem parte de sua bagagem cultural, como ser racional, seria indubitavelmente o mesmo para o seu auditório. Sendo assim, sugerem que “mesmo o autor mais consciencioso tem, nesse ponto, de submeter-se à prova dos fatos, ao juízo de seus leitores” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 31).

Conforme defendem, Immanuel Kant, em *Crítica da razão pura*, entende persuasão e convicção como crenças, e assim, a convicção teria base na razão voltada ao universal, à inteligência podendo ser provada. Já a persuasão se centraria na aparência voltada ao juízo particular do sujeito, na ação não podendo ser provada. Com isso, esse filósofo prussiano aprova apenas a necessidade de se convencer um auditório “racional”, pois compartilham das mesmas “razões”, e, por isso, entende que a argumentação teria por função única a coerção, e aquilo que não se tem necessidade de comunicar seria excluído, assim como os auditórios particulares.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a partir de Kant, admitem a existência de três tipos de auditórios: o universal; o formado no diálogo pelo interlocutor a quem se dirige; e o constituído pelo próprio sujeito. Sendo assim, os argumentos destinados a um determinado auditório não necessariamente serão uma convocação a uma ação instantânea, mas, talvez, o mesmo critério utilizado pelo orador poderá ser usado pelo ouvinte no repasse a outros auditórios considerando a recepção do outro.

Portanto, para os autores, uma persuasão pode vir a se tornar uma convicção assim como a própria convicção do orador, pois dependerá do tipo de auditório e de sua adesão aos argumentos apresentados, confirmando, mais uma vez, a imprecisão do matiz entre os termos, principalmente na prática. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 33) asseveram que “é, portanto, a natureza do auditório aos quais alguns argumentos podem ser submetidos com sucesso que determina em ampla medida tanto o aspecto que assumirão as argumentações quanto o caráter, o alcance que lhes serão atribuídos”.

A interpretação dos enunciados na interlocução e a tentativa de convencer/persuadir o interlocutor da enunciação participam de uma construção dialógica do sentido. Entendemos que convencer / persuadir é um ato não violento com o objetivo final de conseguir uma resposta positiva, favorável de um auditório que se forma através da argumentação. Sendo assim, percebemos nos textos analisados, o uso da argumentação como forma de convencer / persuadir o leitor.



Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), a argumentação é uma operação delicada: pressupõe, ao mesmo tempo, o ato de convencer o outro *junto com* e, também, persuadi-lo, preocupando-se com o outro, sensibilizando-o. Sendo assim, é um processo no qual devemos organizar as ideias, justificá-las e relacioná-las, para, logo, seduzir o ouvinte, persuadi-lo em alguma convicção que lhe é própria, prezando e reforçando valores já estabelecidos.

Amossy (2011) afirma, por sua vez, que a argumentação não é somente fazer aderir a uma tese; explica que é preciso fazer aderir ao modo de pensar, ver e sentir. Dessa maneira, é possível que os discursos vários, públicos ou privados, presentes na sociedade contemporânea sejam tomados como recurso argumentativo. E ainda acrescenta que

É preciso ainda considerar aqui a questão da divergência de pontos de vista, que está na base da argumentação. Essa só surge, de fato, quando é possível haver uma discordância, ou, no mínimo, uma forma alternativa de ver as coisas. Como já sublinhava Aristóteles, não se argumenta sobre o que é evidente – nesse caso, sobre o que, numa determinada comunidade, parece ser evidente e oferecer-se como a única resposta possível a uma pergunta. (AMOSSY, 2011, p. 130)

É nessa condição de produção de divergências que o processo de argumentação é árduo e deve ser praticado com muito cuidado, pois, dependendo da sagacidade do sujeito enunciador/locutor, seu público chegará a ser convencido de algo permitindo a adesão dos espíritos às ideias e persuadido no campo das emoções, agindo conforme a vontade daquele que argumenta, em suma, persuadir é mais que convencer.

A partir da leitura do trabalho de Perelman e Olbrechts-Tyteca podemos pensar nas técnicas argumentativas e nos recursos discursivos no sentido de convencer/persuadir o leitor para obter a adesão das mentes a determinada ideia. E as contribuições de Amossy no que tange o discurso argumentativo em contextos divergentes na tentativa de desvencilhar-se do incontestável.

### 2.3 IRONIA, HUMOR E DERRISÃO

Nos textos analisados é possível observar a presença da ironia (sarcasmo) sendo utilizada como recurso persuasivo/argumentativo. Entendemos que a ironia é uma maneira sutil de aproximar o conhecimento, o acontecimento e a verdade, não de maneira direta, mas disfarçada, envolvida em certo mistério. Não obstante, o recurso da ironia tem uma estreita e

forte ligação com o espaço/tempo em que é construída. Para que haja um entendimento da construção irônica, faz-se necessário conhecer as condições de produção.

As condições de produção do acontecimento político *impeachment* de Lugo foi utilizado para construir enunciados irônicos que marcam a posição do sujeito enunciator e, ainda, atacam a sua vítima. Aquele que desconhece essas condições não entenderá a ironia e a tomará como uma mentira. Nesse caso, Xavier (2007, p. 42), ao explicar a diferença entre ironia e mentira, afirma: “a mentira pretende passar por verdade, é uma inversão que não pretende ser decodificada, enquanto a ironia deve ser”. Nesse sentido, Rorty (2007, p. 135) esclarece que

O oposto da ironia é o senso comum. Este é o lema dos que, sem nenhum embaraço, descrevem tudo o que é importante em termos do vocabulário final a que eles e aqueles que os cercam estão acostumados. Aderir ao senso comum é tomar por certo que as afirmações formuladas nesse vocabulário final são suficientes para descrever e julgar as crenças, os atos e a vida dos que empregam vocabulários finais alternativos.

Nessa linha de raciocínio, Brait (2008) comenta que René Schaerer compara a ironia a um jogo de contrastes, e ainda que, na ambiguidade irônica, o enunciator simula e aponta essa simulação com o intuito de ser desmascarada. Assevera que,

diferentemente da mentira, em que a simulação pretende se passar por verdade, o engano irônico se oferece para que o receptor o adivinhe ou perceba como engano. Nesse sentido, a dissimulação só se torna irônica, segundo Schaerer, no momento em que é denunciada ou percebida como tal. (BRAIT, 2008, p. 107)

Para compreendermos o enunciado como irônico/sarcástico, precisaremos proceder a um percurso teórico. Afinal, como defende Duarte (1994, p. 55), “nada pode ser considerado irônico se não for proposto e visto como tal”, ou seja, “não há ironia sem ironistas, sendo este aquele que percebe a dualidades ou múltiplas possibilidades de sentido e as explora em enunciados irônicos, cujo propósito somente se completa no efeito correspondente [...]”. O que se aplica à ironia também parece se aplicar ao sarcasmo, embora este, conforme explicitaremos, seja mais direto do que a ironia. Assim, torna-se fundamental discorrer a partir de qual perspectiva estamos trabalhando a ironia (e o sarcasmo).

No *Dicionário de Análise do Discurso*, Maingueneau (2004, p.291) comenta que a ironia “acompanha a *filosofia* desde suas origens e a *retórica* a descreve tradicionalmente como um tropo que consiste em dizer o contrário do que se quer fazer o destinatário

compreender” e explica que, “na ironia, há um efeito de *não assumir* a enunciação por parte do locutor e de *discordância* em relação à fala esperada em tal tipo de situação”. (Grifos do autor)

Em se tratando de tropo, Kerbrat-Orecchioni (2004, p.487) apresenta a seguinte definição

Os tropos (do grego *tropos*, “desvio”, “torção”) são “figuras por meio das quais atribui-se a uma palavra uma significação que não é precisamente aquela própria dessa palavra” (Dumarsais, 1968:69). Eles constituem, então, uma subclasse das figuras de retórica, as *figuras de significação* (Fontanier), que repousam sobre uma transferência de sentido.

A autora explica que, para Dumarsais, os tropos apresentam diferentes tipos, divididos em três grandes categorias: a metáfora, a metonímia e a sinédoque dos quais comportam subclasses. Acrescenta que, para Fontanier, além dos “tropos propriamente ditos ou em uma só palavra” existem os “tropos em várias palavras ou impropriamente ditos” dentre eles “a lítotes e a hipérbole, a alegoria e o alegorismo, a ironia e o ateísmo etc”.

Retomando Maingueneau (2004, p.291), o autor diz que, “para a tradição retórica, a ironia, diferentemente da metáfora ou da metonímia, é um desses tropos que indicam mais uma *atitude enunciativa* do que uma caracterização do referente” e assevera que, para Kerbrat-Orecchioni (1980), “a ironia como tropo é uma antífrase, ou ao menos, uma divergência mais ou menos clara entre sentido literal e sentido figurado”.

Pelo uso da ironia, espera-se que o leitor (auditório) depreenda a ideia do orador (sujeito) em um processo inverso, conforme discorre Ducrot (1987, p. 197): “a única transformação irônica é uma inversão total”. Para tanto, o locutor L precisa de enunciador para que o processo de ironia seja alcançado. À vista disso, Ducrot conjectura que o discurso irônico deve “fazer ouvir uma voz” de forma que a ironia deixe de ser um discurso relatado. Isto é,

Para que nasça a ironia, é necessário que toda marca de relato desapareça, é necessário “fazer como se” este discurso fosse realmente sustentado, e sustentado na própria enunciação. Esta é a ideia que procuro deixar dizendo que o locutor “faz ouvir” um discurso absurdo, mas que o faz ouvir como o discurso de um outro, como um discurso distanciado”. (DUCROT, 1987, p.198)

Para Ducrot (1987), a ironia (e o sarcasmo) é, por assim dizer, polifônica, significando que, para interpretá-la, é essencial fazê-lo pela distinção entre locutor e enunciador. São suas palavras:

Falar de modo irônico é, para um locutor L, apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador. Posição de que se sabe, por outro lado, que o locutor L não assume a responsabilidade, e, mais que isso, que ele a considera absurda. Mesmo sendo dado como o responsável pela enunciação, L não é assimilado a E, origem do ponto de vista expresso na enunciação. (DUCROT, 1987, p. 198).

A diferença entre locutor e enunciador ajuda a explicar o aspecto paradoxal da ironia quanto à posição absurda. Conforme Berrendonner (1981 apud DUCROT, op. cit., p. 198), a ironia “não é atribuída a L, já que este só é responsável pelas palavras, sendo os pontos de vista manifestados nas palavras atribuídos a uma outra personagem, E”.

Em *O conceito de ironia*, Kierkegaard (2013) apresenta a ironia como algo que se configura no mal-entendido que se manifesta na dualidade entre o fenômeno e o conceito. Afirma que o início dos estudos da ironia está em Sócrates, pois este entende que não existe uma realidade concreta e única, mas sim irreal que passa a ser irônica. Elucida que a ironia possui uma carga semântica muito ampla, logo, não pode ser sistematizada por causa da inconsistência da linguagem e o conceito do termo ser (re)construído ao longo da história. A ironia é uma estratégia do orador que diz o oposto do que pensa, ou, em outras palavras, o que se pensa significa o oposto do que é dito.

Não é o orador que determina a ironia<sup>23</sup>, contudo as condições de sua emergência, isto é, as suas condições de produção e os efeitos de sentido. O orador joga com as palavras e com a situação para produzir o efeito irônico, mas se trata apenas de "efeito", pois a ironia só se realiza (ou não, ou parcialmente) posteriormente. Em outros termos, o orador, embora pense estar sendo irônico (produzindo um texto irônico), está na verdade construindo uma possibilidade de ironia. Esse conceito de ironia é, portanto, relativamente diferente da de Kierkegaard, que se centra na questão linguístico-enunciativa.

Nesse sentido, Brait (2008, p.41) afirma que não se pode considerar a ironia como um tipo de literatura, uma postura do escritor. Serão seus textos e os efeitos de sentido que permitirão dizer se é ou não um sujeito irônico. A autora destaca que em ambas as

---

<sup>23</sup> A ironia é uma figura de linguagem e que tomada enquanto discurso irônico é muito utilizado pelos analistas do discurso brasileiros.

perspectivas (linguística e filosófica) o que importa é o processo de enunciação, embora concebidas diferentemente.

Brait (2008), em um percurso histórico diacrônico, de Aristóteles a Bergson, posiciona-se diante da ironia, associando dimensão filosófica e linguística dos clássicos à AD e, ainda, atesta um alcance interdisciplinar. Elucida que Bergson

traz a questão do fenômeno irônico para o plano da linguagem. Dessa forma, o conceito de interferência de series (“dois sistemas de ideias presentes numa mesma frase”) poderia, numa certa medida, ser interpretado sob as categorias que a análise do discurso denomina “formações ideológicas” e “formações discursivas”, que são apreendidas (descritas e analisadas) por meio de formas linguísticas necessariamente presente em um discurso. (BRAIT, 2008, p. 42-43)

Brait entende que a ironia apresenta um quadro ambíguo em seu processo, pois a ambiguidade é uma propriedade da ironia e explica que “a ambiguidade está preservada pela polissemia instituidora de outras possibilidades de leitura”. (BRAIT, 2008, p.51). A autora salienta que o discurso irônico, diante da impossibilidade de desambiguar os sentidos e assim não destruir a ironia, aponta uma tensão entre o sentido literal e o sentido figurado. Nesse sentido, explica que,

O discurso irônico, ou mais especificamente sua ambiguidade, coloca o receptor diante não de uma simples escolha, que poderia levá-lo a optar por uma das possibilidades (literal-figurado), mas diante da necessidade de aceitar as duas instâncias, única forma de reconhecer a ironia. Por essa razão, colocar-se como receptor de um discurso irônico significa justamente compartilhar com o enunciador a ambiguidade do enunciado, a duplicidade da enunciação. Um momento seletivo, no sentido de aceitar o discurso como unicamente literal ou unicamente figurado, significaria assumir uma atitude desqualificadora da recepção e, conseqüentemente, da ironia edificada pelo enunciador. (BRAIT, 2008, p. 107)

A ironia tem, muitas vezes, a função de depreciar o adversário (sempre que necessário for) e valorizar o autor que almeja o “poder”. É possível relacionar a ironia com a verdade, com o reforço da ideologia. Pensar como a ironia e o humor funcionam no texto é aceitar as palavras de Duarte (1994), ao dizer que

Se a ironia funciona como estratégia em busca do poder, ou volta-se, na sátira, para o que foi desvirtuado em relação a uma expectativa previamente estabelecida, criticando um desvio das normas, o humor revela-se como consciência de elaboração do texto, ou apresenta-se como exibição de uma criatividade

autoconsciente que aparentemente ignora as normas e cria armadilhas para o leitor, de cuja capacidade desse jogo depende a compreensão do texto recebido.

Quando ocorre a construção humorística associada à agressividade, a ponto de ridicularizar o adversário, dá-se a derrisão. Mas o humor e a agressão não estão sozinhos, pois é preciso argumentar pela ironia, considerando o fato de que a carga negativa é diminuída à medida que haja consenso entre os interlocutores. Em outras palavras, a derrisão se torna um recurso linguístico muito forte, pois, em se tratando de humor, tudo fica mais leve, mais engraçado.

O termo derrisão tem origem no francês *dérision*, que direciona o sentido para “fazer pouco” de alguém ou de algo. Nesse sentido, tende à zombaria, ao desprezo e que, ao mesmo tempo, incita o riso trazendo o divertimento de alguém acerca de algo ou outrem.

Bonnafous (2003) analisa o discurso Jean-Marie Le Pen desde a perspectiva da derrisão e a define, numa perspectiva argumentativa, como algo diferente da pura injúria, elucidando que aquela é a associação do humor com a agressividade. Lembra que “o discurso político, há bastante tempo, faz grande uso da ‘derrisão’, isto é, da associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria”. (BONNAFOUS, 2003, p.35)

Esse tipo de recurso parece ter sido bastante usado pela imprensa, assim como o discurso político francês. Diferentes jogos discursivos funcionavam como um ato de violência verbal contra os adversários como zombarias, trocadilhos e composições pejorativas por meio de sufixos, segundo Bonnafous.

Devido ao fato de que o discurso político passou a ser controlado, Bonnafous (2003, p. 37) elucida que “consciente de sua singularidade, Le Pen erige a derrisão, principalmente, como argumento de distinção”. Assim, podemos identificar em Le Pen, “numerosos procedimentos discursivos que visam desqualificar o Outro por meio do ridículo”. Dessa forma, a autora apresenta quatro aspectos em que Le Pen vence com seus jogos de palavras de “efeito injurioso”:

Ele denigre e ridiculariza seus adversários, o que é o seu objetivo primeiro; ele se esquia de ter que fundamentar seus ataques em demonstrações; ele “manipula” seu auditório ou seus leitores pelo riso ou pela admiração conseguida pelas suas proezas verbais e suas invenções; e, o que não é negligenciável, ele evita os processos ou os atenua, ao se abrigar na brincadeira. (BONNAFOUS, 2003, p. 42)

Por sua vez, Baronas (2005, p. 106) afirma que a derrisão pode ser “mais do que uma estratégia enunciativa”, pode ser “um gênero textual”, pois apresenta uma temática cujo objetivo é problematizar “por meio da sátira” conceitos cristalizados pela sociedade. Em outras palavras, o autor assume o conceito de gênero discursivo conforme Bakhtin (tipos relativamente estáveis de enunciados) e elucida que são constituídos por três elementos: conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional.

Baronas (2005) aceita a derrisão como gênero textual, isto é, aceita essa estratégia argumentativa como um recurso enunciativo. A *zombaria*, os *tropos zombeteiros* ou a derrisão, como é concebida pela AD. Concorda com Bonnafous ao dizer que a derrisão seja “talvez um dos mais antigos recursos enunciativos, advindos da época clássica, e ainda bastante utilizados atualmente, principalmente em atividades que utilizam o discurso político como forma de desqualificação do oponente” (BARONAS, 2005, p. 105)

A derrisão enquanto gênero textual tem por função questionar, dessa forma “tal questionamento tem como alvo preferido as mais diferentes autoridades sociais e se impõe a ler sob diferentes facetas: nas charges; nas caricaturas; nos pastiches; nas piadas; nos jogos de palavras etc”, logo esse recurso enunciativo é, “uma espécie de ‘amabilidade verbal’ violenta que por produzir o riso foge de sanções negativas da legislação e, principalmente da opinião pública”. (BARONAS, 2005, p. 106)

## 2.4 ETHOS DISCURSIVO E CENA DE ENUNCIACÃO

Amossy (2005, p. 16) elucida que a noção *ethos*, como construção de uma imagem de si no discurso, é pesquisada por Dominique Maingueneau desde sua obra *Gênese do Discurso*, sendo apresentada inicialmente uma “semântica global”. Por conseguinte, afirma que “o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber”.

Maingueneau (2010, p. 79) explicita que o “ethos discursivo é coextensivo a toda enunciação: o destinatário é necessariamente levado a construir uma representação do locutor, que este último tenta controlar, mais ou menos conscientemente e de maneira bastante variável, segundo os gêneros do discurso”. Para o autor, a enunciação implica uma “voz” e um “corpo enunciante” no qual o destinatário constrói a partir de estereótipos positivos ou

negativos. Assim, o conteúdo apresentado por esse corpo, pode ou não suscitar adesão por sua maneira de dizer e ser. Corrobora com Amossy no sentido complementar a ideia de fazer aderir ao modo de pensar, ver e sentir.

O autor faz uma análise de anúncios, *ethos* e *sites* de relacionamento numa demonstração de como homens e mulheres fazem uma *apresentação de si* e suas estratégias discursivas. São práticas discursivas que buscam nas construções enunciativas interagir com o público e o sujeito enunciador, por sua vez, deverá ser captado em seu movimento, através do *ethos* discursivo.

Amossy (2005, p. 16, grifos da autora) assinala, por sua vez, que para Maingueneau “[...] a noção de *ethos* se desenvolveu de forma articulada à cena de enunciação. Se cada tipo de discurso comporta uma distribuição preestabelecida de papéis, o locutor pode escolher mais ou menos livremente sua *cenografia*”.

Em se tratando de cenografia, Maingueneau (2008b, p. 70) explica que o *ethos* convoca o auditório a um lugar ao qual o texto provoca, uma cena de enunciação. O autor comenta que essa “cena de enunciação” se compõe de três cenas, que propôs chamar de “cena englobante”, “cena genérica” e “cenografia”. São assim definidas pelo autor:

*A cena englobante* atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo: publicitário, administrativo, filosófico... A *cena genérica* é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica... Quanto à *cenografia*, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável etc. (2008, p. 70, grifos do autor)

Em suma, a cenografia é

a cena da fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. (2008, p.70)

Em *Cenas da Enunciação*, Maingueneau (2008, p.115) exemplifica cenografia da seguinte forma: aborda a carta (epistolar) enquanto *cenografia* e não como gênero de discurso. A carta é analisada como cenografia constituída pelo discurso e não pelo gênero. Propõe analisar gêneros que se ligam a debates públicos, logo, explica que “será necessário



levar em consideração a distância constitutiva entre o caráter privado da relação epistolar e o caráter público de seu modo de existência discursiva”.

Maingueneau (2008, p. 117) considera as dez primeiras *Provinciais* de Pascal, tratadas genericamente como um conjunto de libelos que se apresentam como “uma série de ‘cartas’ dirigidas sucessivamente a um amigo na província”. Assim, entende “a cena epistolar não como uma cena genérica, mas uma cenografia construída pelo texto, a cena de fala da qual o texto pretende originar-se”.

Sendo assim, a cenografia será importante neste trabalho para deprendermos e compreendermos a construção dos artigos publicados nos *blog's* na época do *impeachment* de Fernando Lugo em 2012. Conforme Maingueneau (2008, p.117) “a escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de *sua* cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima”. (grifo do autor)

## 2.5 DISCURSO MUDIÁTICO E O GÊNERO *BLOG*

Os textos analisados, conforme mencionamos, foram retirados de *blogs*. Nesse espaço virtual, *blogueiros* expressaram suas opiniões e posicionamentos a respeito do acontecimento político *impeachment* de Fernando Lugo. Dessa forma, entendemos que a comunicação de sujeitos que interagem em contextos midiáticos por meio das linguagens tecnológicas é, também, uma forma de prática discursiva, uma prática social.

Percebemos um crescimento considerável no uso dessa prática social desde o surgimento da *internet* e seu impacto em nossa sociedade. Nesse contexto da *internet*, conforme Ormundo (2004), surgem as práticas comunicativas em *blogs* os quais possuem um sistema padronizado de publicação de textos narrativos ordenados cronologicamente, permitindo que seus produtores atualizem os textos a qualquer momento. Essas narrativas publicadas nos *blogs* apresentam os fatos do cotidiano, da vida pessoal, comentários em geral, situações polêmicas, preferência musical, cinema, teatro, acontecimentos íntimos, sociais ou políticos.

Diferentemente do tradicional diário, no qual as narrativas eram guardadas, trancadas e escondidas, o intuito do *blog* é compartilhar experiências, opiniões com todos aqueles que o acessam constituindo um processo dialógico da linguagem, (BAKHTIN, 1997) e, nesse processo, ocorre os efeitos de sentido do discurso.

Para Charaudeau, a noção de gênero conforme a tradição literária não é muito válida para a análise dos discursos não literários. Nos termos do autor,

[...] um gênero é constituído pelo conjunto das características de um objeto e constitui uma classe à qual o objeto pertence. Qualquer outro objeto tendo essas mesmas características integrará a mesma classe. Para os objetos que são textos, trata-se de *classe textual* ou de *gênero textual*. (CHARAUDEAU, 2012, p.204, grifos do autor),

Dessa forma, considera que, para determinar uma classe ou gênero textual, três aspectos devem ser considerados: i) o lugar de construção do sentido do texto, no qual se refere ao lugar da produção e recepção; ii) o grau de generalidade das características que definem a classe, o qual pode ser subdividido em maior ou menor grau de generalização; e iii) o modo de organização discursiva dos textos, ou seja, o discurso como procedimento de organização ou como texto configurado. Nessa linha, Charaudeau (2012), propõe definir gênero de informação midiática, mediante o cruzamento da instância enunciativa (origem do sujeito falante), o tipo de modo enunciativo (transforma o acontecimento midiático em notícia), um tipo de conteúdo (os macrodomínios das notícias) e um tipo de dispositivo (traz especificidade do texto, diferenças de gêneros de acordo com o suporte midiático).

Entendemos que o *blog* é um gênero discursivo no contexto midiático, em que a internet funciona como suporte. Nessa concepção de gênero discursivo como prática social, os sujeitos estabelecem comunicação determinada pelos contextos sociais, históricos e ideológicos, mediados, principalmente, pela memória.

Observamos que os *blogs* estão agrupados de acordo a interesses pessoais dos usuários nas mais diversas temáticas existentes. Nesse sentido, inferimos a existência de uma comunidade discursiva, na qual se apresenta não como usuária, mas como prática social por meio da linguagem tecnológica, haja vista os agrupamentos temáticos dos usuários, esses agrupamentos acontecem por meio de interesses e valores em comum.

## 2.6 O GÊNERO DISCURSIVO: CHARGE

Com o advento da informática e das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação), as informações, bem como às inúmeras imagens veiculadas na rede, são disponibilizadas e atualizadas rapidamente. A respeito das imagens,

Uma das razões pelas quais elas podem então parecer ameaçadoras é que estamos no meio de um curioso paradoxo: por um lado, vemos as imagens de um que nos parece perfeitamente natural, que aparentemente não exige qualquer aprendizagem e, por outro, temos a sensação de ser influenciados, de modo mais inconsciente do que consciente, pela perícia de alguns iniciados que nos podem manipular submergindo-se da nossa ingenuidade. (JOLY, 2007, p. 09-10).

Muitas vezes, sem perceber, vemos e produzimos imagens. Constantemente as interpretamos, as deciframos e as utilizamos. De um lado, uma leitura aparentemente fácil, ingênua e natural das imagens; do outro, uma sensação de manipulação, ainda que inconsciente, de conhecedores, como jornalistas, chargistas entre outros, nos quais articulam imagem e cognitivo. Nesse sentido, Santaella e Nöth explicam que

O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos, pinturas, gravuras, fotografias e as imagens cinematográficas, televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido, são objetos materiais, signos que representam o nosso meio ambiente visual. O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Neste domínio, imagens aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas, modelos ou, em geral, como representações mentais. Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. (SANTAELLA; NÖTH, 2005, p.15)

Assim, faz-se necessário analisar imagens na tentativa de fugir das ameaças do mundo das imagens, caminhando no sentido contrário à passividade na recepção da informação, como se tudo fosse natural, convencionada através da história e da cultura de uma dada sociedade. Além disso, o texto produz efeitos de sentidos que não podem ser controlados em sua plenitude por quem o produziu. Acreditamos que a interpretação das imagens vai depender da formação ideológica e discursiva do leitor que se apresenta.

Na tentativa de superar as ameaças, primeiro, da ideia de que nos parecem naturais e segundo, de que somos influenciados (consciente ou inconsciente) por especialistas no assunto, a autora sugere

Uma iniciação básica à análise das imagens deveria precisamente ajudar-nos a escapar desta impressão de passividade (e mesmo de ser bombardeado) e, em contrapartida, permitir-nos perceber tudo o que esta leitura natural da imagem ativa em nós de convenções, de história e de cultura mais ou menos interiorizadas. É precisamente por sermos feitos da mesma massa da imagem que ela nos é tão familiar e que não somos as cobaias que por vezes julgamos ser. (JOLY, 2007, p. 10)

O *impeachment* ou golpe político do ex-presidente Fernando Lugo foi acompanhado tanto pela imprensa paraguaia como a brasileira, e as repercussões foram imediatas. Esse evento gerou uma série de dizeres, muitos deles valendo-se da articulação entre o verbal e o visual, produzindo enunciados veiculados na mídia digital brasileira na forma artigos de opinião, entrevistas, charges humorísticas, estabelecendo uma relação de sentido entre o acontecimento político e o acontecimento histórico.

Conforme Bakhtin (1997, p.279, grifos do autor), “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”. Bakhtin considera o enunciado um produto da interação verbal entre os membros de uma comunidade ou esfera social em que as palavras ganham sentido a partir de sua troca.

Os gêneros discursivos são, pela perspectiva bakhtiniana, determinados pelas atividades desenvolvidas pelas comunidades, logo, os gêneros são infindáveis já que as atividades humanas são incontáveis. Assim, Bakhtin contribuiu para os estudos de gênero do discurso considerando que as diversas atividades sociais levam a uma diversidade de produções de linguagem.

Percebemos o uso da língua não só por seus recursos estruturais, para expressar as formas de interpretação da realidade e enunciados acerca do acontecimento, mas também, pela articulação na construção de sentidos. Bakhtin afirma que:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997, p. 279)

A charge, do francês *charger*, significa carga. É uma reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público e apresenta percepções do desenhista/chargista. Pode ser meramente visual ou, ainda, verbo-visual, e tem por finalidade satirizar por meio de uma caricatura um acontecimento atual e seus personagens.

Frequentemente a charge tem como foco questões políticas, principalmente pela característica de sintetizar criticamente os acontecimentos. Nesse sentido, para que haja uma proposta de análise das charges, é preciso considerar as condições de produção sociopolíticas

em que a charge foi produzida, pois os chargistas, geralmente, se ocupam das notícias do dia e fazem menção aos acontecimentos noticiados associados a outras informações. Vale ressaltar que a charge possui não só um caráter humorístico e crítico, mas também apresenta um recurso discursivo ideológico.

A charge pode parecer um texto ingênuo e sem pretensões, mas, uma vez instaurado o outro, ocorre uma interação entre chargista e leitor que visa, mesmo que inconscientemente, uma resposta positiva, uma adesão à sua crítica. Segundo Bakhtin,

O locutor postula esta compreensão responsiva ativa: o que ele espera, não é uma compreensão passiva que, por assim dizer, apenas duplicaria seu pensamento no espírito do outro, o que espera é uma resposta, uma concordância, uma adesão, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 291).

O gênero jornalístico tem por função informar os fatos e acontecimentos de uma dada comunidade ou grupo social. Dos gêneros que compõe o discursivo jornalístico, a charge possui características em que se relacionam humor e crítica, ou seja, a crítica se dá no campo do humor de um acontecimento específico.

Considerando a natureza ideológica dos signos, um grupo se apresenta como dominante em relação ao restante, logo, a formação ideológica se dará pela prática discursiva, por exemplo, nas charges. Assim, para Bakhtin (1997), a linguagem é um campo de batalha social e explica que

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também *se refrata*. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja, *a luta de classes*. [...] Classes sociais diferentes servem - se de uma só e mesma língua. Consequentemente, *em todo signo ideológico confrontam - se índices de valor contraditórios*. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. (BAKHTIN, 1997, p.46)

Em se tratando do acontecimento político em análise, o *impeachment* provocou diversas manifestações discursivas jornalísticas. No que tange o *corpus* deste trabalho, algumas dessas charges serão nosso objeto de análise.

### 3 DOS RESULTADOS: AS ANÁLISES DO *CORPUS*

Analizamos alguns enunciados sobre o Paraguai, pela leitura de cinco textos retirados de *sites* da *internet*, mais especificamente, de *blogs*. Esses textos foram escritos por brasileiros, por meio dos quais expressaram suas posições, concepções acerca do acontecimento político – *impeachment* do presidente Lugo. Observamos a construção de enunciados irônicos, quando o referente é o Paraguai, um recurso argumentativo que, tenta convencer/persuadir o leitor, o faz a partir de uma memória que se tem desse país vizinho.

Três textos serão apresentados, por uma questão didática e metodológica, da seguinte maneira: designamos a letra T (Texto) para assinalar os textos dos *blogs* dos quais recortamos fragmentos enunciativos, de acordo com o seguinte quadro:

Quadro 1: Fragmentos enunciativos e textos correspondentes

Sequência Numérica	Texto <sup>24</sup>
T01 a T11	“O golpe paraguaio nas revistas semanais”, de Carlos Figueiredo (2012).
T12 a T16	“Nem tudo é falso no Paraguai”, de Zé Beto (2012).
T17 a T19	Fragmentos de reportagens: Estadão online e Folha de S. Paulo.
T20 a T27	“Impeachment Falsificado”, de Marcelo Zero (2012).

Os outros dois textos serão analisados apenas os seus títulos, portanto, não fazem parte do quadro acima. Simultaneamente selecionamos e analisamos dez charges que circularam na *internet* na época do *impeachment* em conjunto com os enunciados retirados dos *blogs*, bem como a análise da capa da revista *Carta Capital*, pois esta foi utilizada na composição do texto de Carlos Figueiredo. Essas charges foram selecionadas à medida que se relacionava com os enunciados destacados dos *blogs* para análise e, por sua vez, se reportavam as notícias da *mass media*.

<sup>24</sup> Cf. ANEXO A

### 3.1 CONSTRUÇÕES IRÔNICAS SOBRE O PARAGUAI

Em *O golpe paraguaio nas revistas semanais*<sup>25</sup>, Carlos Figueiredo (2012) faz uma análise temática (ou de conteúdo) do *impeachment* de Fernando Lugo, ex-presidente Paraguaio, ocorrido em 2012. Nele, o autor busca defender que houve golpe no Paraguai, a despeito dos que o classificaram como processo democrático. Para tanto, Figueiredo elegeu como objeto duas revistas – *Carta Capital* e *Veja*, discutindo a forma como esses dois veículos divulgaram/trabalharam informações a respeito do evento. Em sua leitura, a revista do Grupo Abril noticiou o acontecimento a partir do que o autor denominou “verniz constitucional”, significando que, para *Veja*, o processo no Paraguai foi democrático; por outro lado, para *Carta Capital*, ocorreu um golpe.

Em seu texto, Figueiredo posiciona-se, claramente, a favor do ponto de vista de que existiu “golpe”, focando-se em argumentos ligados aos da *Carta Capital*. Em alguns trechos, o articulista vale-se do sarcasmo (uma forma de ironia) para se posicionar frente àqueles que defendem a constitucionalidade do acontecimento<sup>26</sup> *impeachment* de Fernando Lugo. Como figuras de linguagem, a ironia e o sarcasmo têm poder persuasivo, mas não necessariamente convincente.

Para ilustrarmos essa relação entre convencer e persuadir, e retomando a afirmação de que a ironia (sarcasmo) estaria mais relacionada ao plano das emoções (persuasão, opinião) do que das ideias (convencimento, verdade), consideremos o seguinte fragmento extraído do texto de Carlos Figueiredo:

**T1:** Acho que Merval Pereira (aqui) é a partir de agora um forte candidato a uma vaga na Academia Paraguai [sic] de Letras. Reinaldo Azevedo poderia tentar a sorte por lá também. Quem sabe os paraguaios não aceitem a nossa muamba?

Para pensar na figura de linguagem ironia (sarcasmo) com poder persuasivo, mas não necessariamente convincente, precisamos considerar os interlocutores. Esse auditório é universal ou particular? Das três possibilidades apresentadas por Perelman e Tyteca (1996), qual é o auditório do enunciador do texto de Figueiredo?

<sup>25</sup> FIGUEIREDO, Carlos. **O golpe paraguaio nas revistas semanais**. Disponível em: <<http://jornalpolitico.blogspot.com/2012/07/o-golpe-do-paraguai-nas-revistas.html>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

<sup>26</sup> Por acontecimento, estamos compreendendo-o como “um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2012, p.17). A noção-conceito de acontecimento ou, melhor, de “acontecimento discursivo” foi discutida no capítulo anterior.

Para responder a essas perguntas, consideremos a posição do sujeito, pois, dessa forma, podemos perceber suas escolhas quanto à estrutura e à forma do texto, à cultura, à ideologia, assim como aos argumentos selecionados. Examinaremos as condições de produção em que se insere esse dizer em relação ao histórico-social e político. Quanto ao auditório, descartamos o “universal”, porquanto a sequência discursiva destacada escapa aos critérios da norma gramatical, da informação consensual e tende ao absurdo, logo, tem relação direta com a ironia.

Diante dessas observações, uma das possibilidades é o auditório ser composto (apresentar características) tanto do “universal” como daquele “formado no diálogo pelo interlocutor a quem se dirige o orador”, visto que os leitores (ironistas / sarcásticos) serão aqueles que compartilham ou não da mesma ideia e, dependendo dos argumentos, serão persuadidos à reação e, não obstante, passíveis de convencimento.

É importante ressaltar que nem sempre o locutor tem a intenção de convencer e/ou persuadir o seu auditório. Não esperam a adesão do auditório no sentido de existir estratégias argumentativas que exerçam influência nos modos de ver e pensar. Mas se pensarmos no jogo de influências em que a troca verbal necessariamente instaura o outro e, numa relação entre sujeitos, age sobre o outro, entendemos que a fala, o dizer, é uma ação, um fazer e, assim, há uma troca. Claude Chabrol (2004, p. 374), a respeito da "persuasão", afirma:

Os acontecimentos materiais – entre eles as descobertas científicas e as inovações técnicas, os fluxos linguageiros que os acompanham ou os constituem – produzem, reforçam ou corrigem (mas não necessariamente na mesma direção) os pensamentos, as falas e as ações das pessoas. A *persuasão* pode ser vista como o produto dos processos gerais de *influência*.

Em se tratando de linguagem, Charaudeau defende três princípios que a regem: a) princípio da alteridade, no qual o sujeito gerencia sua relação com o outro; b) princípio da influência, de modo que o influencia; e c) princípio da regulação, no qual tem que gerenciar a relação de influência do outro. (CHARAUDEAU, 2013, p. 16). Podemos depreender, portanto, que todo discurso tem uma relação imanente com a argumentação.

O discurso é visto, na retórica clássica, como a arte de persuadir, a propósito, argumentar. Até as teorias mais contemporâneas da argumentação admitem que o discurso objetiva agir sobre seus auditórios por meio do raciocínio, como podemos ler neste trecho extraído do *Dicionário de Análise do Discurso* (2004):



A argumentação está no centro da concepção antiga da retórica. Depois de ter conhecido um certo descrédito, relacionado ao declínio da retórica e à ascensão de certas formas de cientificismo, os estudos de argumentação foram *refundados* na segunda metade do século XX, a partir dos trabalhos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1970), Toulmin (1958), Hamblin (1970), assim como os de Grice e Ducrot nos anos 70 (Plantin, 1990, 1996). (PLANTIN, 2004, p. 52)

Consideramos aqui a perspectiva da argumentação enquanto prática do discurso e da linguagem submersos em contextos situados tanto sócio, quanto historicamente. A partir da perspectiva dialógica de Bakhtin, na qual os atos de fala incitam uma resposta a alguma coisa, observamos um elo, uma continuidade no discurso apresentado, um confronto direto em busca de uma resposta, manifestando assim um ponto de vista particular sobre a questão.

Ainda nessa perspectiva dialógica, Amossy (2011) afirma que “a argumentação está, pois, *a priori* no discurso” e assim se apresenta um confronto explícito no qual se suscita respostas às questões, de maneira instintiva e/ou pessoal. Assevera que é preciso “distinguir entre intenção e a dimensão argumentativa” e esclarece:

Mesmo que, por sua natureza dialógica, o discurso comporte, como qualidade intrínseca, a capacidade de agir sobre o outro, de influenciá-lo, é preciso diferenciar entre a estratégia de persuasão programada e a tendência de todo discurso a orientar os modos de ver do(s) parceiro(s). (AMOSSY, 2011, p 131)

A autora comenta que a argumentação “aparece como um encadeamento de proposições lógicas que temos que debrear da língua natural que as veicula e disfarça, simultaneamente” e, ao reconstruir os enunciados de maneira abstrata, “o que é linguageiro aparece como obstáculo”. (AMOSSY, 2011, p. 132)

Já a teoria da argumentação apoiada nas Ciências da Linguagem, “a língua natural não é um obstáculo, mas a condição da argumentação” (PLANTIN, 1995 apud AMOSSY, 2011, p.132), pois, é exatamente no funcionamento da língua natural que, é possível ver como a estratégia da persuasão funciona; assim, cabe ao analista do discurso entender como esse linguageiro funciona na língua natural de maneira a sustentar a argumentação.

Amossy entende que “o discurso manifesta uma intenção argumentativa” e este opta por uma, ou mais, modalidades argumentativas, e ainda, admite “uma dimensão argumentativa”. (2011, p.131). É possível entendermos como é articulada a argumentação nos enunciados sobre o *impeachment* paraguaio, mobilizando Amossy (2008), quando ela apresenta um estudo sobre as modalidades argumentativas do discurso. Segundo a autora,

Cada discurso comporta sua própria situação de enunciação e realiza uma verbalização singular da tese ou do ponto de vista proposto ao auditório. Ele depende ainda de uma estrutura de troca global na qual se realiza a ação de persuasão. Trata-se aqui de tipos de troca argumentativa [...]. Trata-se, pois, de uma estrutura de troca agônica que determina as modalidades do empreendimento da persuasão – daí a denominação “modalidade argumentativa”. (AMOSSY, 2008, p. 232)

A autora classifica em seis as modalidades argumentativas: demonstrativa, patética, pedagógica, de co-construção, negociada e polêmica. Na modalidade demonstrativa, o locutor, ao apresentar uma tese, quer obter a adesão do auditório, apoiado em provas, através da demonstração. Na patética, associam-se uma tese e um ponto de vista com o intuito, também, de obter a adesão do auditório de modo mais subjetivo. Na pedagógica, apresenta-se uma instância superior no qual este incita à reflexão do auditório, que é colocado no lugar de alguém inexperiente. Na de co-construção, há interação efetiva entre os participantes no qual constroem respostas aos problemas elencados. Na negociada, os participantes da interação, que divergem a posição, negociam uma solução consensual. Por fim, na polêmica, há um intenso enfrentamento entre duas teses divergentes, no qual duas instâncias conflitantes tentam convencer o outro, criticando e insultando o adversário.

Retomando o enunciado recortado do texto de Figueiredo (2012), observamos que as modalidades argumentativas que se apresentam são, predominantemente, a demonstrativa e a patética. Aquela, por se tratar de um locutor que se dirige a um auditório com intenções de obter a adesão, mas não de uma forma usual, apoiado em provas. Esta por apresentar um ponto de vista comovente, mas, ao mesmo tempo em que tenta provar, faz uso da ironia na tentativa de persuadir o seu leitor.

Podemos observar a primeira modalidade argumentativa, a demonstrativa, nos fragmentos abaixo:

**T2:** [...] Mas, o texto mais sensacional da revista (*Carta Capital*) foi o artigo “Foi golpe, o resto é Eufemismo” ([aqui](#)) do professor de direito Pedro Estevam Serrano. A tese do professor é que o golpe é, sim, inconstitucional, e não um golpe branco como eu acreditava ser. ([aqui](#))

**T3:** O artigo 17 da constituição paraguaia estabelece que:

*“No processo penal, ou em qualquer outro do qual possa derivar pena ou sanção, toda pessoa tem direito a:*

*3 – Não ser condenada sem julgamento prévio...*

*7 – ...dispor das cópias, meios e prazos indispensáveis para a apresentação de sua defesa...*

*8 – oferecer, praticar, controlar e impugnar provas” [...]. (Grifos do autor)*

Em **T2**, observamos que o enunciador do texto de Figueiredo (2012) afirma que até chegou a acreditar em golpe branco, mas menciona o “professor de direito Pedro Estevam Serrano” para tratar da “inconstitucionalidade” no que se refere ao *impeachment* e traz o artigo da constituição paraguaia (**T3**) para demonstrar a “veracidade” da versão da revista mencionada *Carta Capital*. Em outros termos, vincula o professor de direito visto como um discurso de autoridade, a elementos da ordem do direito para validar o seu dizer e assim persuadir o seu leitor.

Para segunda modalidade argumentativa, a patética, destacamos os seguintes fragmentos:

**T4:** Mas a revista dos Civita trouxe (des)informação nova também. Relata tentativa de diplomatas de países da União das Nações Sul-americanas (Unasul) de terem tentado coagir o senado a desistir da sandice.

**T5: As fontes de *Veja*?** Quatro paraguaios, todos, provavelmente, do Partido Colorado. Por um momento cheguei a pensar que **Cachoeira** teria mandado o **Araponga Dadá** gravar o conteúdo da reunião e passado as informações a **Policarpo**. Mas Cachoeira está preso. [...]

Ao questionar as fontes da revista *Veja*, o enunciador de Figueiredo (2012) menciona a possibilidade de ter sido quatro informantes paraguaios, todos do Partido Colorado, políticos de oposição ao governo Lugo, o que pode levar o leitor a entender que as declarações feitas por esses sujeitos podem ser tranquilamente favoráveis ao *impeachment*.

Na sequência, traz nomes de pessoas do cenário brasileiro como “Cachoeira”, “Araponga Dadá” e “Policarpo” que marcaram presença na imprensa brasileira de forma negativa, pois estavam envolvidos em esquemas de corrupção. Assim, remete a ideia de que, para a revista *Veja* relatar a informação de que houve “tentativa de diplomatas de países da União das Nações Sul-americanas (Unasul) de terem tentado coagir o senado a desistir da sandice”, provavelmente Cachoeira, empresário brasileiro envolvido no crime organizado, esquema do jogo do bicho e corrupção, teria infiltrado o Araponga Dadá no senado para gravar o conteúdo da reunião e depois passar tudo para Policarpo, diretor da *Veja* em Brasília.

O locutor L, no texto de Figueiredo, organiza as palavras, as ideias e as enuncia ironicamente sinalizando a posição do sujeito enunciador irônico esquerdistas que assente com a opinião expressa na revista *Carta Capital*. Ainda, por se tratar de uma ironia, a persuasão se apresenta de uma forma indireta fazendo com que o leitor volte seu olhar para o dizer e assim perceba as ideias no processo reverso.

Na construção irônica do enunciador de Figueiredo (2012), a argumentação está no dizer sobre o Paraguai, ou seja, apresenta, tal qual Amossy (2011, p.132) defende, "seu ponto de vista na língua natural com todos os seus recursos" juntamente com a marca estereotipada "muamba" e "Paraguai". Dessa forma, é possível persuadir o auditório, o leitor de sua tese, pois há uma memória coletiva quanto à ideia de o Paraguai ser o país da muamba, e, com isso, percebemos a posição do locutor e, também, como ele avalia o acontecimento.

No que concerne ao dizer sobre o Paraguai, consideramos Amossy (2011, p. 133), para quem "a fala situa-se, necessariamente, no quadro de um gênero de discurso que ocupa um lugar particular num espaço social dado e que comporta seus objetivos, suas regras e suas próprias restrições" de maneira que os sentidos são apreendidos dentro de um lugar social. Consequentemente, a argumentação se associa ao discurso e "não só na materialidade discursiva, mas também no interdiscurso" e assevera que

é importante conhecer a essência do que é dito ou escrito em uma determinada sociedade sobre o tema posto em questão. Ainda que o locutor não se refira diretamente a ela, isso não significa que o seu discurso não se alimente do que foi dito ou escrito anteriormente: o ponto de vista que ele expõe situa-se sempre em uma constelação preexistente. (AMOSSY, 2011, p. 133)

Podemos observar, também, a construção de um *ethos* acerca das ideias sobre o Paraguai que confere à fala do enunciador um incitamento à persuasão, pois, *a priori*, é um conceito de "senso comum"<sup>27</sup>; um *ethos* referido ao locutor que constrói uma imagem de si frente ao seu auditório com a intenção de lhe conceder poder e influência e ainda, a construção de um *pathos*, que provoca sentimentos, emoções no auditório em detrimento da razão e reflexão como mais um recurso da argumentação.

Observamos que o autor do texto, Carlos Figueiredo, por intermédio da posição de sujeito jornalista, confere a si mesmo e ao seu auditório, um *ethos*, uma imagem de si de confiabilidade e credibilidade alcançando assim um *status* no qual consegue legitimar o seu dizer sobre o acontecimento político no Paraguai.

Figueiredo (2012) faz uso de um recurso do *blog* no qual disponibiliza para qualquer usuário informações sobre quem é ("Quem sou eu"). Nesse espaço, o autor já começa por

---

<sup>27</sup> Giambattista Viço expressava, segundo Abbagnano (1998), que "O S. comum é um juízo sem reflexão, comumente sentido por toda uma ordem, todo um povo, toda uma nação, ou por todo o gênero humano" (*Ciência nova*, 1744, Dignidade 12), atribuindo ao S. comum a função de confirmar e determinar "o arbítrio humano, incertíssimo por sua própria natureza, [...] no que diz respeito às necessidades ou utilidades humanas" (Ibid., Dignidade 11 apud ABBAGNANO, 1998, p. 873)

construir uma imagem de si, o que faz, qual é a sua área de atuação. Esse vai assegurar ao leitor que quem escreveu os textos é alguém da área do jornalismo, logo, um profissional que "sabe o que diz", legitimando, portanto, o seu dizer a partir de um lugar institucionalizado.

No primeiro parágrafo, o autor inicia o texto fazendo uma crítica à celeridade das informações midiáticas digitais e como a notícia “nova” se torna notícia “velha” em um curto espaço de tempo e assim se propõe a fazer uma análise de notícias publicadas nas revistas de periodicidade semanal. Atentamos para os seguintes trechos:

**T6:** Devido ao prazo de fechamento das publicações, apenas nas revistas dessa semana, nas bancas desde a última sexta-feira (29/07), o caso recebeu uma cobertura mais extensa. Entretanto, essa discussão já tinha sido feita de forma exaustiva através da internet.

**T7:** Grandes portais, *blogs* e redes sociais já haviam repercutido e analisado a partir de prismas ideológicos os mais variados. As informações viajam tão rapidamente, a saturação informativa é tão grande, que temos a sensação de que o golpe no país vizinho é notícia velha, fazendo com que o contexto escape do nosso raio de visão. E isso é perigoso. Mesmo parecendo notícia velha, resolvi ler as informações e análises novas.

O autor-jornalista evoca em seu auditório sentimentos, emoções ao mobilizar ideias do senso comum sobre o Paraguai, pois, o auditório, ao aceitar essas ideias, compactua com esse dizer conferindo-lhe “verdade”. Logo, instaura-se um momento de conflito entre emoção e razão dando espaço para a argumentação no intuito de persuadir e/ou convencer o leitor.

**T8:** [...] Quem sabe os paraguaios não aceitem *a nossa muamba?* [...]

**T9:** [...] Citando Serrano: “Em resumo, *tem mais direito de defesa quem ultrapassar um farol vermelho no Paraguai do que teve Lugo na defesa de seu mandato popular*”. [...] (Grifos nossos)

Destacamos a cenografia, pois, se o texto implica uma cena de enunciação, entendemos que o locutor de Figueiredo escolheu a cenografia construída pela situação política paraguaia, assim como o *impeachment* para, desse modo, escrever o seu texto, posicionar-se frente ao acontecimento político construindo dizeres sobre o Paraguai, remetendo-o diretamente à situação política brasileira.

É válido destacar que Amossy (2005, p 125) considera importante vincular à constituição de um *ethos* a noção de estereótipo, no qual este “desempenha papel essencial no estabelecimento do *ethos*”. Explicita que

Na perspectiva argumentativa, o estereótipo permite designar os modos de raciocínios próprios a um grupo e os conteúdos globais do setor da doxa na qual ele se situa. O locutor só pode representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outra. A concepção, correta ou errada, que faz do auditório, guia seu esforço para adaptar-se a ele. (AMOSSY, 2005, p. 126)

Por sua vez, Maingueneau (2008, p.68) sustenta que “um verdadeiro escritor não se contenta em incorporar seu leitor, projetando-o de alguma forma em estereótipos típicos. Ele joga com esses estereótipos por meio de um *ethos* singular”. Dessa forma, o *ethos* do sujeito jornalista de Figueiredo (2012) é apreendido e reconhecido *a priori*. Mas o *ethos* do texto só pode ser assimilado com a leitura, em outras palavras, somente após a leitura será possível perceber o espaço no qual se insere.

O autor chama a atenção para a possibilidade de esse *ethos* fracassar:

Encontra-se aqui o problema da distância entre o *ethos* que o texto, em sua enunciação, *pretende* que seja elaborado por seus destinatários, e aquele que eles querem efetivamente elaborar, em função de sua identidade ou das instituições em que se encontram. (2008, p. 68, grifos do autor).

Para construir a sequência discursiva, o enunciador de Figueiredo (2012) faz referência a personalidades (auto)reconhecidamente de direita (Merval Pereira e Reinaldo Azevedo), como ponto de oposição. O primeiro, colunista do jornal *O Globo*<sup>28</sup>, *CBN* e *Globo News* e membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia. O segundo, já trabalhou para *Folha de S.Paulo* e, hoje, é colunista e *blogueiro* da *Veja*<sup>29</sup>.

Discursivamente não basta saber quem é Merval Pereira e Reinaldo Azevedo. É preciso ir além, saber como eles significam no texto de Figueiredo (2012), sua relação com a realidade sócio-histórica e política na ocasião do *impeachment* do ex-presidente Lugo. No jogo da ironia, ao considerar o trecho “Merval Pereira é a partir de agora um forte candidato a uma vaga na Academia Paraguai de Letras”, não se pode, simplesmente, pensar que essa sequência vocabular tem uma essência real, que caminha no sentido do senso comum e, assim, aceitar a estrutura sem questioná-la. Como poderia um brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, ser candidato a uma vaga da Academia Paraguaia de Letras?

Ao iniciar o enunciado (T1) com “Acho que...”, o autor apresenta uma marca de subjetividade, ou seja, a expressão é uma forma de o enunciador modalizar o enunciado. Esse modalizador funciona como uma regra de polidez no qual o sujeito enunciador tenta valorizar

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/blogs/blogdomerval/>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

(ou poupar) o seu leitor. Nesse caso, funciona como um marcador de opinião, a própria voz. E isso significa, em geral, que o lugar de onde se enuncia não é firme, é polêmico. Em outras palavras, ao desvalorizar-se, ou demonstrar incerteza, o enunciador evita uma postura superior e, conseqüentemente, atinge o leitor, incitando-o a compartilhar da mesma ideia. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 93-97).

Na relação com o mundo social (exterior), expressa a opinião no que é dito, manifestando marcas singulares de individualidade que, ao mesmo tempo, está condicionado a circunstâncias históricas, políticas e culturais, instigando o outro num processo de intersubjetividade. Para que haja um gesto de leitura do enunciado, necessitamos mais do que o simples conhecimento do código, conhecer as letras. É preciso ir além das palavras, problematizando o texto como uma unidade fechada, transparente. Ratificamos, portanto, a necessidade de se conhecer a conjuntura histórico-social e política tanto do Brasil como a do Paraguai para que se possa depreender dos enunciados os sentidos vários que estão atrelados a certa condição de produção.

Para expressar uma opinião, todo ser humano acessa, inconscientemente até, um número significativo de palavras (arquivo), que emprega conforme as situações que se propõe em um dado momento. Servem para narrar acontecimentos, argumentar contra ou favor, justificar atos, crenças ou convicções. Rorty (2007, p. 133) chama essas palavras de “o ‘vocabulário final’ de uma pessoa”. Divide esse vocabulário final em duas partes desiguais: a) pequena – composta por termos ralos, flexíveis e ubíquos; b) maior – composta por termos mais densos, rígidos e estreitos, estes mais utilizados e fazem a maior parte do trabalho.

Diante do que já foi exposto acerca de ironia, pensemos agora no ironista. Rorty (2007, p. 134) o define

como alguém que satisfaz três condições: (1) tem dúvidas radicais e contínuas sobre o vocabulário final que usa atualmente por ter sido marcado por outros vocabulários, vocabulários tomados como finais por pessoas ou livros com que ele deparou; (2) percebe que a argumentação enunciada em seu vocabulário atual não consegue corroborar nem desfazer essas dúvidas; (3) na medida em que filosofa sobre sua situação, essa pessoa não acha que seu vocabulário esteja mais próximo da realidade do que outros, que esteja em contato com uma força que não seja ele mesmo.

O ironista não vê, portanto, a escolha de um vocabulário como neutra e universal, livre de ideologias, cultura e história. Não busca a essência do real contrapondo-o à aparência. Apenas “joga” o novo contra o velho em um processo de (re)significação dos vocabulários finais. Em outras palavras, desestabiliza-os, coloca-os num lugar de entremeio na tentativa de

sair da naturalidade e neutralidade das palavras e das coisas. Nesse sentido, o ironista caminha na contramão do senso comum.

Para o jogo do novo contra o velho e o processo de (re)significação dos vocabulários finais na tentativa de desestabilizar o senso comum, é preciso que o auditório (leitor) depreenda o caminho do senso comum para que assim possa inferir o caminho da contramão proposto pelo ironista. A sequência “Academia Paraguaia de Letras” pode ser vista não apenas no seu “sentido comum”, mas, também, na sua linha histórica.

O vocábulo “Academia” nos remete, inicialmente, à Academia de Platão, este filho de uma família tradicional de Atenas, discípulo de Sócrates, que desde cedo se interessou pela política. Ao decepcionar-se profundamente com as circunstâncias que levaram à morte de Sócrates, chega à conclusão de que há uma distância significativa entre a política e a filosofia. Ele via a filosofia com soberania que colabora em todos os níveis com a justiça, e esta se reflete diretamente no governo das cidades cujos governantes deveriam ser filósofos, isto é, justos, conforme Santos (2003).

Entre os anos de 387 a.n.e. e 380 d.n.e., Platão funda a Academia nos jardins do subúrbio de Atenas, criada com o objetivo de superar a decadência dos valores, costumes e a democracia ateniense. Para Malato (2009),

[...] em todas as definições que encontramos, sempre que se procurava fazer a história do conceito, e ainda que muito variassem as datas das primeiras academias modernas, se considerava invariavelmente como matriz de todas a Academia de Platão e o seu contexto filosófico. [...] As fontes históricas parecem não oscilar muito quanto à data da fundação da Academia platônica. Em 386, ou 387, a.C., Platão teria formado uma escola de filosofia num terreno recentemente adquirido nos arredores de Atenas. O lugar ainda hoje se localiza, sendo já na época um horto de oliveiras, designado por jardim de Akademos, sendo provavelmente kademos/Hekademos (um herói mítico da Ática, um mortal que ajudara os Dióscuros a perseguir Teseu e Helena), a quem o jardim era dedicado. (MALATO, 2009, p. 06)

Patrick (1996) assevera que

[...] a partir do que a escola de Platão produziu, se percebe que o objectivo da Academia era muito diferente do da sociedade que Pitágoras fundou. Mas, na sua preocupação em criar homens hábeis em questões políticas, a Academia não era muito diferente das anteriores escolas sofistas fundadas em Atenas. (PATRICK, 1996, p. 33)



Na França<sup>30</sup>, Richelieu e outros fundam a *Académie Française* durante o reinado de Luís XIII. A *Académie*, inspirada na “Academia de Platão”, teve início com reuniões de um grupo informal para debates literários, mas não era o único da época. Esse grupo foi adotado por Richelieu, governante da França, que oficializou a sua constituição no ano de 1634. No ano seguinte, formalizada por Carta Real concedida por Luís XIII da França, a organização tornou-se legítima, mas só foi registrada junto ao Parlamento em 1637 e assim passou a ser responsável pela regulamentação das regras, normas da língua e literatura francesas.

Conforme Malato (2009),

A França será o primeiro país a promover as academias reais. Não por acaso. Saída das guerras da Fronde, entre o Rei e os nobres, tendo ainda vivíssimas as guerras religiosas, a França iniciaria um vasto programa de centralização do poder que se traduziria, talvez mais do que em qualquer outro país da Europa, por uma centralização do saber. Em 1635, é fundada por Richelieu a Academia Francesa, tendo por missão a redacção de um Dicionário da Língua Francesa, uma Gramática e um Tratado de Poética. Começa aqui o papel censório das academias. O dicionário só ficaria pronto cinquenta anos depois, em 1684 (abrangendo em dois volumes autónomos mesmo o vocabulário técnico), mas entretanto a Academia leria, comentaria e corrigiria o que de mais importante se foi publicando em Literatura. (MALATO, 2009, p. 11)

No Brasil<sup>31</sup>, a *Academia* teve início no fim do século XIX por iniciativa de Lúcio de Mendonça. Após várias sessões preparatórias, completou-se o quadro de quarenta “cadeiras” aos moldes da Academia Francesa. Em 1897, foi realizada a sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras, presidida por Machado de Assis.

Na Academia Brasileira de Letras - ABL, ao todo há quarenta “cadeiras” numeradas em sequência sem distinção de grau entre elas. A denominação “imortal” advém da inscrição “*À l’immortalité*” (“para a imortalidade”), que se encontra no selo oficial da corporação ofertado por Richelieu que remete a função do jardim de Atenas que abrigava os imortais da Grécia Antiga. Assim, todos os ocupantes das cadeiras da Academia passam a ser conhecidos “imortais”.

Seja a *Académie Française* ou a *Academia Brasileira de Letras*, todas remontam à ideia de “Academia de Platão” e o que se percebe em todas elas é a integração/participação de personalidades consideradas – pela própria Academia – importantes em cada época, ou seja,

<sup>30</sup> Académie Française. Disponível em: <<http://www.academie-francaise.fr/linstitution/lhistoire>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

<sup>31</sup> Academia Brasileira de Letras (ABL). Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

pertencentes à elite social e intelectual; fazer parte da Academia é, logo, uma forma de *status*. Podemos observar isso nas palavras de Malato (2009):

O título de Academia Real assegura não só a sua estabilidade financeira, mas também uma hierarquia do saber, determinado pelo poder político. Das mãos do Rei saem os seus estatutos, por ele têm de ser aprovados, e ele lhes dá o poder de vigiar, codificar e corrigir. A academia real permite a instituição de um estilo, a valorização de certos temas ou gêneros, a criação de —uma imagem de marca, diríamos nós hoje. Próximos da chama do poder, os artistas ganham em visibilidade, ainda que ela ameace podê-los consumir e com eles alimentar a chama. Do ponto de vista político, é preciso também sublinhar que a imagem agressiva e militar do aristocrata estava agora a mudar profundamente. Os duelos passaram a ser proibidos como vestígios de uma justiça que o poder central não controlava. Na corte, os cortesãos e o rei escondiam as armas entre folhos: é certo que se continua a matar, mas mais lentamente, indirectamente. A espingarda, mais do que a espada, permite-o fazer à distância. A palavra, ao contrário da espingarda, não deixa sangue, e, na corte, a sociabilidade vale mais do que a vida. (MALATO, 2009, p. 11)

O enunciador de Figueiredo (2012), ao dizer (T1) “Acho que Merval Pereira é a partir de agora um forte candidato a uma vaga na Academia Paraguai de Letras. Reinaldo Azevedo poderia tentar a sorte por lá também. [...]”, mostra a importância de se fazer parte de uma “Academia de Letras”, pois apenas personalidades importantes de uma nação são candidatos à “cadeira”. Nessa construção, podemos observar a transposição de sentidos na utilização do sintagma “Academia Paraguai de Letras”, inclusive com a apócope do "a" em "Paraguai". Acerca disso, Xavier (2007) comenta que

A ironia pode ser conseguida através da transposição quando passa do abstracto para o concreto, no uso do substantivo abstracto com valor concreto. Ao dizer-se, por exemplo, "ele é uma inteligência" está a usar-se o substantivo abstracto "inteligência" pelo adjectivo "inteligente", de valor individualizante. O contrário também é passível de ser sinal de ironia, ou seja, o recurso ao concreto para designar o abstracto. (XAVIER, 2007, p. 59)

O enunciado ironiza ao sugerir uma vaga na Academia Paraguaia de Letras, no qual, aparentemente, valoriza a instituição enquanto Academia, mas que, ao mesmo tempo, se refere, aos dois, como “muamba”. Não há, portanto, valorização da Academia Paraguaia de Letras; justamente o contrário. Conforme Xavier (2007, p. 43), “a ironia pode, pois, elogiar para censurar qualidades que faltam ao seu alvo; chegar a acordo com o alvo; pretender insinuar, aconselhar, defender ou encorajá-lo”. Ainda nessa linha,

O dito irônico, portanto, ataca e ao mesmo tempo procura reforços; critica e simultaneamente busca apoio para o ponto de vista defendido; se o ironista nega ou defende valores, norma, leis – supostamente a sociedade –, é porque sabe que

alguém perceberá e apoiará (ou criticará com ele) a infração das mesmas. (DUARTE, 1994, p. 59)

Observamos uma construção um tanto quanto preconceituosa, ou seja, uma visão estereotipada do Paraguai. Na sequência, “Quem sabe os paraguaios não aceitem a nossa muamba?”, o enunciador de Figueiredo (2012) resgata, no dizer, uma memória, a de que o Paraguai é o país do contrabando, da falsificação, da muamba, portanto, passível de aceitar “nossos produtos de baixa qualidade”.

A ironia tem uma ligação intrínseca com o poder ou com o desejo de poder. Para valorizar-se, para demonstrar superioridade, o ironista muitas vezes deprecia o adversário ou então elogia-o exageradamente. Qualquer dos dois procedimentos busca tornar evidente para o receptor a suposta superioridade do ironista, colocado como centro em torno do qual gira todo o discurso. A ironia valoriza, portanto o autor, cuja autoridade pretende-se reconhecida porque supostamente relaciona-se com a verdade, servindo assim à ratificação ou ao estabelecimento de valores e, portanto, ao reforço das ideologias. (DUARTE, 1994, p. 66-67)

Os vocábulos são utilizados pelo ironista para construir sequências que não se relacionam com o dito “real e aparente”; é preciso depreender e construir o sentido do enunciado, pois

a ironia é um método, um exercício prático para aproximar o conhecimento e a verdade. Ironizar é tornar o visível num enigma e contemplar a reação que se provoca. Pode ser usada como uma arma, como forma de julgar, por isso, provoca, muitas vezes, polêmica. (XAVIER, 2007, p. 32).

Assim, Xavier (2007, p. 32) afirma que “o enunciado irônico constrói-se numa inversão semântica, projetando uma avaliação pragmática. O duplo funcionamento da ironia é, pois, contrastivo/avaliativo”, sinalizando que

Para o emissor, o uso do discurso irônico apresenta duas vantagens. Por um lado, a eficácia da compreensão do sentido implícito, por outro, a impunidade e a inocência do sentido explícito do enunciado. Atacado, o ironista pode sempre negar a interpretação do interlocutor para o enunciado em causa. (XAVIER, 2007, p. 44)

Para um entendimento eficaz da ironia, fazem-se necessários alguns elementos, como o conhecimento entre os interlocutores sobre o assunto e a aproximação com o espaço e o tempo da construção. Quanto maior a distância temporal, espacial e excesso de elementos

irônicos, maior o perigo de o leitor fazer uma interpretação errônea ou não compreender a construção irônica.

A ironia como uma construção paradoxal da realidade pode ser confundida com a mentira. Mas há uma sutil e importante diferença entre as duas, segundo Xavier:

[...] na mentira, o locutor diz 'A', pensa 'não-A' e quer fazer entender 'A'. Por sua vez, na ironia, o locutor diz 'A', pensa 'não-A' e quer fazer entender 'não-A'. Assim, a mentira pretende passar por verdade, é uma inversão que não pretende ser decodificada, enquanto a ironia deve ser decodificada como tal, como inversão perceptível. (2007, p. 42),

Catherine Kerbrat-Orecchione (1978, 1980a apud BRAIT, 2008, p. 62), ao pesquisar a "ironia", apresenta alguns elementos enunciativos como composição da ironia: o ilocutório, o linguístico e o actancial. Destes, o componente linguístico é problematizado quando estabelece diferenças entre a mentira e a ironia. Esclarece que “no caso da mentira, o enunciador desqualifica o enunciatário, enganando-o; no caso da ironia, o enunciador qualifica o enunciatário como capaz de perceber o índice e participar da construção da significação irônica.” Brait (2008) assevera:

A diferença entre o ironista e o mentiroso reside no fato de que o primeiro sinaliza de alguma maneira a mensagem para que o enunciatário reconheça e participe ativamente de sua “não-sinceridade”, de sua inversão semântica, enquanto o segundo procura apagar de sua fala todo traço de inversão, desqualificando o enunciatário na medida em que tenta fazê-lo aceitar como verdade o que não é. (BRAIT, 2008, p. 63)

Entender a ironia como algo a ser compreendido é reconhecer que a língua não é apenas um código a ser utilizado no processo de comunicação, mas, também, um conjunto de regras de um jogo em que os interlocutores devem ter acesso e apreender, pois, quando o interlocutor não conhece o jogo, a ironia se torna uma mentira. A ironia é, portanto,

[...] uma forma de expressão, que se dirige necessariamente a um meio social, sem o qual a sua interpretação não seria possível, pois estabelece com ele uma relação de referencialidade. A interpretação da ironia depende não do que é dito, mas do que é pensado. Desta forma, a sagacidade daquele que a ouve ou lê é posta à prova. (XAVIER, 2007, p. 50)

O que se aplica à ironia também se aplica ao sarcasmo, embora este seja mais direto do que a (fina) ironia. Assentimos com a posição de Xavier (2007, p. 65), para quem a ironia é “independente”, utilizando “*parairônico*” para designar “o conjunto de processos discursivos que se aproximam da ironia e que de alguma forma se interligam com esta”.

Entende que o termo utilizado visa denominar os processos e as estruturas que atuam nos limites da ironia, como a sátira, o sarcasmo, a paródia e o humor, e que todos estes possuem pontos de contato entre si.

Existem diferenças perceptíveis entre a ironia e o sarcasmo. Xavier (2007, p. 67-68) elucida que “o sarcasmo não é obrigatoriamente irônico, pois ele consegue ser direto” e entende que “o sarcasmo é uma forma grosseira de ironia, tendo um caráter explícito e estreitamente ligado à intenção de magoar, de ferir o seu alvo”. O sarcasmo “necessita de ter presente a sua vítima”, ao contrário da ironia, “que pode ter seu alvo algo ou alguém ausente”. Aquele “joga numa relação de ‘contra’, de vitimização, enquanto a ironia resulta de um ‘com’, de uma partilha pela compreensão”.

O importante nesse processo de construção da ironia é que o ironista tem um papel importante de (des)codificação da língua e nesse sentido “joga” com as palavras com intuito de se fazer entender pelo processo reverso da interpretação. Tão importante quanto o ironista, é o leitor ironista, que se posiciona frente aos enunciados de maneira positiva ou negativa e participa diretamente do sucesso ou não da construção de sentidos proposto pelo ironista. Xavier (2007) entende que

a ironia é um processo discursivo que envolve riscos, pois não há garantias de que o intérprete compreenda o verdadeiro sentido que o ironista quis dar ao texto/enunciado. É uma estratégia discursiva, com valor hermenêutico, implica relações dinâmicas e plurais e o seu sucesso depende do contexto, da identidade e da posição do ironista e da sua audiência. (XAVIER, 2007, p. 87)

Por se tratar de uma zombaria, a ridicularização do evento é necessária à aceitação por parte dos pares. O ironista necessita compartilhar da derrisão com um grupo social que, de forma consensual, descaracterizam o que foi dito. Nesse processo de troca de saber consensual, a carga negativa da derrisão é desestimulada, é desligada e, com isso, passa a ser entendida como uma estupidez, porém, politicamente correta no sentido de questionar, por meio da ironia, os valores socialmente cristalizados.

Em um percurso histórico, Baronas (2005, p.106) esclarece que a zombaria enquanto recurso enunciativo foi bastante utilizado na época clássica como forma de “desqualificação do oponente”. Acrescenta que “essa técnica de oratória é conhecida pelos retóricos clássicos como *tropos zombeteiro*, meios linguísticos, cuja finalidade é justamente diminuir o adversário, suscitando o riso num determinado auditório”.

De acordo com Bonnafous (2003, p. 35), a derrisão caracteriza-se pela associação do humor e da agressividade, sendo assim, se distingue da pura injúria. Estabelecer uma fronteira entre a injúria e o jogo de palavras não é algo simples e fácil / cujas condições de produção e a intenção do autor interferem diretamente, assim como a reação do Outro e do público.

Baronas (2005), concordando com as palavras de Bonnafous, acrescenta:

Na verdade, mais do que uma estratégia enunciativa, a derrisão pode ser concebida como um gênero textual, cuja temática centra-se em questionar por meio da sátira a ordem estabelecida e/ou os valores largamente cristalizados em nossa sociedade. Tal questionamento tem como alvo preferido as mais diferentes autoridades sociais e se impõe a ler sob diferentes facetas: nas charges; nas caricaturas; nos pastiches; nas piadas; nos jogos de palavras etc. (BARONAS, 2005, p. 106).

Ao se posicionar contra o “golpe”, focando seus argumentos na *Carta Capital*, o sujeito enunciativo de Figueiredo (2012) faz uso de procedimentos discursivos que tendem a desqualificar os argumentos apresentados pela revista *Veja*, ridicularizando-a por meio de termos, como, “Paraguai” e “muamba”. Nesse sentido, vem a calhar estas palavras de Bonnafous:

Todo o perigo e a força dessas fórmulas está no fato de poder divertir até mesmo aqueles que as condenam: por meio do prazer assim provocado, o autor do jogo de palavras ou da caricatura injuriosa consegue estabelecer uma cumplicidade forçada com o seu auditório, em detrimento da pessoa visada. (BONNAFOUS, 2003, p. 42)

Ao analisar o discurso de J. M. Le Pen, Bonnafous (2003, p.42) apresenta pelo menos quatro aspectos favoráveis ao político francês acerca do jogo de palavras e seu “efeito injurioso”: a) denigre e ridiculariza seus adversários; b) esquiva-se de ter que fundamentar seus ataques em demonstrações; c) “manipula” seu auditório ou seus leitores pelo riso ou pela admiração; e d) o que não é negligenciável, evita os processos ou os atenua, ao se abrigar na brincadeira. Vejamos onde esses aspectos aparecem no texto de Figueiredo (2012):

**T10:** [...] O ministro de Relações Exteriores venezuelano, *Nícolás Maduro*, teria ameaçado os militares paraguaios que o não cumprimento das ordens poderia custar-lhes a expulsão das Forças Armadas. Um oficial paraguaio teria retrucado: “Sou militar do Paraguai, não da Venezuela”.

**T11:** Essa é uma história sem pé nem cabeça, uma sandice total. Não acredito que um diplomata estrangeiro, ainda que seja ministro de um doidivanas como Chávez, tenha uma síndrome de Napoleão e pense poder ameaçar um militar de um outro país de expulsão da corporação militar da qual faz parte. [...] (Grifos nossos)

Retomamos o primeiro enunciado destacado nesta análise (T1), ao mencionar Merval Pereira como “forte candidato a uma vaga na Academia Paraguai de Letras”, o enunciador de Figueiredo (2012) joga com as palavras no sentido de ironizar a existência de uma Academia de Letras no Paraguai. O enunciador constrói o enunciado irônico em caráter derrisório desconsiderando as condições de produção.

No discurso que se apresenta, não necessariamente político, mas um posicionamento *sobre*, entendemos que a derrisão se dá com o objetivo de desqualificar o posicionamento do Outro, neste caso, daqueles que apoiam o *impeachment*. Sendo assim é um gesto de reprovação com efeito pejorativo. Apresenta-se um ataque, não somente ao Paraguai ou aos paraguaios, mas, também, aos que se posicionam contrariamente ao enunciador.

Bonnafoous (2003) denomina esse processo de jogo de palavras e efeito injurioso, de derrisão lepenista, fazendo alusão a J. M. Le Pen, que “toma pessoas como alvo” e seus discursos e escritos são “eivados de caricaturas dos adversários, de antífrases, de ‘discursos diretos’, de ‘citações confessionais’ que constituem um dialogismo polêmico no qual a fala e o pensamento do outro são incessantemente subvertidos e pervertidos [...]”. (2003, p. 42-43).

Nesse sentido, na sequência discursiva que se apresenta em Figueiredo (2012), podemos observar esse jogo de palavras que tende ao “efeito injurioso”, pois, de maneira sutil, ironicamente, ele apresenta esses aspectos lepenianos no qual jogam com o implícito esquivando-se da responsabilidade do dizer. Em outras palavras, o fragmento do enunciado de Figueiredo (2012) apresenta os aspectos discutidos por Bonnafoous (2003) e no jogo com as palavras observamos o “efeito injurioso” que caracterizam a derrisão.

O jornalista Zé Beto (2012), do “*Blog do Zé Beto*”, no texto *Nem tudo é falso no Paraguai*<sup>32</sup>, apresenta um título que, no contexto social produzido, remete à ideia de que no Paraguai existem coisas que são falsas, porém há outras que não. O autor posicionou-se acerca do acontecimento mostrando-se favorável ao *impeachment*, baseando-se na leitura do jornal *Valor Econômico*. Ao dizer “nem tudo”, o enunciador parte de certo discurso aceito socialmente de que as coisas são falsas no Paraguai. A expressão “nem tudo” busca, portanto, desnaturalizar essa aceitação, imprimindo uma nova visão em relação ao país vizinho. No entanto, esse efeito não consegue romper com o estabelecido, ou seja, de que o Paraguai é conhecido como o país das falsidades; pelo contrário.

---

<sup>32</sup> ZÉ BETO. *Nem tudo é falso no Paraguai*. Disponível em: <<http://jornalenoticias.com.br/zebeto/?p=151213>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

Ao iniciar o texto, afirma que (T12) “a esquerda virou direita (vide Lula e Maluf); a direita virou esquerda (para não ir tão longe, Gustavo Fruet abraçado ao PT). A ideologia morreu. Menos no Paraguai”. Primeiro, o jornalista mobiliza termos que remetem a posições ideológicas políticas (direita / esquerda) mostrando-se um sujeito interessado por essa questão e que utiliza o acontecimento político no Paraguai para referir-se à situação política do Brasil. Segundo, mobiliza episódios da história paraguaia na tentativa de convencer o leitor de que o Paraguai, conhecido pelos “golpes” desde os tempos da ditadura, dessa vez, “foi criativo” ao derrubar um presidente:

**T13:** Dilma, Chávez, Moralez, Cristina e outros menos votados esperavam tudo, menos a criatividade paraguaia em derrubar um presidente eleito sem um só tiro. E olhe que o Paraguai, ao contrário do general Custer, para se derrubar o governo (Strossner e outros), era chamar a Cavalaria acantonada num bairro de Assunção. (ZÉ BETO, 2012).

Zé Beto (2012) marca sua posição ideológica frente ao acontecimento político no Paraguai ao mencionar nomes do cenário político latino-americano os quais ocupam posições ideológicas semelhantes à de Fernando Lugo: nomes como Dilma, Chávez, Morales, Cristina.

No que se refere à "criatividade" paraguaia, salientamos que, para Nicolau (1994, p7), “a criatividade é um comportamento natural do ser humano, que flui a todo instante desde as situações mais simples às mais complicadas. Está presente em todo momento de improviso: o pensamento é criação, a fala é criação, o sonho é criação”. O autor acrescenta que o processo de criação passa por três instâncias diferentes que devemos considerar:

num primeiro momento, como um processo que flui do inconsciente para o consciente, num movimento conhecido como inspiração; num segundo momento, com o processos ligados diretamente às necessidades do ser humano, à existência imediata, provocando o surgimento de respostas para a subsistência, para o trabalho de um modo geral; e, num terceiro instante, como a sistematização da criatividade para a obtenção, de forma voluntária e consciente, de soluções e alternativas específicas para casos previamente determinados. (NICOLAU, 1994, p. 07)

Logo, entendemos que, pensar em criatividade, é considerar a necessidade de se resolver alguma situação-problema que se apresenta, de se mostrar algo novo ou, ainda, a capacidade de se renovar ou inovar algo já existente. Ao afirmar que o Paraguai foi criativo ao derrubar um presidente, ao trazer como exemplo Strossner, famoso ditador paraguaio, pressupõe a ideia de que outras vezes ocorreu a derrubada de um presidente, mas de maneira diferente.



Nesse sentido, Zé Beto (2012) articula as informações sobre o Paraguai de forma que o leitor aceite o acontecimento político, o *impeachment* de Fernando Lugo, como única “verdade” possível. Apresenta os pontos positivos que justificam o acontecimento e, ao mesmo tempo, critica o governo atual brasileiro.

Não só os textos produzidos para os *blogs*, como também os da revista *Veja* e *Carta Capital* tentam de certa forma controlar a narrativa do acontecimento político, o *impeachment* de Fernando Lugo, em benefício de interesses pessoais ou de grupos. Em outras palavras, mobiliza e articula as informações evidenciando um enunciador que “apenas” apresenta, mostra a única verdade possível diante dos fatos.

Para complementar a ideia de que o governo atual não é bom, o jornalista menciona o caso de Itaipu e seus arranjos políticos internos argumentando que os maiores prejudicados nesses acordos (de natureza econômica) são os brasileiros, de maneira que o leitor seja convencido de que o *impeachment* era necessário.

Zé Beto (2012) utiliza um lugar-comum conhecido por aqueles que vivem do comércio informal de produtos em **T14**: “La garantía soy yo”. Esses comerciantes não possuem registro formal, logo a única garantia que se tem na compra dos produtos comercializados é a honra e a palavra dada. Mas, é importante considerar que esse estereótipo é empregado no comércio de produtos importados vendidos, de modo particular, em comércios não regularizados no Paraguai e deslocado para o contexto midiático brasileiro.

Consequentemente, Zé Beto, ao utilizar esse estereótipo dito em espanhol, busca um efeito de sentido de pertencimento em seu texto. Argumenta pela construção irônica/sarcástica, na tentativa de convencer/persuadir o leitor de suas ideias, esquivando-se da responsabilidade do dizer, mas não da tentativa de conduzir os sentidos.

De modo geral aceitamos, sem questionar, a ideia de que os produtos comercializados pelos camelôs, no Paraguai, não possuem registros formais que assegurem a garantia dos produtos adquiridos. Assim, esse estereótipo é trazido do contexto do comércio e moldado, (re)significado para o contexto do *impeachment*, ou seja, constrói argumentos irônicos na descrição dos atos políticos entre Brasil e Paraguai com relação a Itaipu.

O presidente Federico Franco, ao assumir o governo, convocou uma conferência de imprensa na sede do governo, em Assunção. Naquele momento, afirmou que “Não houve golpe” no processo de destituição de Fernando Lugo e que a troca de poder seguiu os rigores da lei e da Constituição evidenciando as FDs da legalidade e legitimidade. Devido a essa

afirmação, na mídia brasileira, produziu-se o seguinte enunciado: “*Golpe de Estado? No... La garantía soy yo!*”. Esse enunciado foi reproduzido também em charges, conforme a figura 3:



Figura 3: La garantía soy yo<sup>33</sup>

O jornalista do *blog* comenta que (T15) “Dilma liberou às empreiteiras dos hermanos uma linha de transmissão da Usina, de Foz do Iguaçu a Assunção (350 km)”. Ao se referir aos paraguaios como “hermanos”, o efeito de sentido é o de existir uma relação de igualdade, respeito entre os países. Todavia, o tom irônico conduz a leitura de que “hermanos” não é exatamente o que se imagina. Ainda, ao dizer “liberou”, a relação que se estabelece nesse enunciado, é a relação de poder, de superioridade em relação ao país “hermano”, pois quem libera é quem tem poder de liberar, no caso, o Brasil. Observamos a figura 4 a seguir:



Figura 4: Golpe de estado tenta derrubar presidente do Paraguai<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.esmaelmorais.com.br/2012/06/charge-do-dia-la-garantia-soy-yo/>>. Acesso em: 18 abr 2014.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://www.humorpolitico.com.br/ditaduras/golpe-de-estado-tenta-derrubar-presidente-do-paraguai/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

Na figura 4, a presidente Dilma encontra-se sentada numa cadeira que nos alude a uma cadeira majestosa, o que reforça a ideia de superioridade brasileira. Seu cabelo se assemelha ao de *Marge Simpson*, personagem do seriado cômico americano “*Os Simpsons*”. Numa analogia, Dilma, presidente de um país eminente em relação ao Paraguai, conversa, informalmente, com o então presidente do Paraguai: “**Lugo**, fique calmo... Aposto com **você** que esse *impeachment* é do Paraguai”. (Grifos nossos)

Como uma mãe dando conselho ao seu filho no sentido de tranquilizá-lo, é possível constatar na charge a informalidade com que a enunciativa trata seu interlocutor ao utilizar apenas “Lugo” e fazendo, na sequência, uso do pronome de tratamento “você”, geralmente utilizado com pessoas próximas.

Retomamos o *blog* em outro trecho em que faz uma analogia entre os políticos brasileiros e paraguaios, de direita e esquerda, afirmando que,

**T16:** No fundo, no fundo, é tudo a mesma coisa. Uns mamam com a direita e outros com a esquerda em toda a América Latina. Menos no Paraguai. Lá quem é Lula é Lula, quem é Maluf é Maluf. Ops! Quem é Lugo é Lugo. Quem é Federico é Federico. Ou seja: não é verdade que tudo seja falso no Paraguai. Dilma verá.

Observamos, primeiramente, o marcador conversacional “Ops!”, próprio da linguagem oral. O enunciativo tenta se aproximar do leitor ao utilizar marcas da informalidade, ao mesmo tempo em que marca a ironia reforçando a tese de que “é tudo a mesma coisa” assim como “não é verdade que seja tudo falso no Paraguai”. Logo, o uso de repetição de palavras para reforçar conceitos implícitos baseados no cenário político brasileiro. Questões de oposição entre direita e esquerda (relações político-partidárias) são enfatizadas, assim como figuras políticas importantes do Brasil e do Paraguai.

Há transposição sutil de ideias que aparentemente se ocupa do Paraguai, comemora com o “Outro” o processo de *impeachment*, mas, inversamente, o autor marca sua posição diante do acontecimento e adverte, sobreavisa, em tom de ameaça, o atual governo brasileiro a respeito do que pode vir a acontecer com o Brasil, como observamos em: “Dilma verá!”.

O enunciativo, a partir do título do artigo, propõe ao seu leitor pensar sobre a falsificação uma vez que o evento ocorreu no Paraguai. Comenta e fornece informações sobre o acontecimento político marcando sua posição. Percebemos que mobiliza outras palavras que caracterizam negativamente o Paraguai, por exemplo, a falsificação. Associa o *impeachment* a

um “produto falsificado”. Nesse caso, o *blogueiro* coloca em xeque a questão da legalidade e legitimidade do acontecimento em detrimento da visão estereotipada do Paraguai de que tudo é ilegal e ilegítimo.

Na cidade de São Paulo, o *Brás* e a *25 de Março* são conhecidos por comercializarem produtos falsificados, muambas. A notícia publicada no *site* do *Estadão* (*on-line*), de 08 de fevereiro de 2009<sup>35</sup>, intitulada: “SP toma o lugar do Paraguai como paraíso das muambas”, comenta sobre o grande número de pessoas provenientes de diversos lugares do Brasil que frequentam essa localidade paulistana com o intuito de comprar produtos mais baratos.

Além do título da reportagem, que nos remete à ideia de que o Paraguai é o lugar das muambas, podemos observar no seguinte fragmento,

**T17:**Os consumidores das excursões movimentam R\$1 bilhão em compras mensalmente e transformam o centro de São Paulo no principal polo brasileiro distribuidor de muambas – piratarias e contrabando, papel anteriormente ocupado pelo Paraguai.

Esse tipo de enunciado também aparece na *Folha de S.Paulo*. Por exemplo, foi veiculada, em 12 de novembro de 2012, a seguinte manchete sobre a maconha: “Paraguaia, maconha vendida em SP vem com fungos<sup>36</sup>”. Nessa notícia, o próprio título pressupõe a falsificação, pois a maconha, por ser paraguaia, era falsificada e não tinha “garantia” qualidade. Eis um fragmento

**T18:**A maconha vendida em São Paulo é quase toda produzida no Paraguai. A droga aparece misturada a folhas, caules e outras plantas.

Outro exemplo, ainda no *site* da *Folha de S.Paulo*, de 11 de maio de 2012: “‘Black Friday’ leva milhares de consumidores a Ciudad de Leste, no Paraguai<sup>37</sup>”. Reforçamos a presença marcante da informação “produtos falsificados” quando se refere ao Paraguai. Sinalizamos o seguinte trecho:

**T19:**Os comerciantes envolvidos no Black Friday procuraram romper com a fama de Ciudad del Este de local de contrabando em massa de produtos falsificados, provenientes principalmente da Ásia e revendido no Brasil e Argentina.

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,sp-toma-o-lugar-do-paraguai-como-paraiso-das-muambas,320278>>. Acesso em: 29 ago. 2014.

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/11/1184158-paraguaia-maconha-vendida-em-sp-vem-com-fungos-e-formigas.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2012/05/1088998-black-friday-leva-milhares-de-consumidores-a-ciudad-del-este-no-paraguai.shtml>>. Acesso em: 13 set. 2014.

O sociólogo Marcelo Zero (2012), em *Impeachment falsificado*<sup>38</sup>, publicado no *site* do jornal *Brasil 247*<sup>39</sup>, afirma que o Paraguai sempre foi conhecido no Brasil como o país dos produtos falsificados. Ele utiliza dizeres semelhantes aos do jornalista Zé Beto (2012) sobre o Paraguai, embora argumente contra o *impeachment*, dizendo ter sido um golpe contra a democracia paraguaia, bem como todas as democracias do subcontinente.

Nesse processo de construção dos argumentos no intuito de convencer/persuadir o leitor de que o *impeachment* foi um golpe o enunciador mobiliza as FDs da legalidade e da legitimidade, apoiando-se nos dizeres estereotipados sobre o Paraguai, para validar o seu dizer.

Todo processo de produção discursiva, segundo Pais (2004), é “reiniciada e reiterada em cada enunciação, conduz à (re)constituição de um sistema metassistema conceptual – ‘léxico’ e ‘sintaxe’ – [...] caracterizando-se como uma pancronia (funcionamento e mudança)” e, nesse processo discursivo, “desenvolve-se o fazer persuasivo do sujeito enunciator do discurso [...]”.

Voltemos ao conceito/termo democracia, no qual circundam termos/conceitos e discursos da legalidade e legitimidade. Conforme Pais (2004), democracia é o “regime caracterizado pela vontade da maioria, com o respeito aos direitos das minorias, sob o império da lei”. Nos textos analisados, notamos a utilização do termo “democracia” sempre com intuito de argumentar, contra ou a favor, no processo de *impeachment*.

Laclau (2006, p. 116) defende, por sua vez, a ideia de que “nenhuma mobilização populista pode ter êxito” sem a presença das massas. Mesmo em um regime democrático, não se pode satisfazer os interesses individuais, ou ainda, de um pequeno grupo. E afirma que, quando isso acontece, tende a uma típica situação pré-populista: “uma acumulação de demandas insatisfeitas e um aparelho institucional cada vez menos capaz de controlá-las”<sup>40</sup>. (Tradução nossa)

Não obstante, observamos que, nesse acontecimento político, não houve “a presença das massas”, pois sabemos que o *impeachment* de Lugo não foi proposto e organizado pelo

<sup>38</sup> ZERO, Marcelo. **Impeachment falsificado**. 2012. Disponível em <<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil247/66936/Impeachment-falsificado.htm>> Acesso: em 18 abr. 2014

<sup>39</sup> “O *Brasil 247* foi o primeiro jornal brasileiro desenvolvido para o iPad, outros tablets e smartphones. No mundo, foi o segundo, atrás apenas do *The Daily*, mas foi o primeiro com uma experiência aberta e gratuita”. Disponível em: <<http://es.brasil247.com>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

<sup>40</sup> No original: “[...] una acumulación de demandas insatisfechas y un aparato institucional cada vez menos capaz de vehicularlas”.

povo, e sim, pelos representantes do povo. Em outras palavras, foi articulado por uma pequena parte da população paraguaia: deputados e senadores.

Conforme Laclau (2006, p. 116), o clima de “descontentamento generalizado”, faz com que os enunciados produzidos sobre o *impeachment* se convertam em escusas para a oposição se articular contra os governantes da América Latina que não conseguiram, segundo o autor (LACLAU, 2006, p. 118), estabelecer “entre liberalismo e democracia, uma relação de implicação relativamente estável”<sup>41</sup>. (Tradução nossa)

Zero (2012) refere-se ao Paraguai por meio de construções discursivas marcadas no/pelo imaginário social brasileiro, destacando elementos que, de certa forma, suscitam e reforçam aspectos do país de maneira extremamente negativa. Observemos, por exemplo, o seguinte enunciado:

**T20:** O Paraguai sempre foi conhecido, no Brasil, como o país dos produtos falsificados.

Esse dizer reforça o estereótipo de que o Paraguai é conhecido pelos brasileiros como o país da falsificação, do contrabando, da ilegalidade. O advérbio de lugar “no Brasil” legitima as condições de produção dos dizeres sobre o Paraguai.

As charges (Figura 5 e 6) a seguir foram veiculadas em diferentes *blogs* da Internet acerca do “*impeachment paraguaio*” apresentando, como constitutivo das charges, as singularidades do humor.



Figura 5: Enquanto isso...<sup>42</sup>

<sup>41</sup> No original: “[...] entre liberalismo y democracia, una relación de implicación relativamente estable”.

<sup>42</sup> Disponível em: <[http://papagaiadasdocledevilson.blogspot.com/2012/06/chargeenquanto-isso\\_28.html](http://papagaiadasdocledevilson.blogspot.com/2012/06/chargeenquanto-isso_28.html)>. Acesso em: 05 dez. 2013.



Figura 6: Made in Paraguai!<sup>43</sup>

De acordo com as informações fornecidas pelo próprio *blogueiro*, no link “Quem sou eu”, observamos que o sujeito constrói uma imagem do enunciador: “Nasci para ter amigos e sou amigo de meus amigos. Sou apaixonado pela Ketilene, por coxinha, pastel, chocolate e tudo que é de comer! Sou míope e sou fã de Histórias em Quadrinhos”.

Nessa apresentação de si, o enunciador constrói a imagem de alguém simples, comum e supostamente inocente ao apresentar características genéricas como ser amigo, apaixonado pela Ketilene e por comidas simples. Uma característica que chama a atenção é a de ser míope. O enunciador informa uma deficiência física, a miopia, na condição de alguém que, metaforicamente, não “enxerga” com clareza (ou maldade) as coisas do cotidiano.

Para encerrar o fio condutor dessa construção de seu *ethos*, o enunciador apresenta a característica de ser “fã de Histórias em Quadrinhos”. Histórias em quadrinhos são algo que nos remete à infância, às crianças, ainda, à inocência. Porém, ao apresentar essa charge e não outra em seu *blog*, discursivamente, esse sujeito marca uma posição, uma identidade, uma ideologia.

Ao dizer o objetivo do *blog* – “Meu objetivo é tão somente arrancar a alegria e o riso fácil, inclusive dos corações mais endurecidos!! Os meus *posts* devem ser interpretados como: Galhofa!! Esclareço, a palavra galhofa significa: risada; alegria; gozação; zombaria” –, ratifica uma das finalidades das charges, que é o humor, e suas palavras conduzem o leitor ao entendimento de que suas postagens servem, exclusivamente, para o humor. Não obstante, é uma tentativa de cercear os sentidos do seu leitor, pois podem significar também, desrespeito, preconceito entre outros que escapariam à sua intencionalidade

O segundo está associado à UOL Notícias Políticas, intitulado “*Blog do Josias*”, o que o torna diretamente ligado a uma instituição. Este é publicado por um jornalista que trabalhou

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2012/06/24/made-in-paraguai/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

por 25 anos na *Folha de S.Paulo*, que apresenta informações na descrição “Sobre o autor”, e, em separado, “Sobre o *blog*”:

A diferença entre a política e a politicagem, a distância entre o governo e o ato de governar, o contraste entre o que eles dizem e o que você precisa saber, o paradoxo entre a promessa de luz e o superfaturamento do túnel. Tudo isso com a sua opinião na caixa de comentários.

A razão de mobilizarmos esses dois *blogs* tem que ver justamente com as finalidades a que se propõe: o primeiro, ser informal, ligado a um cidadão comum; e o segundo, formal, profissional, vinculado a uma instituição. Dessa forma, poderemos verificar até que ponto as formas de dizer o *impeachment* se aproximam e se distanciam do ponto de vista discursivo.

Na construção das charges, observamos personagens comuns representando pessoas em conversa informal. No primeiro, aparentemente dois gaúchos, como se pode definir pela vestimenta que os caracteriza, com a expressão de despreocupados, e o segundo, um homem e uma mulher que, ao contrário da Figura 9, apresentam uma expressão de espanto.

Em seus dizeres, notamos construções de estruturas frasais diferentes, embora apresentem efeitos de sentidos semelhantes. Na Figura 5, o sujeito enunciador inicia (ao mesmo tempo aparenta ser uma continuação, por conta do marcador "E") a conversa perguntando: “E o Paraguai?”. Dessa forma, apresenta um *regulador* na conversa assinalando certa naturalidade, familiaridade dos interlocutores sobre o assunto em questão validando a interlocução. Sendo um assunto atual e presente no contexto social, apresenta uma característica importante para a elaboração das charges, o *impeachment* do presidente paraguaio e a ocupação do cargo pelo seu vice.

Na sequência, o outro responde: “Nem te conto! Falsificaram até o presidente!”. Ao dizer “Nem te conto!”, o que se apresenta é uma suposta novidade. Como em uma situação cotidiana e natural, de fofoca talvez, no qual se apresenta uma situação de colaboração mútua, observamos a presença de *procedimentos de validação interlocutória*, assim denominados por Kerbrat-Orecchioni (2006). No enunciado, o locutor emite o captador “Nem te conto” na tentativa de manter a atenção do seu interlocutor e assim dar sequência ao enunciado.

Ao dizer “Falsificaram até o presidente!”, o uso do advérbio *até*, desde o ponto de vista discursivo, pode incluir como excluir. Nesse caso, os dois interlocutores estão falando de um terceiro, os paraguaios, em que estes são marcados pelo estereótipo de “falsificadores”, pertencente à FD da ilegalidade.

Essa condição de produção é marcada pela presença de uma memória coletiva, de um senso comum presente na sociedade brasileira de que a falsificação de produtos e sua



comercialização são comuns, porém, dessa vez, nem o presidente escapou do processo de falsificação, em outras palavras, o vice-presidente Federico Franco, assume o poder de maneira forçada.

Na Figura 6, o contexto de *impeachment* é apresentado logo nas primeiras linhas: “Se nem a cadeira do presidente tem garantia, que dirá um *Iphone* paraguaio!”. O enunciado vem reforçar a ideia de que o Paraguai é constantemente significado como o país de mercadorias (falsas), de objetos, de produtos adquiridos sem fiscalização e, por consequência, um país sem formação, estrutura, essência.

Ao referir-se à cadeira “do” presidente, este se refere a Fernando Lugo e os problemas enfrentados em seu governo. O produto (*Iphone* paraguaio) remete a ideia da falta de qualidade e segurança nos produtos comercializados no Paraguai, que indubitavelmente remontam à noção de falsificação e esta, por sua vez, atrelado a “cadeira do presidente”, recai sobre o presidente e seu mandato, cujo cargo lhe foi concedido pelo voto popular.

O emprego das conjunções *se* e *nem* indica uma relação de condição entre os elementos que se apresentam e ao mesmo tempo de associação, de complementaridade, haja vista que, assim como o *iphone* (produto) paraguaio não tem garantia, a cadeira do presidente também não tem, ainda que este seja um cargo importante para o tipo de governo que se estabelece no país.

Apesar de as construções se apresentarem de formas diferentes, observamos que a crítica acerca do *impeachment* é instaurada e os sentidos são construídos cômica e ironicamente, como é a característica do discurso irônico.

A charge apresentada na sequência foi veiculada no *site* Humor Político, que apresenta o seguinte título: “*Humor Político: Rir pra não chorar*”. Associado ao portal R7 da Rede Record de Televisão, dentre as suas opções de informações, o humor político está na aba do “entretenimento”, o que já caracteriza um lugar de distração, diversão, divertimento.

O *site* também veiculou algumas charges relativas ao evento do *Impeachment* e que manifestaram marcas referentes ao gênero discursivo charge no que tange ao humor e à crítica, como observamos na Figura 7, reforçando os argumentos já apresentados nas análises anteriores.



Figura 7: *Impeachment* do Paraguai<sup>44</sup>

Em outro fragmento enunciativo percebemos que o autor, assim como Zé Beto (2012), mobiliza episódios da história política paraguaia destacando o militar e político paraguaio “ditador Stroessner”, pois este ficou conhecido por ter participado dos golpes e contragolpes entre 1947 e 1954<sup>45</sup>.

**T21** “A oligarquia paraguaia, herdeira do ditador Stroessner, a mesma que sempre se beneficiou com o contrabando, a falsificação, a corrupção e o fisiologismo, acaba de criar um produto novo: o *impeachment* falsificado”,

Stroessner permaneceu no poder, isto é, na presidência do Paraguai de 1954 até 1989. Durante esse tempo, caracterizou seu governo pela repressão direta contra qualquer tipo de oposição no país. Ao mencionar a “oligarquia paraguaia” e o “ditador Stroessner” no fragmento destacado, o sujeito enunciativo articula informações presentes na memória coletiva no intuito de validar seu discurso sobre o acontecimento.

Dessa forma, direciona o seu leitor a compartilhar da ideia de que o *impeachment* foi mais um, dentre outros, ato ilícito dos paraguaios. Zero (2012) escolhe termos que incitará no seu leitor a uma memória sobre o Paraguai, visto como o país do contrabando, falsificação, corrupção e, da mesma forma, com o acontecimento político, o fisiologismo validando o seu dizer.

A despeito do que esses textos dão a entender, é preciso ser “criativo” para que se possam falsificar produtos, uma vez que se faz necessário um conjunto de informações e

<sup>44</sup> Disponível em: <<http://www.humorpolitico.com.br/golpe-de-estado/impeachment-do-paraguai/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

<sup>45</sup> Cf. MORAES (2000).

técnicas para realizar o procedimento. Porém, segundo o Zero (2012), isso não foi problema para a classe dominante paraguaia, que, provavelmente descontente com o governo atual, “criou” um novo produto.

Ao dizer “acaba de criar”, no segundo trecho, entendemos que, para criar, é preciso realizar, construir algo novo, nunca visto antes. Percebemos uma construção irônica, no sentido de que o produto novo mencionado já é conhecido, portanto, não é novo, apenas se apresenta, neste momento, com uma nova roupagem, um *impeachment* falsificado.

Na construção “acaba de criar um produto novo: o *impeachment* falsificado”, se pensarmos que o *impeachment* não é um produto tal qual o vendido em lojas paraguaias, como poderia ser falsificado ou mesmo original? No fragmento, o autor emprega a palavra “produto” que, associado à condição de produção, conduz os sentidos.

Pensar no *impeachment* como um produto, é pensar no Paraguai como o país da falsificação, no comércio de produtos falsificados. Sendo assim, o sujeito enunciador consegue distanciar-se da responsabilidade dessas construções, pois emprega estereótipos aceitos, regulados pela memória coletiva e discursiva e ainda, ao assentir que é o “país dos falsificados”, mobiliza a FD da ilegalidade na tentativa de persuadir o leitor.

**T22:** “Não há outro nome possível ao que aconteceu com o legítimo presidente do Paraguai, Fernando Lugo, que cometeu o único crime de tentar regularizar a situação fundiária do país, alicerçada em títulos tão falsos como uísque paraguaio. Trata-se realmente do *impeachment* falsificado, que encobre um verdadeiro e autêntico golpe de Estado”.

Nesse, os sentidos localizam-se no encontro entre “único crime” e “títulos tão falsos como uísque paraguaio”, auxiliando no processo de convencimento do leitor que se apresenta. Em geral, crime é semanticamente negativo; no entanto, parece-nos que não é o sentido proposto pela leitura do texto. O negativo está no segundo destaque, porque dá a entender que os “títulos” eram falsos (há tempos), como “uísque paraguaio”.

No que tange à construção metafórica, destacamos e analisamos o fragmento:

**T23:** “[...] Em menos de 36 horas, a velha oligarquia paraguaia tirou do colete uma série de acusações sem nenhuma prova consistente contra Lugo, montou o processo, julgou e sentenciou”.

Quando afirma que as acusações contra o presidente estavam “no colete”, nos remete à ideia de que a oligarquia, a classe dominante oposicionista, tinha “cartas na manga”, esperando apenas o momento adequado de usá-las. Como em um jogo de apostas, no qual o jogador desonesto apresenta um último artifício puxando uma carta escondida na manga da camisa.

Em outro enunciado percebemos a presença não só da ironia, como, também, o uso da hipérbole no intuito de evidenciar quão rápido foi o processo. Percebemos, também, o auxílio do discurso de autoridade, científico ao citar Einstein e seus estudos na tentativa de validar o seu dizer e ao mesmo tempo apresenta marcas de ambiguidade, pois ao afirmar que “demandaria que os papéis se movessem acima da velocidade da luz” apresenta efeitos de sentidos que oscilam entre o sentido literal e o sentido figurado.

**T24:** Mas a impressão que dá é que o *impeachment* paraguaio não contrariou somente as normas democráticas internacionalmente consagradas, mas até mesmo a Teoria da Relatividade. Com efeito, um processo tão célere demandaria que os papéis se movessem acima da velocidade da luz, o que Einstein considerava impossível. (ZERO, 2012),

Na figura 8, reproduzimos uma charge baseada na notícia da celeridade do processo de *impeachment*. Como característica da charge, apresentam de forma crítica, os acontecimentos do dia, podemos depreender dessa imagem que o seu enunciador posicionou-se diante do evento e produziu a imagem dessa forma e não de outra.

Ao se ocuparem das notícias do dia, os chargistas produziram seus textos fazendo menção ao acontecimento político, *impeachment* do presidente *Lugo*, noticiado tanto pela mídia brasileira como paraguaia. Considerando esse contexto sócio-político, observamos, nas charges, não só o caráter crítico e humorístico, mas também um discurso ideológico marcado pelo processo de significação a partir da linguagem.



Figura 8: Democracia Paraguaia<sup>46</sup>

Para contrapor posições ideológicas diferentes, atribui “doce sabor e sabor amargo” ao *impeachment* de maneira que esse sabor varie conforme a posição que o sujeito ocupa. Observamos essa construção em:

**T25:** Entretanto, o *impeachment* falsificado parecer ter *doce sabor* ao paladar autoritário de alguns. (grifos nossos),

Refere-se à classe dominante, à oligarquia paraguaia, aos direitistas interessados no processo. Assim, antecede o adjetivo “doce” ao substantivo “sabor” evidenciando um valor subjetivo do enunciador e que, conseqüentemente, incita o leitor a compartilhar da ideia.

**T26:** Para essas forças progressistas e democráticas, o *impeachment* falsificado do Paraguai tem um *sabor amargo* que revive as páginas mais negras da história política da região. [...]. (grifos nossos)

Apresenta uma construção inversa à anterior. Entendemos que tem um “sabor amargo” para aqueles que “lutaram, durante muitas décadas, contra as terríveis ditaduras da região”. Sendo assim, o enunciador antecede o substantivo “sabor” ao adjetivo “amargo”, no qual o enunciado tende a ser mais objetivo limitando a possibilidade de outra interpretação por parte do leitor.

Em “Gosto de uísque falsificado” e “E comemorado com uísque paraguaio”, utiliza-se de modo recorrente o termo uísque, “falsificado” ou “paraguaio”. Em ambas as situações, remetem à condição de produto ilegal, ilegítimo. Alguns exemplos de produtos usados, metonimicamente, para representar o “contrabando”.

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://www.humorpolitico.com.br/golpe-de-estado/democracia-paraguaia/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

O uísque é uma bebida alcoólica apreciada por pessoas em várias partes do mundo, geralmente atribuída sua origem à região que hoje compreende Escócia e Irlanda. Nas condições de produção brasileira, o uísque possui um alto custo no mercado de bebidas, diferentemente da cerveja que, por ter um custo menor, é uma bebida popular, consumida por muitas pessoas. Logo, entendemos que o uísque é predominantemente consumido pela alta sociedade, a dominante, e a cerveja, consumida pela classe baixa, o povo, a massa.

Por se tratar de um produto falsificado, associar “gosto de uísque falsificado” ao “sabor amargo”, os sentidos são construídos de tal forma que se revela a estratégia argumentativa e a posição do enunciador. Aqueles que são contra o *impeachment*, o povo, experimenta o “sabor amargo” do golpe, da ilegalidade. E ainda, o mesmo “uísque paraguaio”, uísque falso é usado para comemorar o novo governo falso.

**T27:** Se não se fizer nada, cria-se um precedente muito perigoso. Um precedente que será muito comemorado pelas forças reacionárias e obscurantistas da região.

Ao finalizar o artigo, Zero (2012) apresenta, de maneira reservada, o seu temor. Insiste na utilização de estereótipos presentes na memória coletiva, no imaginário dos brasileiros na tentativa de convencer/persuadir seu leitor de que se abre um precedente perigoso, ainda que falso.

Em outro *blog*, Erick da Silva (2012) escreveu um artigo de opinião acerca do evento e o intitula *Impeachment do Collor e o golpe contra Lugo: um abismo de diferenças*<sup>47</sup>, no qual defende a tese de que o Paraguai passou por um golpe com tintas de legitimidade e compara com evento político brasileiro, na época do ex-presidente Fernando Collor afirmando que aqui (Brasil) houve um processo democrático.

Logo após o título, observamos as fotos dos representantes políticos dos dois países em questão. Lugo usando óculos, com uma vestimenta que assemelha a de um sacerdote da igreja posicionado atrás de dois microfones. Collor, ao lado direito, com roupa social, terno, camisa e gravata, também posicionado atrás de dois microfones, conforme a figura 9:

---

<sup>47</sup> SILVA, Erick da. **Impeachment do Collor e o golpe contra Lugo: um abismo de diferenças**. Disponível em: <<http://www.aldeiaгаulesa.net/2012/06/o-impeachment-do-collor-e-o-golpe.html#.VcAGvUa87Wp>>. Acesso em: 20 abr. 2014.



Figura 9: Imagem do *blog* Aldeia Gaulesa

Em outro *blog*, Elsinho Mouco (2012), publicitário, também apresenta seus argumentos a respeito do evento trazendo como título de seu texto *Fernando Lugo é o Fernando Collor paraguaio*<sup>48</sup>. Nesse, o autor se posiciona favorável ao *impeachment* fazendo várias comparações entre os comportamentos e atitudes dos dois presidentes ao longo do mandato, no intuito de mostrar ao seu leitor que, na “verdade”, os dois presidentes tiveram motivos para serem retirados do governo, atribuindo um poder de “soberania” aos paraguaios. Na composição verbo-visual, observamos o sentido ambíguo desse enunciado.



Figura 10: *Impeachment* do Paraguai<sup>49</sup>

<sup>48</sup> MOUCO, Elsinho. **Fernando Lugo é o Fernando Collor paraguaio**. Disponível em: <<http://canalrr.blogspot.com/2012/06/fernando-lugo-e-o-fernando-collor.html>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

<sup>49</sup> Disponível em: <<http://www.humorpolitico.com.br/golpe-de-estado/impeachment-do-paraguai/>>. Acesso em: 05 dez. 2013.

Na figura 10, há a caricatura dos dois ex-presidentes sendo que, o primeiro, representa Fernando Lugo do Paraguai, e o segundo, o brasileiro Fernando Collor de Melo, ambos depostos do poder por meio de processo de *impeachment*, assim como as fotos do *blog* supracitado.

Mais uma vez devemos considerar a condição de produção sócio-histórica. A palavra “Paraguai” sobre a caricatura de Lugo e “Original” sobre a de Collor, foi construída com base na FD do sujeito enunciador e regulada pela memória discursiva. O acontecimento político brasileiro teve contexto diferente e foi aceito como *impeachment* devido às suas características. Já o evento político paraguaio teve suas controvérsias e foi alvo de críticas internacionais. Isso nos remete, mais uma vez, ao discurso estereotipado, ao preconstruído de que “paraguai” é sinônimo de falso.

Nas charges, é interessante observar como a articulação dos elementos linguísticos nos remete, recorrentemente, à memória discursiva de que o Paraguai é o país da falsificação. O evento político do *impeachment* é visto como um ato/procedimento falso, talvez obscuro e, logo, observamos mais vez a FD da legalidade e legitimidade.

Nas charges analisadas, o dito estabelece uma relação de sentido com o não dito, ou seja, ao dizer “... falsificaram até o presidente”, “Se nem a cadeira de presidente do Paraguai tem garantia...”, “... no Paraguai até o *impeachment* é falsificado.”, “Pô, e a democracia? Era paraguaia!”, “Paraguai / Original” e “... aposto com você que esse *impeachment* é do Paraguai...”, a relação de sentido que se estabelece com o não-dito, diretamente, é que tudo que procede desse país vizinho não tem garantia nenhuma de ser original.

Sendo assim, as charges dialogam com outros textos, se situa na sociedade e na história à qual pertencem, e a enunciação produzida pelo discurso é firmada pelos procedimentos de argumentação, escolha do tema e imagens assegurando que as escolhas feitas e os efeitos de sentidos obtidos não foram obra do acaso, totalmente afastados da neutralidade ou imparcialidade.

### 3.2 A CAPA DA REVISTA CARTA CAPITAL

Neste tópico analisaremos a capa da revista *Carta Capital*, que foi publicada alguns dias depois do *impeachment* do então presidente do Paraguai Fernando Lugo. Por que analisar essa capa da revista? O artigo de Figueiredo (2012) apresenta, além do texto, também uma imagem, a capa dessa revista. Ao acessar a página do *blog* “Agenda Pública”, a primeira



leitura é do título “*O golpe paraguaio nas revistas semanais*” (o que poderia ser em qualquer revista semanal de circulação nacional), traz, logo abaixo, a capa de uma das prováveis revistas mencionadas no título: *Carta Capital*. Reproduzimos a capa dessa revista, conforme a Figura 11, tomada como enunciado<sup>50</sup>, posto que significa discursivamente.



Figura 11<sup>51</sup>: Capa da revista Carta Capital em 04/07/2012

A primeira imagem que chega aos olhos do leitor é o nome da revista com letras na cor branca e em tamanho bem maior que as demais informações fornecidas: Carta Capital. Logo abaixo, três palavras que estariam ligadas aos principais assuntos abordados pela revista: POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA, funcionando, portanto, como subtítulo da revista. Ainda que esteja em caixa alta, o tamanho da fonte é menor que o título e sua visualização fica em segundo plano. Na mesma linha do subtítulo da revista, o endereço WEB: [www.cartacapital.com.br](http://www.cartacapital.com.br).

Outro destaque é a chamada para a principal notícia da semana: “Em cena, o neogolpismo”. Apresenta-se, também, na cor branca assim como o nome da revista mais acima e ambas sobre o fundo vermelho. Abaixo, três notícias que se correlacionam com o

<sup>50</sup> Enunciado aqui num sentido mais amplo – “é um conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 2003, p. 329) – sendo, portanto, não apenas verbal.

<sup>51</sup> Disponível em: <<http://jornalpolitico.blogspot.com/2012/07/o-golpe-do-paraguaio-nas-revistas.html>>. Acesso em: 27 fev. 2014

assunto principal da revista que complementam as informações acerca do acontecimento político ocorrido no Paraguai.

Observamos também duas pequenas chamadas no alto da capa da revista: “**EMILIO BOTIN** (em negrito) O Santander reforça a aposta no Brasil” e “**MEIO AMBIENTE** (em negrito) Um balanço crítico da Rio+20”, de importância secundária. Na ocasião do *impeachment*, no Brasil estava acontecendo o Rio +20 e com isso algumas notícias circularam na mídia sobre o assunto, mas cada veículo de comunicação deu maior visibilidade ao evento ou não.

O título do artigo vem acompanhado de outros dizeres presentes na capa da revista e a imagem do então presidente Fernando Lugo. Essa composição parece ser uma tentativa de persuadir o seu leitor, baseando-se em um suposto leitor, sugere a adesão à ideia que se apresenta, assim como sinaliza o posicionamento político e ideológico do autor.

Ainda que o artigo de Figueiredo aborde a revista *Veja* e *Carta Capital*, reproduzir apenas a capa desta é uma forma de reforçar seu próprio posicionamento. O título da manchete na capa da revista “Em cena, o neogolpismo”, não por acaso, sobre as cores da bandeira paraguaia, em destaque, na cor vermelha, pode ser associado ao posicionamento esquerdista da revista *Carta Capital*.

O uso da bandeira paraguaia ao fundo produz um efeito de adesão uma vez que tenta convencer/persuadir o leitor à ideia de que “estamos com o povo paraguaio”. Cumpre, portanto, um papel de argumentação, pois, em nossa sociedade, a bandeira é uma insígnia representativa de um Estado, de uma nação, de um país, e reforça a ideia de soberania, sendo utilizada para representar ou divulgar algo em prol de um todo, por exemplo, em uma guerra, em um evento esportivo, político, entre outros. Dito de outro modo, a bandeira é símbolo de identidade.

“Em cena” nos remete a um espaço pertencente ao teatro, à TV ou ao cinema e coloca o interlocutor em posição de espectador, pois, ao ler o título, é possível retomar conceitos como cenário, atores, roteiro, termos que se relacionam com a “cena”. Um espetáculo se divide em várias cenas, dito de outro modo, a cena é parte de um todo. Em outras palavras, ao destacar no título “Em cena, [...]”, é possível pensar no neogolpismo como sendo um dos momentos de um conjunto de cenas pertencentes a um espetáculo, neste caso, refere-se à trama do acontecimento político *impeachment* de Lugo. Entendemos que o cenário está pronto para que se inicie o ato, e, nós, brasileiros, vamos assistir a um espetáculo, a uma encenação.

O que não foi evidenciado, o que não foi dito em palavras é que, ao sermos espectadores, talvez não possamos interferir no roteiro, na atuação dos atores e, principalmente, no desfecho do espetáculo, pois já foi tudo combinado e ensaiado. Porém, os sujeitos não são passivos aos acontecimentos, ainda que não haja manifestação direta, sempre haverá uma possibilidade de interpretação mediada pela ideologia, memória e história de cada sujeito.

Em se tratando de neogolpismo, este termo nos remete a dois momentos da história, tanto a brasileira, no que se refere ao golpe militar de 1964, como a paraguaia, no que tange ao golpe militar de 1954, que não por acaso levou ao poder o general Alfredo Stroessner e da mesma forma o destituiu. O sufixo “neo”, significando novo, atualizado, diante da palavra golpismo, carrega a ideia do novo sobre o antigo. Em outras palavras, como em um processo de (re)significação, reforma, nova roupagem, cara nova, o golpe, que carrega uma carga negativa de sentidos, devido a sua constituição e construção sócio-histórica, causa um efeito de que aquilo que foi ruim, ilegal no passado, (re)aparece, (re)surge dando vazão à ilegalidade.

A imagem do então presidente paraguaio, Fernando Lugo, selecionada para compor a capa da revista, é de um presidente que se encontra em posição de oração e que nos remete a mesma forma como o Papa, ou outro representante da igreja cristã se posiciona em seu momento de oração, como podemos observar na Figura 12. Recordarmos que Fernando Lugo foi bispo no Paraguai, renunciou à batina em 2006 para seguir a carreira política e durante seu mandato foi solicitado, por algumas mulheres, teste de paternidade.



Figura 12: Papa Francisco<sup>52</sup>

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://www.aciprensa.com/noticias/conozca-las-intenciones-del-papa-francisco-para-noviembre-49840/>>. Acesso em: 10 jan. 2015

A imagem reforça o imaginário cristão predominante em nossa sociedade, sugerindo uma postura de piedade, súplica, perdão. No entanto, considerando o fato de que os enunciados podem ser os mesmos, mas os sentidos não, o sentido produzido pela Figura 11, baseado na condição de produção, também permite ser lida como manifestação de preocupação, angústia, aflição, receio, arrependimento. Entretanto, na Figura 12, os sentidos produzidos tem relação com a igreja, religião, fé, e com isso outros efeitos de sentidos são produzidos pelos sujeitos, significando diferentemente.

Na figura 13, vemos a imagem caricatural de Fernando Lugo de joelhos, com o terço nas mãos e olhando para o alto, suplicando ajuda para resolver seus problemas pessoais, no caso, os filhos que surgiram da época da batina. Em um jogo irônico entre verbal e visual, a ambiguidade das informações, característica inerente da ironia, está na questão de que ele cometeu o pecado de ter filhos quando ainda era bispo.



Figura 13: Lugo<sup>53</sup>

Outro ponto a ser observado, são os artigos citados na capa, no qual, o primeiro título (“No Paraguai não foi preciso recorrer aos militares contra Fernando Lugo”) traz à memória do golpe militar ocorrido tanto no Brasil como no Paraguai e outros países da América Latina, submetidos que foram ao uso da força e das armas por militares principalmente nas décadas de 1960 e 70. No caso do Paraguai desde o início de século XXI, isso não foi preciso! Observarmos que, ao construir esse enunciado, o enunciador (re)afirma a ideia de que no

<sup>53</sup> Disponível em: < <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/8219-charges-junho#foto-161289>> Acesso em: 02 mar. 2014.

Paraguai cometem-se golpes, mesmo que seja de outra natureza, sem o uso dos militares ou da força; falsificado, mas é golpe.

Na figura 14, podemos observar o resgate, também, do acontecimento histórico do Paraguai referente ao golpe militar ao referir-se às armas da época, como parabelum e bacamarte.



Figura 14: Charge: Golpe paraguaio<sup>54</sup>

Golpes são conhecidos pelos seus atos violentos (físico, moral e psicológico) e nesse caso a construção irônica se apresenta na ambiguidade das expressões “golpe”, “sem violência”, e pelo uso de termos militares antigos. Sobre o "rufar de tambores", por exemplo, Câmara Cascudo (1986) sustenta que, na Idade Média, era comum, antes de o mensageiro ler as ordens do rei, haver uma soada (rufar) de tambores, também conhecido como "à toque de caixa". Era a forma de chamar as pessoas para reunirem-se e ouvirem a mensagem. O rufar dos tambores significa, portanto, o anúncio de algo solene.

Em a *Arte da Guerra*, Su Tzu (2006) afirma que os tambores eram importantes instrumentos para o exército nas batalhas. Serviam tanto para ordenar os soldados: "A tudo o que acabo de dizer, convém acrescentar a maneira de dar ordens e de fazer com que sejam executadas" (p. 40), e para intimidar o inimigo: "Durante a noite, o clamor dos tambores servirá para espalhar o pânico entre teus inimigos e recobrar o ânimo de teus soldados" (p. 40). Nos momentos de desolação dos soldados, Su Tzu diz que deveriam "Proporciona-lhes festas", fazer ouvirem "o rufar de tambores e de outros instrumentos militares [...]" (p.66)".

Independente dos significados, o fato é que o enunciador apresenta elementos militares de outrora. Conforme o dicionário Houaiss eletrônico<sup>55</sup>, *Parabélum*, por exemplo, é o apelido dado pelos alemães, na Primeira Guerra Mundial, para a pistola Luger P08. O apelido vem,

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://www.conversaafiada.com.br/economia/2012/06/26/collor-critica-itamaraty-e-alerta-para-instabilidade/>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=parabelum>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

ironicamente, do final da expressão *Si vis pacem, para bellum*<sup>56</sup> (se queres a paz, prepara-te para guerra). Por sua vez, *bacamarte* é uma arma de cano curto e de boca alargada, fabricada no século XVI e usada, após aperfeiçoamentos, até o XIX. Por fim, pelo que sabemos, nenhum exército moderno faz uso de tambores ou trombetas na comunicação entre soldados. Portanto, o que tem é uma construção irônica, a dizer que não há nada de novo no golpe no Paraguai.

No segundo título (“Samuel Pinheiro Guimarães: Tentam o mesmo na Venezuela, no Equador e na Bolívia”), observando a continuidade das manchetes, por meio da voz de um diplomata conhecido no contexto social brasileiro, o leitor é conduzido à ideia de continuísmo. De que se pode repetir em outros países latino-americanos o que aconteceu no Paraguai, dialogando, portanto, com o discurso materializado na Figura 14.

A respeito desse fato, também foram produzidas charges como se pode observar na Figura 15 nas quais os personagens que se apresentam são os presidentes sul-americanos que, ideologicamente, se posicionam contrariamente àqueles que deflagraram o *impeachment* (ou golpe) de Zelaya em Honduras e Fernando Lugo no Paraguai.



Figura 15: Presidentes sul-americanos condenam *impeachment* relâmpago no Paraguai<sup>57</sup>

No terceiro título (“Pedro Serrano: no vizinho é mais difícil levar uma multa de trânsito do que derrubar um presidente”), percebemos mais uma vez que o enunciador, mesmo sendo contra a destituição e todo o processo que o envolve, constrói seu dizer reforçando a

<sup>56</sup> Disponível em: <<http://granaventura.com/old2013/luger/parabellum.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://www.humorpolitico.com.br/golpe-de-estado/presidentes-se-unem-contra-golpe-no-paraguai/>> Acesso em: 02 mar. 2014.

ideia de que é um país de falcatriuas, golpes. O que não foi explícito, o que não foi dito: no Paraguai, é fácil derrubar um presidente, pois é um país sem leis, é o país da ilegalidade, é o país do golpe.

Sendo assim, as análises nos mostraram que, diante do acontecimento discursivo, *Impeachment* de Fernando Lugo, os sujeitos enunciadorez apresentaram dois posicionamentos distintos acerca do evento político, favoráveis ou contrários e, pelo menos, duas formações discursivas: da legalidade e da legitimidade. Em outras palavras, ao enunciar a legalidade do acontecimento, incluíram a possibilidade de ilegalidade ou ainda, ao alegar legitimidade do processo, incluíram a possibilidade de ilegitimidade. Assim, os sujeitos enunciadorez, instauraram situações de relações de poder no intuito de legitimar o dizer, no qual o discurso irônico foi o principal recurso argumentativo para convencer/persuadir o seu leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa analisou os discursos produzidos no Brasil sobre o Paraguai no intuito de compreender os efeitos de sentidos que “Paraguai” (e/ou suas variantes) produz. Para tanto, construímos nosso *corpus* mobilizando alguns enunciados retirados de textos que circularam, principalmente, por *blogs* na *internet* referentes ao acontecimento político *impeachment* de Fernando Lugo. Esses enunciados foram analisados à luz dos aportes teóricos da Análise do Discurso de linha francesa e da Teoria da Argumentação no Discurso.

Em contato com as notícias sobre o acontecimento político no Paraguai, levantamos algumas questões acerca do país vizinho que nos serviram de guia, um fio condutor para nossas análises discursivas. Essas questões nos levaram a algumas produções acadêmicas que estudaram a Guerra do Paraguai, por diferentes mirantes, sinalizando para um discurso fundador a respeito de certa perspectiva negativa no que tange ao Paraguai. Os discursos produzidos na época da guerra compõem o imaginário social e a memória nacional, os quais reverberam veemente nas práticas discursivas na atualidade.

Diversos trabalhos foram produzidos em relação ao Paraguai e ao *impeachment*, porém se diferem deste trabalho por conta dos objetivos por nós traçados, do *corpus* mobilizado e das teorias e metodologias de pesquisa utilizadas. Esses trabalhos foram, conforme mostramos nesta dissertação, realizados pelo viés da história, política, sociologia, antropologia entre outros. Alguns, como o de Goiris (2010), muniram-nos com informações no sentido de conhecer a sociedade e a identidade paraguaia apresentando aspectos sócio-históricos. Textos como o de Silveira (2007), ao investigar as charges produzidas na época da guerra, permitiram-nos responder a algumas questões ainda atuais, na tentativa de compreender que representação de Paraguai circula em textos brasileiros.

O trabalho que mais se aproximou desta pesquisa foi o de Melo e Santos (2013) por utilizarem os aportes teóricos da AD francesa e analisarem a polêmica pedofilia e a destituição de Fernando Lugo em 2009. Porém, diferem quanto aos objetivos, pois tratam de verificar e revelar a condição fluida dos discursos, flexibilidade e mobilidade em função de embates ideológicos, históricos e políticos por meio de notícias que envolvem o ex-presidente paraguaio. Já nosso trabalho busca compreender o discurso produzido no Brasil sobre o Paraguai, independente do percurso teórico referente à AD, com a finalidade de, pela análise



da materialidade discursiva, compreender como ainda se produzem enunciados negativos, estereotipado, em relação ao Paraguai.

As análises apontaram para a confirmação de nossa hipótese, apresentada no início desta pesquisa, em que afirmamos, quando o assunto envolve, direta ou indiretamente, esse país vizinho, os qualificadores tendem a inferiorizar tudo o que de lá procede, por meio de estereótipos como “falsificado”, “muamba” e “contrabando”. Para (des)qualificar, os enunciados em geral são construídos pela mobilização de recursos linguístico-discursivos ligados à ironia. Em outras palavras, dentre as artimanhas argumentativas presentes nos textos analisados, percebemos o uso recorrente da ironia e do sarcasmo nas construções discursivas que se referem ao Paraguai.

Identificamos esses qualificadores que inferiorizam o país e, logo, percebemos a aceitação e a naturalização desses termos pelos sujeitos enunciadore, consequentemente, de seus co-enunciadores, pois, sem muito esforço, na tentativa de convencer ou persuadir o seu suposto leitor, os enunciadore valem-se de sentidos cristalizados no imaginário social que diz o Paraguai como inferior ao Brasil.

Na combinação memória e história, os sujeitos, enquanto produtores de discursos apresentam e defendem seus posicionamentos por argumentos semelhantes, sejam eles contrários ou favoráveis ao *impeachment* de Lugo. Dessa forma, identificamos pelo menos duas formações discursivas presentes e recorrentes nos enunciados argumentativos produzidos pelos sujeitos *blogueiros*, independentemente de seu posicionamento.

Nas construções discursivas analisadas, a presença do interdiscurso religioso, jornalístico, político, econômico e histórico sinaliza as vozes que auxiliaram no processo de enunciação, validação e/ou responsabilidade do discurso, assim como a ambiguidade de sentidos produzidos no que tange à ironia.

No jogo de ideologias, o “Outro” foi usado para falar de si nas notícias veiculadas nos *blogs*, isto é, o acontecimento político-discursivo do *impeachment* de Fernando Lugo foi tomado, também, para falar do atual governo brasileiro, assim como de outras nações que têm em seu governo líderes representantes da orientação política de esquerda. O Paraguai e o então presidente Fernando Lugo aparecem, protagonistas desse acontecimento político *impeachment*, nos textos como secundários.

Embora o *impeachment* seja um acontecimento político, contemplado na lei paraguaia, o que vemos é o predomínio de certo discurso que inferioriza o Paraguai nos textos

jornalísticos e/ou opinativos, em matérias cujo objetivo é informar, transmitir aos leitores esclarecimentos acerca do acontecimento político, não obstante, traz consigo o discurso de que o Paraguai continua sendo inferior ao Brasil.

Ao analisarmos os enunciados selecionados, observamos a presença das relações de poder que, conforme Foucault, não está presente em uma instituição ou em alguém, mas sim fluante. Associado ao poder, o saber, que se encontra numa relação de conteúdos e formas. Sendo assim, na relação entre saber e poder aparece o sujeito, neste caso, os sujeitos enunciadore e leitores sobre o *impeachment*.

Entendemos que os veículos de comunicação possuem regras internas que, por sua vez, controlam as enunciações dos jornalistas, os enunciados publicados, exercendo poder sobre seus leitores devido à confiança e credibilidade constitutiva do processo midiático. Observamos, no entanto, que os *blogueiros* tendem a reproduzir certa *liberdade de expressão*: liberdade em expressar suas opiniões e posicionamentos diante dos acontecimentos, pois não passam pelo controle institucional midiático.

Observamos nas charges, também, essa suposta liberdade. Por se tratar de uma reprodução verbo-visual ou apenas visual irônica/satírica com o intuito de criticar os acontecimentos já noticiados, imprimem percepções e posições dos sujeitos desenhistas/chargistas e ao mesmo tempo em que se esquivam da responsabilidade dos efeitos de sentidos produzidos pelas charges.

Entre as notícias da *mass media* e os leitores/espectadores, observamos e analisamos os artigos de opinião publicados nos *blogs* e as charges, e assinalamos uma forma intermediária de visibilidade das informações, uma forma de conduzir os sentidos dos leitores no intuito de convencer e persuadi-los, fazendo-os aderir a um posicionamento, a uma ideia.

Podemos dizer que os efeitos de sentidos causados pelas notícias, em que os sujeitos *blogueiros* e chargistas também absorvem as influências do discurso midiático, utilizam esse espaço para expor a sua verdade. Porém, sabemos que não existe um sentido único, uma neutralidade, uma verdade única. O discurso é um lugar de materialização de ideologias, uma produção social, e assim, articulando história e memória, produzem enunciados que se articulam com outros enunciados produzindo novos sentidos.

Embora tenham perfis diferentes, nos textos analisados dos *blogueiros* e as charges, independentemente de suas opiniões e posicionamentos, os sujeitos valeram-se de

semelhantes argumentos e recursos linguístico-discursivos para construírem seus textos, enunciados irônicos.

No processo de desconstrução dos enunciados e (re)construção dos sentidos através dos interdiscursos, da polifonia, dos recursos argumentativos e da ironia, constatamos a presença dos estereótipos negativos advindos, ao que investigação indica, da época da guerra, reproduzindo verdades naturalizadas e que ao mesmo tempo delinea uma representação identitária do *Outro* desde uma perspectiva hegemônica.

Os argumentos que se apresentaram nos textos e nas charges basearam-se em acontecimentos históricos para validar o presente. Dessa forma, os sujeitos enunciadore buscaram no passado (distante ou próximo) informações que contribuem para validar seu dizer, numa relação de contiguidade entre passado e presente.

Os textos selecionados para análise trazem em seus títulos termos que remetem aos contextos, históricos e comerciais, do Paraguai ao elegerem palavras como golpe paraguaio, falso e falsificado, no qual o primeiro remete ao contexto histórico do golpe militar liderado por Strossner e falso/falsificado ao contexto comercial de produtos importados, porém, todos (re)significados ao contexto do *impeachment*.

Nos fragmentos T1 e T14, identificamos e apontamos a presença de elementos estereotipados como Paraguai, muamba e *la garantia soy yo*. Estes sinalizam para certa identidade paraguaia em textos de posicionamentos divergentes, favoráveis e contrários ao *impeachment*. Além disso, os sujeitos enunciadore se esquivam da responsabilidade do enunciado ao construí-los de maneira irônica, pois, na ambiguidade dos sentidos, o leitor poderá perceber ou não os efeitos de sentido produzidos e assim, aderir ou não à ideia.

Não apenas episódios e personagens do contexto paraguaio são mobilizados para a construção dos enunciados, mas, também, do contexto brasileiro, como vimos nos fragmentos T1, T4, T5, T12, T13, T15 e T16. Esses enunciados confirmam a premissa de que o acontecimento político paraguaio serviu, de fato, de pretexto para se falar da política brasileira e seus personagens.

Sujeitos enunciadore inscritos em FDs diferentes divergem em opiniões e posicionamentos, mas, no que se referem ao país vizinho, os discursos produzem efeitos de sentidos semelhantes, pois discursivizam a partir da mesma relação de poder. Dito de outro modo, como sujeitos enunciadore brasileiros, posicionam-se de maneira superior em relação

ao Paraguai e com isso deixam marcas em seus discursos que no processo de análise é possível depreender.

As charges produzidas na época do *impeachment* também retratam essa falsa neutralidade, transparência e imparcialidade por meio do cômico conforme as análises apresentadas. Aparentemente, essas construções verbo-visuais apenas criticam, satirizam fatos do cotidiano; guardam em sua formulação marcas da história e da memória tangenciadas pela ideologia e assim não escapam da construção discursiva enquanto prática social.

Diante dessas produções, entendemos que a imagem construída sobre o Paraguai, desde a época da guerra, permanece firmemente no imaginário social dos sujeitos enunciadore e co-enunciadore, pois juntos confirmam os efeitos de sentidos produzidos pelos textos que circulam na mídia, na *internet* de maneira que tudo que se fala, direta ou indiretamente, sobre o país, não é questionado. Pelo contrário, é aceito e reproduzido dando continuidade aos dizeres (re)significados ou não.

Esta pesquisa serviu-nos, de certo modo teórico-metodológico, para levantar outras questões, principalmente a respeito de discursos sobre o Paraguai antes da guerra travada entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) durante seis longos anos (1864-1870). Afinal, que Paraguai era aquele antes da Guerra? Como ele significa na imprensa e imaginários brasileiros? O que existe (e onde) "desse" Paraguai? Essas e outras questões são vislumbres para pesquisas futuras, que esperamos realizar via doutoramento.

Por fim, não foi nosso intuito fechar este trabalho como sendo a verdade, e, trabalhando com discursos, não poderia ser diferente. Esgotar as possibilidades de leitura e análise é simplesmente impossível diante dos diferentes mirantes existentes para se enxergar um determinado discurso. Apenas esperamos que tenhamos colaborado para mostrar como uma visão (negativa) pode permanecer durante muito tempo numa dada sociedade sem ser questionada devido às relações de poder, sempre desiguais, entre aqueles que escrevem, cotidianamente, a história.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <<http://dutracarlito.com/nicola-abbagnano-dic.pdf>> Acesso em: 03 Out. 2014.

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005

\_\_\_\_\_. As modalidades argumentativas do discurso. In: LARA, G.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Org.). **Análises do Discurso Hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olimpo Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, Nov. 2011. Disponível em: <<http://www.uesc.br/revistas/eidea/revistas/revista1/eideaartigo12.pdf>> Acesso em: 03 de mar. 2014.

ARAÚJO, Rafael. O golpe de Estado contra Fernando Lugo e a integração sul-americana. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 08, 2012. ISSN: 2179 – 2143. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2776/2423>> Acesso em: 18 Jan. 2015.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BANDEIRA, L. A. Moniz. A Guerra do Chaco. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Jun. 1998, vol.41, n.1, p.162-197. ISSN 0034-7329

BARONAS, Roberto L. **Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada**. Cuiabá: EDUFMT, n. 10, p. 99-111, 2005. Disponível em: <<http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf>> Acesso em: 30 ago. 2014.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. 3 ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução Eduardo Guimarães. Campinas, SP. Pontes, 1989.

'BLACK FRIDAY' leva milhares de consumidores a Ciudad del Este, no Paraguai. **Folha de S. Paulo**. Mercado. 15 Maio 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2012/05/1088998-black-friday-leva-milhares-de-consumidores-a-ciudad-del-este-no-paraguai.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

BONNAFOUS, Simone. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org). **Mídia e discurso: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2ª ed. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2008.

\_\_\_\_\_. O texto irônico: fundamentos teóricos para leitura e interpretação. **LETRAS – Revista do Mestrado em Letras da UFSM (RS)**, julho/dezembro 1997. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/11475/6941>> Acesso em: 21 Nov. 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Locuções tradicionais no Brasil**. Belo Horizonte / São Paulo: Editora Itatiaia / Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CHABROL, Claude. Persuasão. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Org) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. (Org.) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Diz-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Vol.10, Dez. 2011. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>> Acesso em: 20 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Discurso das Mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. **Discurso Político**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DORATIOTO, Francisco. História e Ideologia: a produção brasileira sobre a Guerra do Paraguai. In: **Nuevo mundo mundos nuevos**, Coloquios, 2009, 13 de janeiro de 2009, p. 7. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/index49012.html>>. Acesso em: 14 jan. 2015

DUARTE, Lélia P. Ironia, humor e fingimento literário. **Cadernos de Pesquisa do NAPq**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, n. 15, p. 54-78, 1994.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FIGUEIREDO, Carlos. **O golpe paraguaio nas revistas semanais**. Disponível em: <<http://jornalpolitico.blogspot.com/2012/07/o-golpe-do-paraguai-nas-revistas.html>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

FLECK, Eliane C. D. A morte no centro da vida: reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-75). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Dez 2004a, vol.11, n.3, p.635-660. ISSN 0104-5970. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702004000300006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000300006)> Acesso em: 20 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Almas em busca da salvação: sensibilidade barroca no discurso jesuítico (século XVII). **Revista Brasileira de História**, 2004b, vol.24, n.48, p.255-300. ISSN 0102-0188. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882004000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200012)> Acesso em: 20 jan. 2015.

FOLETTTO, Rafael. DE BISPO A PRESIDENTE: as representações de Fernando Lugo na mídia brasileira. **Estudos em Comunicação**. n.10, 237-254. Dez. 2011. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/10/pdf/EC10-2011Dez-13.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. Na trilha de Fernando Lugo: reflexões sobre o processo de ascensão do presidente paraguaio. **Revista Mediação**, v. 12, n. 11, jul-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/313/310>> Acesso em: 20 jan. 2015.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em: <<http://tv.up.pt/uploads/attachment/file/318/foucault-michel-as-palavras-e-as-coisas-digitalizado.pdf>> Acesso em: 21 Jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.

GARCIA, Elisa. F. Dimensões da liberdade indígena: missões do Paraguai, séculos XVII-XVIII. **Tempo**, Dez 2013, vol.19, n.35, p.83-95. ISSN 1413-7704. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042013000200006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042013000200006)> Acesso em: 20 jan. 2015.

GOETTERT, Jones, MONDARDO, Marcos. O “Brasil migrante”: Gentes, lugares e transterritorialidades. **GEOgraphia**, América do Norte, 11, out. 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/283/249>>. Acesso em: 19 Set. 2014. p. 101-136.

GOIRIS, Fábio A. O desconhecido como preceito: o caso do Paraguai. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 112, p. 23-30, 2010. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10436/5964>> Acesso em: 27 Fev. 2015.

GÓIS, Marcos Lúcio. **De como a Raposa encontrou a Serra do Sol: discurso, memória e identidade**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 2007.

GÓMEZ, Pablo; BOLOGNA, Eduardo. Pobreza y remesas internacionales Sur-Sur en Paraguay. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Dic 2014, vol.31, n.2, p.431-451. ISSN 0102-3098. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982014000200010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982014000200010&script=sci_arttext)> Acesso em: 20 jan. 2015.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso**: diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

GUERRA, Vânia. A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas. **Anais do Sciencult**, v.1, n.1, Paranaíba, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/view/125/63>> Acesso em: 08 Maio 2015.

GUIMARÃES, Samuel. (Org.). **Argentina: visões brasileiras (308 p.); Alemanha: visões brasileiras (368 p.); Estados Unidos: visões brasileiras (264 p.); África do Sul: visões brasileiras (322 p.)**. Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Fundação Alexandre de Gusmão, 2000.

HALBWACHS, Maurice. Memória colectiva y memória histórica. Tradução de Amparo Lasén Díaz. Reis: **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. No. 69, p. 209-219, Jan-Mar, 1995. Disponível em < <http://www.jstor.org/stable/40183784> > Acesso em 06 Agos. 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem**. Lisboa: Ed.70, 2007. Disponível em: <<https://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf>> Acesso em: 02 Mar 2014.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Tropos. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Análise da conversação: princípios e métodos**. Tradução: Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KIERKGAARD, Soren. Sobre o conceito de ironia. In: \_\_\_\_\_. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 – (Vozes de Bolso). p. 239-335.

KRAAY, Hendrik. Os companheiros de Dom Obá: os zuavos baianos e outras companhias negras na Guerra do Paraguai. **Afro-Ásia**, 2012, no.46, p.121-161. ISSN 0002-0591. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0002-05912012000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0002-05912012000200004&script=sci_arttext)> Acesso em: 27 Fev 2015.

LACLAU, Ernesto. Consideraciones sobre el populismo latinoamericano. **Cuadernos del CENDES**, v. 23, n. 62, p. 115-120, Universidad Central de Venezuela, Venezuela, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=40306207>> Acesso em: 23 Jul. 2014.

LAVARDA, Marcos Túlio. **A iconografia da Guerra do Paraguai e o periódico Semana Ilustrada - 1865-1870: um discurso visual**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados. 2009.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. Trad. Paulo Neves. Disponível em: <[http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq\\_interface/6a\\_aula/o\\_que\\_e\\_o\\_virtual\\_-\\_levy.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf)> Acesso em: 05 jan 2015.



LÓPEZ, Magdalena. Democracia em Paraguay: la interrupción de «proceso de cambio» con la destitución de Fernando Lugo Menéndez (2012). **Cuadernos del Cendes**, , n. 85 (enero-abril), 2014, págs. 95-119. ISSN 1012-2508. Disponível em: <<http://mcendesweb.cendes.ucv.ve/cendesphp/pdfs/revista85/art4.pdf>> Acesso em: 09 Jan 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. Interdiscursividade. In CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Org.) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Ironia. In CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Org.) **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Uma semântica global. In: MAINGUENEAU, D. **Gênese do Discurso**. Trad. De Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. Tradução e organização Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo, SP. Editora: Parábola, 2008b.

\_\_\_\_\_. Ethos: ethos e apresentação de si nos *sites* de relacionamento. In: MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Trad. Luciana Salazar Salgado. São Paulo, SP. Editora: Parábola, 2010.

MALATO, Maria Luísa. A academia de Platão e a matriz das academias modernas. **Notandum**, 19, p.5-16, jan-abr 2009 Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23056/2/luisamalatoacademia000092661.pdf>> Acesso em: 24 Ago. 2014.

MARIANI, Bethania Sampaio. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In ORLANDI, E. P. **Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

MAZIÈRE, Francince. **A Análise do discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MELO, Tiago; SANTOS, Maria Elena. As notícias envolvendo o ex-presidente paraguaio fernando lugo sob a ótica da análise do discurso. **VII Encontro Internacional de Letras–Literatura e Linguística**, p. 4-20. 2013. ISSN 2175 389X Disponível em: <[http://cac.php.unioeste.br/eventos/encontroletras/docs/anais/EIXO\\_3\\_ENS\\_APREN\\_MATERNA-novo.pdf#page=4](http://cac.php.unioeste.br/eventos/encontroletras/docs/anais/EIXO_3_ENS_APREN_MATERNA-novo.pdf#page=4)>. Acesso em: 27 Fev. 2015.

MORAES, C. **Paraguai: a consolidação da ditadura de Strossner (1954-1963)**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2000.

MOUCO, Elsinho. **Fernando Lugo é o Fernando Collor paraguaio**. Disponível em: <<http://canalrr.blogspot.com/2012/06/fernando-lugo-e-o-fernando-collor.html>> Acesso em: 20 abr 2014.

NASCIMENTO, Valdir. **“Yo soy paraguayo, chamigo”**: Breve estudo sobre a identidade no Paraguai. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal da Grande Dourados. 2012. Disponível em: <<http://200.129.209.183/arquivos/arquivos/78/MESTRADO-ANTROPOLOGIA/%27%27YO%20SOY%20PARAGUAYO,%20CHAMIGO%E2%80%9D%20BREVE%20ESTUDO%20SOBRE%20A%20IDENTIDADE%20NO%20PARAGUAI%20-%20Valdir%20Arag%C3%A3o%20do%20Nascimento.pdf>> Acesso em: 20 Jan. 2015.

NICOLAU, Marcos. **Introdução à criatividade**. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 1994. Disponível em: <[http://insite.pro.br/2008/Dezembro/Criatividade\\_Introdu%C3%A7%C3%A3o\\_Nicolau.pdf](http://insite.pro.br/2008/Dezembro/Criatividade_Introdu%C3%A7%C3%A3o_Nicolau.pdf)> . Acesso em: 23 jul. 2014.

ORLANDI, Eni. **Discurso Fundador**: A formação do país e a construção da identidade nacional. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso**: Princípios e Procedimentos. 11. ed. Campinas, SP. Pontes, 2013.

ORMUNDO, Joana. Comunicação mediada pelo computador: *Blog* – gênero discursivo emergente. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 7, 2004/05. p. 67-82. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/viewFile/1260/914>> Acesso em: 06 Jul. 2015.

PACTRICK, John. As origens da educação superior em atenas. O Lyceum e a educação ateniense antes de Aristóteles. In: POMBO, O. (Org). **A Invenção da Escola na Grécia**. Lisboa: DEFCUL, 1996. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/educadores/artigos/pdf/patrick.pdf>> Acesso em: 24 Ago. 2014.

PAIS, Cidmar. Relações dialéticas subjacentes à significação. **Revista Philologus**, ano 10, n. 28, p. 42-57, 2004. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10\(28\)09.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10(28)09.htm)>. Acesso em: 23 Jul. 2014.

PARAGUAIA, maconha vendida em SP vem com fungos e formigas. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano. 12 Nov. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/11/1184158-paraguaia-maconha-vendida-em-sp-vem-com-fungos-e-formigas.shtml>> Acesso em: 12 fev. 2013

PAVEAU, Marie-Anne. Reencontrar a memória. Percurso epistemológico e histórico. In **II SEAD**. Tradução de Carlos Piovezani Filho, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/MarieAnnePaveau.pdf>>. Acesso em: 23 Jul. 2014.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. In: GADET, F.; Hak, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 59-158.

\_\_\_\_\_.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Tradução Bethânia Mariani *et al.* 5ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 159-250.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: três épocas** (1983). In: GADET, F.; Hak, T. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 307-315.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. *et al.* **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2010.p. 49-56.

\_\_\_\_\_. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni P. Orlandi. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Os âmbitos da argumentação**. In: \_\_\_\_\_. **Tratado da Argumentação: a Nova Retórica**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 15-70.

PLANTIN, Christian. Argumentação. In: CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

POSSENTI, Sírio. Pragmática na análise do discurso. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, (30), 1996. p. 71-84. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/1687/1270>> Acesso em: 07 set. 2014.

RECALDE, Liliana. Paraguay: Interrupción al proceso de consolidación de la democracia. **Revista de Ciencia Política [online]** vol. 33, nº 1 (Sin mes), Pontificia Universidad Católica de Chile, Santiago, 2013, p. 303-324. ISSN 0716-1417. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32427002015>> Acesso em: 17 Jan. 2015

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2007.

SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras. 2005.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. Ciência e Senso Comum. In: \_\_\_\_\_. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro, Graal, 1989. p. 31-45.

SANTOS, Fabio Luis. A deposição do presidente Fernando Lugo no Paraguai. **O Olho da história**, nº19, 14 p., Salvador, Bahia, dez. 2012. Disponível em: <<http://oolhodahistoria.org/n19/artigos/fabio.pdf>> Acesso em: 08 Jan. 2015.

\_\_\_\_\_. A deposição de lugo e os limites da democracia na américa latina. **Cadernos PROLAM/USP**, [S.l.], v. 12, n. 22, p. 25-37, jun. 2013. ISSN 1676-6288. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82514>>. Acesso em: 08 Jan. 2015. doi:<<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2013.82514>>.

SANTOS, Maria Carolina dos. Poder e filosofia: a essência da Politeia platônica. **Hypnos. Revista do Centro de Estudos da Antiguidade**. Ano 8, n. 10, p. 56-70, São Paulo, 1º sem. 2003. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/hypnos/article/view/18250/13577>> Acesso em: 30 Jul. 2015.

SILVA, Carlos; MELO, Victor. Fabricando o soldado, forjando o cidadão: o doutor Eduardo Augusto Pereira de Abreu, a Guerra do Paraguai e a educação física no Brasil. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Jun 2011, vol.18, no.2, p.337-354. ISSN 0104-5970 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v18n2/05.pdf>> Acesso em: 25 Fev. 2015.

SILVA, Erick. **Impeachment do Collor e o golpe contra Lugo: um abismo de diferenças**. Disponível em: <<http://www.aldeiagaulesa.net/2012/06/o-impeachment-do-collor-e-o-golpe.html#.VcAGvUa87Wp>> Acesso em: 20 Abr. 2014.

SILVA, Fabiana. Das criaturas aos criadores: contribuições de Foucault para a análise de uma historiografia tripartida sobre a Guerra do Paraguai. **ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História** – Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1246.pdf>> Acesso em: 18 Jan 2015.

SILVA, Pedro Henrique. **As Instituições Políticas do Império e as Relações com o Paraguai (1840-1853)**. 2012. 101f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11933/1/2012\\_PedroHenriqueVeranoCordeirodaSilva.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11933/1/2012_PedroHenriqueVeranoCordeirodaSilva.pdf)> Acesso em: 27 Fev. 2015.

SILVEIRA, Mauro César. As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do *Paraguay Ilustrado*. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.30, n.2, p. 41-66, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/98/91>>. Acesso em: 22 Abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **A Batalha de Papel: a charge como arma de guerra contra o Paraguai**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

SOUCHAUD, Sylvain. A visão do Paraguai no Brasil. **Contexto Internacional**, Jun 2011, vol.33, no.1, p.131-153. ISSN 0102-8529. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292011000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292011000100006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 22 Nov. 2014.

SP toma o lugar do Paraguai como paraíso das muambas. **Estadão**. Geral. 8 Fev. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,sp-toma-o-lugar-do-paraguai-como-paraiso-das-muambas,320278>> Acesso em: 29 ago. 2014

SPRANDEL, Marcia Anita. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estudos Avançados**, Ago 2006, vol.20, nº 57, p.137-156. ISSN 0103-4014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142006000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200011)>. Acesso em: 22 Nov. 2014.

STAFUZZA, Grenissa; GÓIS, Marcos Lúcio. Apontamentos sobre a Análise do Discurso e suas práticas. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de S. **Ciências da Linguagem: o fazer científico?** Vol. 2. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

SZWAKO, José. O ‘mau desempenho’ de Lugo: gênero, religião e contramovimento na última destituição presidencial paraguaia. **Opinião Pública [online]**, Campinas, vol. 20, n. 1, abr. 2014, p. 132-155. ISSN 0104-6276. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v20n1/v20n1a07.pdf>>. Acesso em: 22 Nov. 2014. doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-62762014000100007>>

TORAL, André. Entre retratos e cadáveres: a fotografia na Guerra do Paraguai. **Revista Brasileira de História**, 1999, vol.19, nº 38, p.283-310. ISSN 0102-0188. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881999000200012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881999000200012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 27 Fev 2015.

TZU, Sun. **A arte da guerra**. Tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2006.

VILLALVA FILHO, Mário Ramão. Mercosul; Brasil e Paraguai: a integração (im) possível. **INTERCOM - XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Campo Grande, MS. 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP2VILLALVA.PDF>>. Acesso em: 25 Jan. 2015.

YUSSEF, Nabih. Neogolpismo: el caso paraguayo. **Boletín Informativo del CENSUD**, Instituto de Relaciones Internacionales (IRI), nº 41, 41p., Oct. 2013. ISSN: 2250-6683. Disponível em: <[http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/39912/Documento\\_completo.pdf?sequence=1](http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/39912/Documento_completo.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 17 Jan. 2015.

XAVIER, Lola. **O discurso da ironia em literaturas de língua portuguesa**. 2007. 462 f. Tese (Doutorado em Literatura). Universidade de Aveiro. 2007. Disponível em: <<http://ria.ua.pt/bitstream/10773/2864/1/2007001066.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2010.

ZÉ BETO. **Nem tudo é falso no Paraguai**. Disponível em: <<http://jornalenoticias.com.br/zebetto/?p=151213>>. Acesso em: 18 Abr. 2014.

### **Notícias veiculadas na mídia digital brasileira e paraguaia sobre as mortes em Curuguaty, no Paraguai:**

ARÉVALO, Julia. Um mês após massacre que causou queda de Lugo investigações quase não avançam. *Veja*, Paraguai, 17 jul. 2012, Mundo. Disponível em: <<http://Veja.abril.com.br/noticia/mundo/um-mes-apos-massacre-que-causou-queda-de-lugo-investigacoes-quase-nao-avancam>> Acesso em: 05 Jan. 2014.

DUARTE, N. E PRESSE, F. Confronto com sem-terra deixa 16 mortos no Paraguai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 jun 2012, Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/49074-confronto-com-sem-terra-deixa-16-mortos-no-paraguai.shtml>> Acesso em: 06 Jan. 2014.

ENCINA, Osvaldo. Ataque sincronizado y devastador em tragédia de Curuguaty. *ABC Color*, Paraguai, 23 jul. 2012, Edición Imprensa, Suplementos, Judicial. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-imprensa/suplementos/judicial/ataque-sincronizado-y-devastador-en-tragedia-de-curuguaty-429110.html>> Acesso em: 06 Jan. 2014.

GRIMALDI, Idilio. Os mortos de Curuguaty e o julgamento político de Lugo. *Carta Maior*, Paraguai, 23 jun 2012, Internacional. Tradução: Marco Aurélio Weissheimer Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Os-mortos-de-Curuguaty-e-o-julgamento-politico-de-Lugo%0D%0A/6/25389>> Acesso em: 06 Jan. 2014.

PRESSE, France. Confronto entre policiais e sem-terra matam 16 no Paraguai. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 16 jun 2012, Mundo. Disponível em:<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2012/06/1105256-confrontos-entre-policiais-e-sem-terra-matam-16-no-paraguai.shtml>> Acesso em: 06 Jan. 2014.

VIANA, Natalia. Curuguaty, a matança que derrubou Lugo. *Carta Capital*, Paraguai, 04 dez 2012, Internacional. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/curuguaty-a-matanca-que-derrubou-lugo>> Acesso em: 05 Jan. 2014.

### **Notícias veiculadas acerca dos posicionamentos dos governantes do Mercosul sobre o *impeachment* de Fernando Lugo:**

ANSA. Mujica classifica *impeachment* de Lugo de Golpe de Estado. *Opera Mundi*, América do Sul, 25 jun 2012, Notícias. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/22672/mujica+classifica+impeachment+de+lugo+de+golpe+de+estado.shtml>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

EFE, Agência. Mercosul suspende o Paraguai e incorpora a Venezuela. *Veja*, América Latina, 29 jun. 2012, Mundo. Disponível em: <<http://Veja.abril.com.br/noticia/mundo/mercosul-suspende-paraguai-ate-novas-eleicoes-e-incorpora-venezuela>> Acesso em: 24 Nov. 2014.

LIMA, José Antonio. Entrada da Venezuela no Mercosul é resposta à queda de Lugo, diz Mujica. *Carta Capital*, Mercosul, 04 de jul de 2012, Internacional. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/entrada-da-venezuela-no-mercosul-e-resposta-a-queda-de-lugo-diz-mujica/>> Acesso em: 24 Nov. 2014.

MONTEIRO, Tânia. *Impeachment* pode levar à sanção do Paraguai, sinaliza Dilma. *Estadão*, Política, 22 jun 2012, Notícias. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,impeachment-pode-levar-a-sancao-do-paraguai-sinaliza-dilma,890182>>. Acesso em: 24 Nov. 2014.

## APÊNDICE A

Quadro 2: Produções acadêmicas a respeito do *impeachment* de Fernando Lugo

(Continua)

Nº	TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	INSTITUIÇÃO/PUBLICAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
01	O “Brasil migrante”: Gentes, lugares e transterritorialidades	Jones Dari Goettert e Marcos Leandro Mondardo	Artigo científico	Geographia	<a href="http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/283/249">http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/283/249</a>
02	O desconhecido como preceito: o caso do Paraguai.	Fábio Anibal Goiris	Artigo científico	Revista Espaço Acadêmico	<a href="http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10436/5964">http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10436/5964</a>
03	O golpe de Estado contra Fernando Lugo e a integração sul-americana.	Rafael Araújo	Artigo científico	Cadernos do Tempo Presente	<a href="http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2776/2423">http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2776/2423</a>
04	A deposição do presidente Fernando Lugo no Paraguai.	Fabio Luis Barbosa dos Santos	Artigo científico	O Olho da História	<a href="http://oolhodahistoria.org/n19/artigos/fabio.pdf">http://oolhodahistoria.org/n19/artigos/fabio.pdf</a>
05	Neogolpismo: el caso paraguayo.	Nabih Yussef	Artigo científico	Centro de Estudios Sudamericanos	<a href="http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/39912/Documento_completo.pdf?sequence=1">http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/39912/Documento_completo.pdf?sequence=1</a>
06	Paraguay: Interrupción al proceso de consolidación de la democracia.	Liliana Rocío Duarte Recalde	Artigo científico	Revista de Ciência Política	<a href="http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32427002015">http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=32427002015</a>
07	As notícias envolvendo o ex-presidente paraguaio Fernando Lugo sob a ótica da análise do discurso.	Thiago Benitez de Melo e Maria Elena Pires Santos	Artigo científico	VII Encontro Internacional de Letras 2013 – Anais Pág. 04	<a href="http://cac.php.unioeste.br/eventos/encontroletras/docs/anais/EIXO_3_ENS_APREN_MATERNA-novo.pdf">http://cac.php.unioeste.br/eventos/encontroletras/docs/anais/EIXO_3_ENS_APREN_MATERNA-novo.pdf</a>

(Conclusão)

Nº	TÍTULO	AUTOR	GÊNERO	INSTITUIÇÃO/PUBLICAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
08	As marcas do preconceito no jornalismo brasileiro e a história do Paraguai Ilustrado	Mauro César Silveira	Artigo científico	Revista Brasileira de Ciências da Comunicação São Paulo	<a href="http://www.portcom.interestercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/98/91">http://www.portcom.interestercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/98/91</a>
09	A Batalha de Papel: a charge como arma de guerra contra o Paraguai	Mauro César Silveira	Livro	UFSC	-
10	A iconografia da Guerra do Paraguai e o periódico Semana Ilustrada - 1865-1870: um discurso visual	Marcos Túlio Borowiski Lavarda	Dissertação	UFGD	<a href="http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp106515.pdf">http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp106515.pdf</a>
11	As Instituições Políticas do Império e as Relações com o Paraguai (1840-1853).	Pedro Henrique Verano Cordeiro da Silva	Dissertação	UnB	<a href="http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11933/1/2012_PedroHenriqueVeranoCordeirodaSilva.pdf">http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11933/1/2012_PedroHenriqueVeranoCordeirodaSilva.pdf</a>
12	Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória)	Bethânia Mariani	Artigo científico	Pontes	-



## ANEXO A CONJUNTO DE REPORTAGENS

### O Golpe Paraguaio nas Revistas Semanais

quarta-feira, 4 de julho de 2012

O *impeachment* do ex-presidente paraguaio Fernando Lugo foi consumado no último dia 22 de junho, uma sexta-feira. Há doze dias portanto. As revistas semanais chegam às sextas-feiras em algumas bancas, ou seja, quando o golpe paraguaio foi consumado as revistas já estavam, na pior das hipóteses, a caminho das bancas.

Logo a cobertura não poderia de forma alguma trazer uma análise mais profunda do ponto de vista legal e político sobre o fato. Restringiu-se, tanto em Carta Capital quanto em *Veja*, aos fatos e a curtos comentários que indicavam claramente as decisões defendidas por cada uma no episódio, mas isso não seria novidade para ninguém.

A *Veja* tentou lustrar o movimento golpistas dos parlamentares com um verniz constitucional, atitude majoritária no campo jornalístico brasileiro, a Carta Capital considerou tratar-se de um golpe.



Devido ao prazo de fechamento das publicações, apenas nas revistas dessa semana, nas bancas desde a última sexta-feira (29/07), o caso recebeu uma cobertura mais extensa. Entretanto, essa discussão já tinha sido feita de forma exaustiva através da internet.

Grandes portais, *blogs* e redes sociais já haviam repercutido e analisado a partir de prismas ideológicos os mais variados. As informações viajam tão rapidamente, a saturação informativa é tão grande, que temos a sensação de que o golpe no país vizinho é notícia velha, fazendo com que o contexto escape do nosso raio de visão. E isso é perigoso. Mesmo parecendo notícia velha, resolvi ler as informações e análises novas.

A *Veja* trouxe a velha cantilena de que o golpe foi um processo que seguiu os mais estritos rigores constitucionais do Estado de Direito Paraguaio. A celeridade com que o processo foi feito pode assustar, mas estavam dentro da lei, oras. Não importa que o presidente deposto tenha tido apenas duas horas para se defender.

Mas a revista dos Civita trouxe (des)informação nova também. Relata tentativa de diplomatas de países da União das Nações Sul-americanas (Unasul) de terem tentado coagir o senado a desistir da sandice.

As fontes de *Veja*? Quatro paraguaios, todos, provavelmente, do Partido Colorado. Por um momento cheguei a pensar que Cachoeira teria mandado o Araponga Dadá gravar o conteúdo da reunião e passado as informações a Policarpo. Mas Cachoeira está preso.

Diante da negativa dos bravos senadores paraguaios, os diplomatas, de acordo com *Veja*, teriam procurado então o exército para exigir que intervissem no processo de *impeachment* com intuito de paralisá-lo.

O ministro de Relações Exteriores venezuelano, Nicolás Maduro, teria ameaçado os militares paraguaios que o não cumprimento das ordens poderia custar-lhes a expulsão das Forças Armadas. Um oficial paraguaio teria retrucado: “Sou militar do Paraguai, não da Venezuela”.

Essa é uma história sem pé nem cabeça, uma sandice total. Não acredito que um diplomata estrangeiro, ainda que seja ministro de um doídivanas como Chávez, tenha uma síndrome de Napoleão e pense poder ameaçar um militar de um outro país de expulsão da corporação militar da qual faz parte.

Uma narrativa maluca que transforma militares e políticos golpistas do Paraguai em defensores altivos da soberania do país. Sem contar naquela lenga-lenga de que o governo brasileiro precisa defender os interesses dos Brasiguaios, brasileiros que, em sua maioria, grilaram terras em um país estrangeiro.

A Carta Capital trouxe uma capa forte com o termo “Neogolpismo” em destaque. A reportagem trouxe ao leitor o clima político pós-golpe no Paraguai e as razões para tal medida por parte dos parlamentares paraguaios. Há informações interessantes como o fato de que os jornais se basearam nas análises da imprensa brasileira para legitimar o golpe.

Acho que Merval Pereira (aqui) é a partir de agora um forte candidato a uma vaga na Academia Paraguai de Letras. Reinaldo Azevedo poderia tentar a sorte por lá também. Quem sabe os paraguaios não aceitem a nossa muamba?

A Carta Capital traz dados que contrariam a ideia de que o governo Lugo seria um desastre. São dados facilmente checáveis. Tratam-se de índices relativos à economia daquele país como crescimento do PIB etc (aqui). Na verdade, de acordo com Carta Capital, Lugo vinha contrariando interesses.

O presidente deposto teria sinalizado pretender acabar com um dispositivo odioso chamado *listas sábana*, um sistema que permite a alguns congressistas se manter no cargo sem eleições, perpetuando a manutenção de alguns políticos no Congresso.

Lugo, de acordo com Carta Capital, provocou a ira do Congresso de forma definitiva quando vetou em maio uma lei que destinaria 215 bilhões de Guaranis (perto de 97,6 milhões de reais) à Justiça Eleitoral Paraguaia. Na verdade, esse dinheiro seria repassado aos partidos políticos.

Outro caso interessante foi a negativa de Lugo em oferecer energia barata à mineradora Rio Tinto Alcan como contrapartida para que esta operasse no Paraguai, contrariando seu ministro de Minas e Energia. A Rio Tinto provavelmente encontrará mais facilidade de entrar no Paraguai, já que Lugo foi deposto, mas seu ministro de Minas e Energia continua no cargo.

Mas, o texto mais sensacional da revista foi o artigo “Foi golpe, o resto é Eufemismo” (aqui) do professor de direito Pedro Estevam Serrano. A tese do professor é que o golpe é, sim, inconstitucional, e não um golpe branco como eu acreditava ser. (aqui)

O artigo 17 da constituição paraguaia estabelece que:

*“No processo penal, ou em qualquer outro do qual possa derivar pena ou sanção, toda pessoa tem direito a:*

*3 – Não ser condenada sem julgamento prévio...*

*7 - ...dispor das cópias, meios e prazos indispensáveis para a apresentação de sua defesa...*

*8 – oferecer, praticar, controlar e impugnar provas”...*

Para mostrar quão surreal foi a condenação política de Lugo, Serrano cita o decreto nº 6.704 da Presidência da República do Paraguai que oferece dez dias de prazo para a apresentação de provas e defesa em audiência e cinco dias de prazo para recurso de reconsideração no procedimento de aplicação de uma multa de trânsito.

Citando Serrano: “Em resumo, tem mais direito de defesa quem ultrapassar um farol vermelho no Paraguai do que teve Lugo na defesa de seu mandato popular”. Já li alguns articulistas defendendo a tese de que *impeachment* é um julgamento político e que perder o cargo de presidente, que pertence ao povo, não se trata de uma sanção. Posição com a qual não concordo. Todavia, o presidente Lugo perdeu seus direitos políticos por dez anos. Se perder direitos, ainda que temporariamente, não é sanção, o que é então?

Disponível em: <<http://jornalpolitico.blogspot.com.br/2012/07/o-golpe-do-paraguai-nas-revistas.html>> Acesso em: 28 jan. 2014.



## *Nem tudo é falso no Paraguai*

segunda-feira, 25 junho 2012 07:16

do *Correspondente na Tríplice Fronteira*

A esquerda virou direita (vide Lula e Maluf); a direita virou esquerda (para não ir tão longe, Gustavo Fruet abraçado ao PT). A ideologia morreu. Menos no Paraguai. Dilma, Chávez, Morales, Cristina e outros menos votados esperavam tudo, menos a criatividade paraguaia em derrubar um presidente eleito sem um só tiro. E olhe que no Paraguai, ao contrário do general Custer, para se derrubar o governo (Stroessner e outros), era chamar a Cavalaria acantonada num bairro de Assunção. Lá vinham os velhos tanques doados pelo governo brasileiro, por muitos anos comandados pelo general Lino Oviedo (cheio de parentes no Congresso) – e estava resolvido.

Fernando Lugo é um estabonado, como o foi Collor aqui até ser despachado em 1992. Quem não leu, perdeu, mas na quinta-feira, véspera do *impeachment*, o correspondente do jornal “Valor Econômico fez uma brilhante análise sócio-econômica do nosso vizinho.

“O episódio em que morreram 18 pessoas, sendo 11 militantes sem terra e sete policiais, merecia um destino diferente do esquecimento. Serviria como advertência do que pode ocorrer quando se entrecruzam concentração de renda e um Estado débil. O que aconteceu no Paraguai foi uma reforma agrária às avessas: em 1991, 1,5% dos proprietários controlavam 81,3% da superfície. Com o advento da soja, a concentração não diminuiu. Segundo dados da coordenadoria nacional de direitos humanos do Paraguai, em 2008 2% das propriedades somavam 78% das terras. “A titularidade de 7,851 milhões de hectares, ou 64% do total adjudicado em 50 anos. Dentro deste universo, foram beneficiados milhares de brasileiros que tornaram-se produtores de soja no Paraguai em circunstâncias pouco transparentes”, escreveu o correspondente em Buenos Aires do VE, César Felício. Bingo.

Essa foi uma das heranças da ditadura de Alfredo Stroessner (1954-1989). Para quem se interessar:

<http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastrados/noticias/2012/6/21/paraguai-paraiso-do-estado-minimo>

No Paraguai não há previdência social, imposto de renda de pessoas jurídicas é 13% (pessoa física não paga IR), é um estado de contrabando, propina e sacanagem contra quem ousa ser honesto. E os pobres o são. A Itaipu do lado deles é governo paralelo. Nomeiam-se os cupinchas, inventa-se eventos, estradas, proteção ao meio ambiente que, nós aqui, patos, pagamos na conta da energia. E nada disso é executado! Vai direto para o bolso dos cupinchas. A nova sede da Itaipu, em Assunção, vai ter 30 mil metros quadrados. O custo? Bueno... La garantía soy yo.

E nós com isso? Nossa herança desse tempo dos milicos lá e aqui é Itaipu e os brasiguaios.

Ai é que a porca torce o rabo. Lula quadruplicou o pagamento da energia que o Tesouro brasileiro vai repassar aos paraguaios, e Dilma liberou às empreiteiras dos hermanos uma linha de transmissão da Usina, de Foz do Iguaçu a Assunção (350 km).

Os brasiguaios adoraram a queda de Fernando Lugo, que apoiava a invasão de terras. Estavam amedontrados. Fiel às suas raízes, Dilma ensebou atividades da nossa embaixada nessa área sabendo que a soja e o trigo dos brasiguaios e a estabilidade no campo do lado de lá da fronteira são importantes para nós. A felicidade dos brasiguaios com a queda de Lugo coloca dona Dilma Rousseff numa saia justa. Os campesinos paraguaios são de esquerda, os nossos conterrâneos que praticam o agronegócio são de direita. E agora?

Federico Franco, substituto do prolixo (em todos os sentidos) Fernando Lugo, já, já vai nomear o novo Diretor Geral paraguaio de Itaipu... e vai telefonar para Dilma. Mudar-se-ão, como diria o falecido Jânio, as moscas, mas a panela é a mesma.

É só aparente a calma no Paraguai. Com seu novo governo, Federico Franco destoa totalmente da vizinhança venezuelana, argentina, equatoriana, nicaraguense etc e etc., que finge ser dos fracos e oprimidos, mas quando chega ao poder espalha companheiros por todo o canto para praticarem a arte de mamar. No fundo, no fundo, é tudo a mesma coisa. Uns mamam com a direita e outros com a esquerda em toda a América Latina. Menos no Paraguai. Lá quem é Lula é Lula, quem é Maluf é Maluf. Ops! Quem é Lugo é Lugo. Quem é Federico é Federico. Ou seja: não é verdade que tudo seja falso no Paraguai. Dilma verá.

Disponível em: <<http://jornalenoticias.com.br/zebetto/?p=151213>>. Acesso em: 18 abr. 2014.

## *Impeachment* falsificado



MARCELO ZERO 28 de Junho de 2012 às 09:01 (Sociólogo, especialista em relações internacionais e assessor da Liderança do PT no Senado)

### **O golpe do Paraguai representa uma agressão não apenas à frágil democracia paraguaia, mas também a todas as democracias do subcontinente**

O Paraguai sempre foi conhecido, no Brasil, como o país dos produtos falsificados. Com efeito, de lá chegavam ao mercado brasileiro uma grande variedade de bens falsificados: roupas, sapatos, medicamentos, cigarros, uísque, etc. Antes, alguns desses produtos eram *made in Paraguai*. Hoje, quase todos proveem de Taiwan e China, e apenas passam, com grande facilidade, pelo grande entreposto comercial que é o Paraguai.

Pensávamos que a criatividade dos falsificadores estava se esgotando, mas nos enganamos. A oligarquia paraguaia, herdeira do ditador Stroessner, a mesma que sempre se beneficiou com o contrabando, a falsificação, a corrupção e o fisiologismo, acaba de criar um produto novo: o *impeachment* falsificado.

Não há outro nome possível ao que aconteceu com o legítimo presidente do Paraguai, Fernando Lugo, que cometeu o único crime de tentar regularizar a situação fundiária do país, alicerçada em títulos tão falsos como uísque paraguaio. Trata-se realmente do *impeachment* falsificado, que encobre um verdadeiro e autêntico golpe de Estado.

Embora a constituição paraguaia assegure, em seu artigo 225, a possibilidade do “juízo político” contra o presidente, a maneira como esse processo se deu contraria os mais elementares princípios democráticos. Em menos de 36 horas, a velha oligarquia paraguaia tirou do colete um série de acusações sem nenhuma prova consistente contra Lugo, montou o processo, julgou e sentenciou.

Nunca antes na história das democracias viu-se um julgamento tão expedito. Acreditamos que nem mesmo um ladrão de galinhas já tenha sido julgado dessa forma numa autêntica democracia, já que esse pseudojulgamento obviamente inviabilizou o devido processo legal e o amplo direito à defesa, pedras angulares do estado democrático de direito.

Mas a impressão que dá é que o *impeachment* paraguaio não contrariou somente as normas democráticas internacionalmente consagradas, mas até mesmo a Teoria da Relatividade. Com efeito, um processo tão célere demandaria que os papéis se movessem acima da velocidade da luz, o que Einstein considerava impossível.

Entretanto, o *impeachment* falsificado parecer ter doce sabor ao paladar autoritário de alguns. O Departamento de Estados dos EUA prontamente reconheceu o julgamento inusitado e o governo ilegítimo que dele resultou. Tal presteza parece indicar que as autoridades norte-americanas participaram também, de alguma forma, da hipersônica deposição de Lugo. Não surpreenderia. Os EUA estariam apenas renovando a sua longa e notável tradição de “apoio democrático” aos golpes de Estado em nossa região. Uma tradição que vem sendo inquietantemente ressuscitada em tempos mais recentes. Em 2002, foi o falido golpe clássico contra Chávez. Em 2009, houve o exitoso “golpe branco” contra Zelaya, em Honduras. Hoje, é o *impeachment* paraguaio. Amanhã, poderão ocorrer golpes de todas as cores e matizes

contra Evo Morales, Rafael Correa, Hugo Chávez (de novo), Cristina Kirchner e quaisquer outros governos que possam contrariar os interesses estratégicos da única superpotência.

A América do Sul, que ainda passa por um bom momento econômico, tem um grande mercado em expansão e recursos naturais fabulosos, inclusive petróleo. Para um país em crise e com uma recuperação econômica muito lenta, a nossa região volta a interessar, como fonte de matérias primas e como um mercado dinâmico que poderia absorver a produção que não pode ser mais desovada no mercado interno. Há também o óbvio interesse geoestratégico de contrarrestar a crescente influência da China em nosso subcontinente. É claro que tais interesses seriam mais bem atendidos por governos conservadores, que provavelmente aceitariam, de bom grado, uma integração *à la* ALCA e políticas externas alinhadas e bem-comportadas. Pior para nós: é sempre desconfortável a “atenção” da única superpotência.

Porém, o *impeachment* falsificado cai bem também no paladar das forças conservadoras locais e regionais. A reação dos grandes grupos da mídia é particularmente interessante. Sempre prontas a denunciar quaisquer supostas ameaças à liberdade de expressão e à democracia, as mídias regionais não se acanham em defender golpes de Estado, com os argumentos mais estapafúrdios. Quando o presidente Lugo renegociou o pagamento pela energia de Itaipu, antes vendida a um preço risível, a nossa mídia conservadora só faltou pedir a invasão do Paraguai. Hoje, defende com unhas e dentes a “soberania paraguaia” e demanda ao governo brasileiro que não intervenha nos “assuntos internos” do Paraguai.

O problema é que o *impeachment* falsificado não é somente um “assunto interno” do Paraguai. É um assunto que diz respeito a todos os países do subcontinente. Que diz respeito ao Brasil.

Quase todas as nações da região estão empenhadas em processos de integração, particularmente o do Mercosul e o da Unasul, que demandam compromissos democráticos de seus Membros. Na realidade, a integração regional nasceu da redemocratização da região, que possibilitou a aliança entre Brasil e Argentina, grandes rivais geopolíticos na época das ditaduras.

Assim, a integração e a redemocratização são processos gêmeos, que se complementam e se reforçam mutuamente. Por isso, há neles cláusulas democráticas, como as que constam do Protocolo de Ushuaia e do Protocolo Adicional ao Tratado Constitutivo da Unasul sobre Compromisso com a Democracia, que preveem sanções severas, inclusive o fechamento das fronteiras, contra os Estados Partes que quebrem ou ameacem quebrar a ordem democrática. Do ponto de vista político, a integração regional, da qual o Brasil é grande beneficiário, tem como norte inequívoco o fortalecimento das democracias da região.

Portanto, o *impeachment* falsificado do Paraguai representa uma agressão não apenas à frágil democracia paraguaia, mas também a todas as democracias do subcontinente. É um tapa na cara de todos aqueles que lutaram, durante, décadas, contra as terríveis ditaduras da região. Que lutaram contra a tortura, os desaparecimentos, a censura, e pela prevalência política do voto popular, hoje desrespeitado pela oligarquia paraguaia.

Para essas forças progressistas e democráticas, o *impeachment* falsificado do Paraguai tem um sabor amargo que revive as páginas mais negras da história política da região. Gosto de uísque falsificado. Páginas que julgávamos definitivamente ultrapassadas.

É preciso reagir. Embora sanções econômicas fortes não sejam convenientes, pois afetariam o sofrido povo paraguaio, é preciso que o governo ilegítimo encastelado em Assunção sofra sanções políticas e diplomáticas significativas. No mínimo, o Paraguai deveria ser suspenso dos direitos políticos e administrativos assegurados pelo Mercosul e Unasul, até que sejam realizadas novas eleições, em 2013. Dificilmente isso fará que Lugo volte ao poder, dado o

seu grande isolamento institucional e partidário, mas é necessário dar um recado firme de que golpes de Estado, quaisquer que sejam suas roupagens, mesmo as mais juridicamente elegantes, não são mais tolerados no subcontinente.

Além de ser necessária à proteção da democracia da região, tal suspensão ainda teria efeitos colaterais positivos. Ela poderia proporcionar a incorporação definitiva da Venezuela como Membro Pleno do Mercosul, condição que vinha sendo obstaculizada obstinadamente pelo Senado paraguaio, e a negociação de acordos Mercosul/China, que não se concretizavam devido ao fato de que o Paraguai é um dos poucos países do mundo, e o único na América do Sul, que ainda reconhecem Taiwan. Ambas as coisas são do interesse estratégico do Brasil.

O que não pode acontecer é a inação. A aceitação passiva de um golpe de Estado perpetrado nas nossas barbas e contra um Estado Parte do Mercosul. Para aqueles que não chamam ditadura de “ditabranda”, isso é intolerável.

Se não se fizer nada, cria-se um precedente muito perigoso. Um precedente que será muito comemorado pelas forças reacionárias e obscurantistas da região. É comemorado com uísque paraguaio. Tão falso e “trucho” como o *impeachment* e o governo ilegítimo instalado hoje em Assunção.

Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/brasil247/66936/Impeachment-falsificado.htm>>. Acesso em: 18 abr. 2014



## O *Impeachment* do Collor e o golpe contra Lugo: um abismo de diferenças



Por Erick da Silva

Comparar o golpe contra o presidente Fernando Lugo, no Paraguai, com o *Impeachment* do Collor no Brasil, é um grande equívoco. Este tipo de comparação só é explicável devido a desinformação ou a mais pura má-fé.

Estes tipos de comentário exóticos, de tenta igualar situações completamente diversas, não é uma novidade e com grande frequência vemos figurar em opiniões relacionadas aos temas mais diversos e inapropriados. O caso da deposição do Lugo não é diferente. Não faltaram aqueles que tentaram, em um malabarismo confuso e com bases frágeis, igualar a saída de Lugo com a de Collor. Mesmo entre indivíduos que, em tese, deveriam respeitar um maior rigor analítico, não faltaram aqueles que enveredassem para esta visão perturbada dos fatos, como um certo professor universitário que a imprensa do Rio Grande do Sul deu algum espaço.

Reescrever a história, ainda mais a partir de fatos tão recentes, chega a ser um exercício ridículo. Vamos aos fatos: Collor teve um amplo e democrático processo de defesa, que durou meses. Ao final deste processo, Collor não foi deposto, ele renunciou. Lugo não teve espaço algum para defesa, entre a abertura do processo de afastamento e sua deposição, correram menos de 48h.

As "acusações" que foram desferidas contra Lugo eram todas, de caráter eminentemente político, e portanto, de avaliação subjetiva e passível de interpretações diversas e questionáveis.

Uma delas, acusava Lugo de ter "ligações com movimentos sociais", se isso é um crime, porque não inverter a lógica deles e passarmos a destituir todos os presidentes que tenham ligações com banqueiros, por exemplo? Além do mais, foi justamente esta ligação e trajetória de Lugo que o levou a presidência do Paraguai.

Collor, por sua vez, foi destituído por sua ligação com esquemas de corrupção, que foram amplamente divulgados, debatidos e investigados. Collor foi considerado culpado pela Polícia Federal, que encontrou vários indícios de corrupção e troca de favores. Não houve, durante todo o processo de *Impeachment*, um julgamento político do governo Collor que tenha pesado contra a sua permanência na presidência, pelo contrário, as políticas neoliberais, que começaram a ser postas em prática em seu governo foram aprofundadas durante os dois governos de Fernando Henrique Cardoso que o sucederam.

No Paraguai tivemos um golpe, com tintas de falsa legitimidade, no caso brasileiro, tivemos um amplo processo democrático que levou a interrupção de um governo. A única semelhança entre Collor e Lugo é o fato de ambos se chamarem Fernando, fora isso, um grande abismo separa a trajetória política e o processo de destituição dos dois.

Disponível em: <<http://www.aldeiagaulesa.net/2012/06/o-impeachment-do-collor-e-o-golpe.html#.VcAGvUa87Wp>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

## FERNANDO LUGO É O FERNANDO COLLOR PARAGUAIO

segunda-feira, junho 25, 2012

Por Elsinho Mouco

O mundo discute o Impeachment em 30 horas do presidente paraguaio Fernando Lugo, não é verdade, esse processo de impedimento começou a 30 meses e uns quebrados, desde a posse de Lugo, os seus primeiros atos como mandatário sinalizava que a sua



vitória, a sua personalidade, a sua gestão, seria uma tragédia política. Deu no que deu. Pra não ficarmos na argumentação política, apaixonada, partidarizada, só vou lembrar um perfil deste senhor Obispo, logo no primeiro mês da sua eleição apareceram algumas mulheres se dizendo violentadas e/ou amantes do sacerdote Lugo, reclamando o reconhecimento das crianças. Até agora foram 4 filhos publicamente reconhecidos pela sociedade paraguaia, (Lugo já admitiu e reconheceu dois), tá bom assim ou preciso dizer mais? rs Muito parecido com Collor de Melo, Lugo não tinha respeito pelo rito, por exemplo, mantinha o Palácio dos Lopes como se fora um bordel, viciado em sexo, ele todas as noites champanhava. Isolado como Collor, o ex-mandatário tinha o hábito de não atender a classe política, diferente do Collor, ele pelo menos ouvia, atendia os líderes, pra depois não fazer absolutamente nada. O Paraguai na verdade fez a tarefa de casa, mas sabemos que a 'esquerda paraguaia' é a queridinha dos presidentes vizinhos, Dilma, Cristina, Evo e Jose Mujica, todos tem pânico do Liberal Federico Franco, mas gostando ou não do processo essa é uma decisão soberana dos paraguaios. Agora tem uma coisa, nada que uma boa freada de arrumação ponha todos à mesa. É o caso. E Lugo, hein? Ah... esse só quer é namorar, Larissa Riquelme nele!!!!Ver mais

Elsinho Mouco é profissional de comunicação (Publicitário)

Mora e trabalha em São Paulo

"Ser moderno, sem perder a memória" é sua citação favorita.

Disponível em: <<http://canalrr.blogspot.com/2012/06/fernando-lugo-e-o-fernando-collor.html>> Acesso em: 20 abr. 2014.

## **SP toma o lugar do Paraguai como paraíso das muambas**

**AE - AGENCIA ESTADO**

08 Fevereiro 2009 | 09h 22

Nas madrugadas de segunda e terça-feira, enquanto a maior parte do Brasil dorme, as compras fervem no da manhã, já há filas de ônibus na Rua São Caetano, no Brás, à espera de vagas. As excursões chegam de lojistas e camelôs que gastam em média R\$ 2 mil para abastecer seus estoques. No fim da tarde, depois de shoppings e lojas populares, voltam carregados de sacolas. Roupas de R\$ 10 a peça, tênis piratas a R\$ 35 eletroeletrônicos mais baratos do que os vendidos em Ciudad del Este, bolsas com falsificações de boa qualidade até games nos quais Ronaldinho disputa o Campeonato Brasileiro como atacante do Corinthians. Os consumidores movimentam R\$ 1 bilhão em compras mensalmente e transformam o centro de São Paulo no principal polo muambas - piratarias e contrabando, papel anteriormente ocupado pelo Paraguai. Só no estacionamento Brás, chegam em média 9 mil ônibus por mês. No Pátio 25, no centro, são mais 600. 'Gastam o mesmo que luxo no Nordeste?', compara o presidente da São Paulo Turismo, Caio Luiz de Carvalho. O Sindicato dos estima que o País perca R\$ 30 bilhões em arrecadação com esse tipo de ilegalidade. Com a crise econômica São Paulo deve testemunhar uma nova enxurrada de produtos piratas. 'Haverá mais desempregado vendendo grandes fornecedores buscará os centros mais tolerantes?', prevê Márcio Gonçalves, ex-secretário executivo Combate à Pirataria. A pujança do mercado de muambas paulistano se consolidou por estar livre dos rigores presentes na Ponte da Amizade, em Foz do Iguaçu, e pela ousadia dos contrabandistas, que passaram a trazer As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,sp-toma-o-lugar-do-paraguai-como-paraiso-das-muambas,320278>>. Acesso em: 29 ago. 2014

## **Paraguaia, maconha vendida em SP vem com fungos e formigas**

DE SÃO PAULO  
12/11/2012 05h31

A maconha vendida em São Paulo é quase toda produzida no Paraguai. A droga aparece misturada a folhas, caules e outras plantas. "E também restos de insetos ou formigas, como em qualquer colheita rudimentar feita de forma clandestina", explica o perito José Luiz da Costa, do Instituto de Criminalística.

Maconha vendida em São Paulo está mais potente, indica estudo

**Análise:** Desafios para 'decifrar' a droga começam antes do laboratório

Em geral, a maconha paraguaia chega a São Paulo prensada e embalada em filme plástico ou alumínio, e adesivada. As condições de transporte são precárias -normalmente em caminhões, escondida entre outros produtos.

Por uma questão econômica, ela não chega ao mercado totalmente seca. É que o tempo de secagem da colheita é relativamente longo (cerca de uma a duas semanas) e as folhas úmidas pesam mais, o que significa um ganho extra para o produtor.

Uma monografia coordenada por Costa em 2011 apontou a presença de três tipos de fungos em maconha apreendida, alguns deles comumente encontrados em alimentos em estado de deterioração. Para Dartiu Xavier, da Unifesp, de forma geral, não há nada objetivo quanto ao risco para seres humanos. Os fungos podem causar alergia e intoxicação para pessoas hipersensíveis, como também doenças em indivíduos imunodeprimidos.

As condições de embalagem e transporte da maconha prensada também podem favorecer a liberação de amônia, de acordo com Elisaldo Carlini, também da Unifesp.

"Com o tempo, a maconha envelhece e se degrada. Pior ainda se estiver umedecida. Amônia na maconha é sinal de má conservação", diz.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/11/1184158-paraguaia-maconha-vendida-em-sp-vem-com-fungos-e-formigas.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2013

## **'Black Friday' leva milhares de consumidores a Ciudad del Este, no Paraguai**

A cidade paraguaia de Ciudad del Este, conhecida pelo intenso comércio na fronteira com Brasil e Argentina, recebe nesta sexta-feira milhares de visitantes atraídos por descontos de até 70% em produtos de informática, eletrônica e outros bens, durante a inédita feira comercial 'Black Friday'.

Associações de comerciantes da segunda maior cidade do Paraguai se inspiraram na ideia dos Estados Unidos para promover grandes ofertas com o intuito de reestabelecer o comércio e consolidar a feira como evento anual.

A 'Black Friday' começou na quinta-feira e terminará no próximo domingo com uma previsão de vendas de cerca de US\$ 100 milhões. Desde ontem foram registradas filas a partir das 4h locais, duas horas antes da abertura das lojas. Alguns produtos esgotaram em minutos. "Parecia Nova York", descreveu o coordenador da feira, Arsenio Ortiz, à "Rádio Monumental".

Ortiz disse que espera 20 mil visitantes por dia, em uma cidade de 390 mil habitantes que se transformou para o evento. Paraíso das compras no Paraguai, a cidade faz parte da chamada de Tríplice Fronteira, junto com Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazú (Argentina), abrigando comunidades de origem asiática e árabe.

Os comerciantes envolvidos no Black Friday procuraram romper com a fama de Ciudad del Este de local de contrabando em massa de produtos falsificados, provenientes principalmente da Ásia e revendidos no Brasil e Argentina. Os responsáveis pelo evento fizeram alianças com a Direção de Defesa do Consumidor do Paraguai e com operadoras de cartões de crédito.

"Qual é a desconfiança do cliente ao vir a Ciudad del Este? Que não lhe vendam gato por lebre", disse Ortiz. De acordo com o coordenador, apoio das autoridades de Consumo, com postos de reivindicações no evento, ajudou a mitigar o mito de que os produtos da feira não sejam originais.

Promovida em países vizinhos, a feira atraiu compradores da Argentina, Brasil e Chile e, maciçamente, do Paraguai com a expectativa de adquirir bens com descontos entre 20 e 70%. Nesses quatro dias, os comércios ficarão abertos das 6h até as 21h.

Com os US\$ 100 milhões que se pretende arrecadar, os negociantes esperam se recuperar da queda do comércio motivada pelas taxas de câmbio, greve de bancos e correios e

novos controles do Brasil, disse Ortiz. Durante a Black Friday, a quota de entrada de mercadorias ao Brasil de US\$ 300 por pessoa continuará em vigor.

Enquanto os consumidores procuram os últimos modelos de telefones celulares a preço baixo, um helicóptero sobrevoa permanentemente a zona comercial da cidade e nas ruas há unidades reforçadas de Polícia, inclusive agentes antinarcóticos, de acordo com o porta-voz da polícia da cidade, Augusto Lima.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2012/05/1088998-black-friday-leva-milhares-de-consumidores-a-ciudad-del-este-no-paraguai.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2013.